

Pastoral Catequética

revista de catequese e educação

15

A Palavra na Catequese

A Palavra de Deus como proposta de crescimento pessoal e de transformação social [11-35]

P. JOAQUIM MANUEL GARRIDO MENDES

Apresentação do Projecto Despertar da Fé [37-44]

IR. MARIA JOSÉ BRUNO

Perspectivas sobre uma pedagogia bíblica para a catequese - 1º ao 10º catecismo [45-82]

PURIFICAÇÃO GUILHERME

P. LUÍS MIGUEL RODRIGUES

P. MANUEL QUEIRÓS DA COSTA

O catecumenado baptismal, fonte de inspiração da catequese [83-88]

P. PAULO COSTA MALÍCIA

Iniciar na fé (fazer discípulos) com a intervenção da família [91-103]

D. MANUEL MADUREIRA DIAS

A pastoral da iniciação cristã – olhares sobre a realidade [105-109]

D. JOSÉ FRANCISCO ALVES

Fazer evoluir as representações sobre a catequese [113-127]

HENRI DERROITTE

Edição e Propriedade

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

Contribuinte: 501104038

Quinta do Cabeço, Porta D 1885-076 MOSCAVIDE

Telef.: 21 885 12 85 / 21 886 35 11 Fax: 21 885 13 55

E-Mail: educacao-crista@sapo.pt

Director

Augusto Manuel Arruda Cabral

Conselho de Redacção

Tomaz Silva Nunes, Anacleto Oliveira, António Francisco dos Santos,
António Marcelino, Maria Helena Pereira, Cristina Sá Carvalho.

Sede da Redacção

Quinta do Cabeço, Porta D 1885-076 MOSCAVIDE

Paginação e Montagem

Ângela Baptista

Tiragem

1000 exemplares

Condições de assinatura

Número Avulso: 5 Euros

Assinatura Anual (3 números): 15 Euros

Ideografia

Aristides Dourado

Nº de Registo

124627

Impressão

GRÁFICA ALMONDINA

Zona Industrial

2354-909 Torres Novas

Depósito legal

221 724/05

Esta revista encontra-se à venda em Livrarias Religiosas

Editorial

P. AUGUSTO MANUEL ARRUDA CABRAL (*)

Aproximamo-nos, mais uma vez, do final do ano. Queremos terminá-lo com a publicação do número 15 da nossa Revista «Pastoral Catequética», numa altura em que também já está à vossa disposição o site da Comissão Episcopal da Educação Cristã www.educris.com.

Aproveitando a extensão dos nossos meios de comunicação com o público habitual desta casa, convidamos os leitores usuais da Revista a tornarem-se, igualmente, “navegadores” no site, prometendo que este, como já aconteceu no último mês, trará sempre, a partir de agora, novidades sobre a Revista, seus artigos e autores. Assim, os meios tradicionais de comunicação – como seja a palavra escrita – combinam-se, harmoniosamente com a linguagem da fotografia, do filme ou com outras formas de tratar e enviar a palavra, mais ágeis, mais rápidas, sempre complementares.

E é, precisamente, da Palavra, que nos fala quase todo este número, essencialmente, dedicado à «**Palavra na Catequese**», tema das Jornadas Nacionais de Catequistas que este ano tiveram lugar entre 23 e 25 de Janeiro, sempre com aquela simpática e entusiástica adesão de Catequistas de todo o país. A introdução da primeira comunicação que aqui publicamos, proferida pelo P. Joaquim Garrido Mendes e sob o título «*A Palavra de Deus como proposta de crescimento pessoal e de transformação social*», resume muito bem a questão de base que nos levou a organizar umas Jornadas para tratar este tema e, num ano tão fortemente dedicado à reflexão em torno desta: “Provavelmente já todos dissemos alguma vez, durante um encontro de Catequese ou numa oportunidade semelhante, que a Bíblia é Palavra de Deus. De facto, na Bíblia – nessa “biblioteca” de 73 livros,

(*) Director.

compostos ao longo de mais de mil anos – estão palavras que Deus quis dizer aos homens e às mulheres de todas as épocas e lugares... Contudo, não sei se alguma vez vos lembrastes de perguntar a vós próprios porque é que Deus se deu ao trabalho de nos falar, porque é que Deus julgou necessário entrar na nossa história, derrubar as barreiras do silêncio infinito do cosmos, para vir ao nosso encontro e estabelecer comunicação connosco, através da fragilidade e dos limites das palavras faladas ou escritas...” Esta belíssima comunicação pretendeu desafiar os Catequistas para uma atitude de escuta da Palavra que se concretize na renovação da sua vida como cristãos, activamente presentes na sociedade de hoje.

De qualquer modo, e como é habitual nas Jornadas, foram propostos aos Catequistas *ateliers* vários que procuraram ajudá-los a preparar-se para escutar, proclamar e viver a Palavra com as crianças e adolescentes das várias etapas do nosso programa de Catequese, designados **«Perspectivas sobre uma pedagogia bíblica para a Catequese»**. Assim, a Ir. Maria José Bruno fez a «*Apresentação do Projecto Despertar da Fé*» destinado a crianças em idade pré-escolar, e que tão bem parte de uma pedagogia bíblica adaptada a crianças na segunda infância. Purificação Guilherme complementou essa reflexão com as propostas de trabalho para a 1ª fase, em que os Pais são, necessariamente, considerados. O P. Luís Miguel Rodrigues oferece-nos um extenso e útil itinerário de reflexão sobre a Palavra na Catequese e sobre a prática da *Lectio Divina* a propósito da Catequese da 2ª fase¹. O P. Manuel Queirós da Costa apresenta-nos um contributo funcional e sintético na linha da sua experiente reflexão sobre a Catequese da adolescência (3ª fase). O P. Paulo Malícia aproveitou a experiência do seu trabalho (4ª fase) para, a propósito da Palavra na Catequese, reflectir sobre o Catecumenado Baptismal como fonte de inspiração da Catequese.

Temos, igualmente, a feliz oportunidade de vos oferecer dois textos apresentados em Abril último, na diocese de Évora, no anual Encontro Nacional de Catequese que o Secretariado Nacional da Educação Cristã organiza com os responsáveis diocesanos de Catequese, e que, assim, ficam disponíveis para um público mais amplo. Trata-se da fundamentada e vivida conferência de D. Manuel Madureira Dias, Bispo Emérito do Algarve, sobre «*Iniciar na Fé (Fazer discípulos) com a intervenção da família*» e a

¹ Contámos, igualmente, com a colaboração do P. José Henrique Pedrosa na animação de um atelier sobre o uso da *Lectio Divina* com as crianças da 2ª fase.

introdução que D. José Francisco Alves, Arcebispo de Évora, nos ofereceu na apresentação de um painel - em que nos foram mostradas experiências inovadoras no domínio da Catequese, oriundas de três paróquias das dioceses de Évora, Lisboa e Aveiro - e que, mesmo sucintamente, põe em relevo a sua longa experiência neste domínio, e cujo título é «*A pastoral da iniciação cristã – olhares sobre a realidade*».

Finalmente, e como se está a tornar um agradável e proveitoso hábito, encerramos este número com o capítulo dos Estudos, desta feita apenas um, da autoria de um Catequeta de grande mérito e que é, também, um bom amigo: Henri Derroitte oferece-nos uma interessantíssima reflexão sobre as novas formas de transmissão da fé, «*Fazer evoluir as representações sobre a Catequese. Novas opções catequéticas de cinco países ocidentais*». Como refere o autor, todos estes textos foram redigidos com a vontade de apoiar e de encorajar a prática de uma Catequese aberta a todos os componentes da vida cristã, pelo que a sua reflexão, de si interessante para os Catequetas, também o será para os Catequistas: “As coisas estão a mexer um pouco por todo o lado. O modo de fazer Catequese ainda não evoluiu de uma maneira significativa no mundo ocidental, mas constatamos que esta questão se vai tornando central.” Parece-me uma bela proposta de leitura!

Deixemos, ainda e aqui registada, a presença e a pedagogia que nos ofereceu, nas Jornadas, o Sr. D. Anacleto Oliveira, Vogal da Comissão Episcopal da Educação Cristã, na altura, recentemente regressado do Sínodo dos Bispos convocado pelo Papa para Outubro de 2008 e que teve como objectivo reforçar a prática do encontro com a Palavra de Deus como fonte de vida em todos os âmbitos: pessoal, familiar e social. Da sua experiência ficou-nos uma visão do desafio que temos na Catequese e na Educação Religiosa, em geral, no sentido de ajudar as pessoas a aproximar-se cada vez mais da Palavra de Deus, explorando adequadamente a riqueza da Escritura, por exemplo, através da experiência da ‘Lectio divina’ e propondo aos cristãos e aos homens e mulheres de boa vontade vias adequadas e fáceis para escutar a Deus e falar com Ele.

Jornadas Nacionais de Catequistas

A Palavra na Catequese

A Palavra de Deus como proposta de crescimento pessoal e de transformação social

P. JOAQUIM MANUEL GARRIDO MENDES (*)

Introdução

Provavelmente já todos dissemos alguma vez, durante um encontro de catequese ou numa oportunidade semelhante, que a Bíblia é *Palavra de Deus*. De facto, na Bíblia – nessa “biblioteca” de 73 livros, compostos ao longo de mais de mil anos – estão palavras que Deus quis dizer aos homens e às mulheres de todas as épocas e lugares... Contudo, não sei se alguma vez vos lembrastes de perguntar a vós próprios porque é que Deus se deu ao trabalho de nos falar, porque é que Deus julgou necessário entrar na nossa história, derrubar as barreiras do silêncio infinito do cosmos, para vir ao nosso encontro e estabelecer comunicação connosco, através da fragilidade e dos limites das palavras faladas ou escritas...

É possível que esta questão tenha diversas respostas... A mim, contudo, só me ocorre uma: Deus deu-se ao trabalho de nos dirigir a palavra, porque nos ama com um amor infinito, com um amor que está para além de toda a nossa compreensão. É o amor que leva Deus a tomar a iniciativa de vir ao nosso encontro, de se misturar com o nosso barro, de estabelecer um diálogo connosco, arriscando chocar contra a nossa incompreensão ou contra a nossa recusa.

Deus falou-nos porque nos ama: eis uma verdade incrível, que não deve nunca cessar de nos espantar! E amar significa estabelecer relação, ir ao

(*) Sacerdote Dehoniano. Bibliista. Director do Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa.

encontro daquele ou daquela que é objecto do nosso amor, dizer-lhe o que nos enche o coração, comunicar-lhe as nossas preocupações e sonhos, partilhar com essa pessoa aquilo que somos, aquilo que pensamos, aquilo que sentimos, os nossos projectos, a nossa visão do mundo e da vida.

Mas amar é, também, interessar-se pelo outro, querer o seu crescimento, inquietar-se pela sua felicidade. É ficarmos angustiados se o outro cai e não sabe como se levantar, é sentirmos o nosso coração a desfazer-se quando aquele ou aquela a quem amamos escolhe caminhos que lhe roubam a vida e a felicidade. Ora, é desta forma que Deus encara a sua relação connosco... Ele não admite ficar de braços cruzados quando nos vê percorrer, com alegre inconsciência, caminhos de egoísmo e de auto-suficiência, caminhos de destruição e de morte, caminhos que nos limitam e nos impedem de crescer. Por isso, Deus ousou falar-nos, ousou estabelecer connosco um diálogo desafiante e questionante, ousou traduzir em palavras humanas o carinho, a preocupação, a ternura, o cuidado de pai e de mãe que ele sente por nós.

As palavras que Deus dirigiu à humanidade são as palavras de alguém que nos ama e que, por isso mesmo, quer ver-nos crescer como pessoas, quer que nos realizemos plenamente, quer que atinjamos os limites máximos das nossas possibilidades de realização, quer levar-nos até à dimensão da vida plena. A Bíblia é um concentrado das palavras que, nesse sentido, Deus quis dirigir à humanidade. Não é um arquivo morto, um museu de palavras ultrapassadas, cobertas pelo pó dos séculos; mas é uma fonte de água viva de onde brotam continuamente as palavras que Deus nos dirige para nos fazer crescer.

O autor da “carta aos Hebreus”, numa apresentação resumida, mas muito sugestiva, da história do diálogo entre Deus e a humanidade, diz que, outrora, “Deus falou aos nossos pais pelos Profetas” (Heb 1,1); mas “nestes tempos que são os últimos, Deus falou-nos por meio do Filho” (Heb 1,2). Eu vou pegar na sugestão do autor da “carta aos Hebreus” e vou reflectir um pouco convosco sobre estes dois compassos da mesma sinfonia de amor; vou propor-vos uma breve reflexão sobre a forma como a Palavra de Deus que ecoou, quer pela boca dos profetas, quer pela boca do Jesus, o Filho de Deus, nos interpelou e se tornou proposta de crescimento pessoal e de transformação social.

1. Deus falou outrora aos nossos pais pelos Profetas (Heb 1,1)

Ao longo da história, Deus inventou as mais diversas maneiras de falar connosco. Um dos métodos preferidos de Deus para fazer ouvir no mundo a sua voz passou por escolher e convocar pessoas – pessoas como nós, com uma família, com uma história, com defeitos e qualidades – para nos desafiar, para nos indicar caminhos, para nos convidar à esperança, para nos fazer crescer. Essas pessoas foram chamadas “profetas” (os “nebiím”) – palavra que, na sua origem, sugere aquele ou aquela que Deus chama e que envia em missão (uma missão que tem a ver com fazer ecoar no mundo dos homens as palavras e as propostas de Deus).

1.1 O cenário de fundo da intervenção profética: a “aliança”

A missão profética de dizer aos homens palavras de Deus desenrola-se tendo sempre como cenário de fundo uma realidade a que a catequese de Israel chamou “aliança”. O Povo de Deus encontrou no termo “aliança” (*berit*) – um termo que provém das relações humanas, muito usado em formulários jurídicos para definir um compromisso assumido entre duas partes unidas por uma relação – uma forma privilegiada de exprimir a comunhão entre Deus e o seu Povo.

Na base da experiência de Deus feita por Israel está a libertação da escravidão do Egito. Deus ouviu o clamor do seu Povo, oprimido e condenado à morte, e fê-lo erguer-se, vencer a opressão e partir ao encontro da liberdade e da vida. À medida que o povo libertado se internava nos caminhos desolados do deserto do Sinai, onde cada passo é uma epopeia, cada migalha de pão é um dom de Deus e cada gota de água um milagre, ia percebendo a presença constante de Deus, que o transportava “sobre asas de águia” (Ex 19,4) e que cuidava dos seus filhos com ternura de pai e de mãe. Mais, à medida que caminhava, Israel ia descobrindo que Jahwéh não era, apenas, o Deus libertador, mas queria estabelecer com o seu Povo uma história de amor, de comunhão, de proximidade, de aliança. A celebração da aliança no Sinai – depois renovada sucessivamente em diversas circunstâncias, ao longo do caminho histórico de Israel – foi o momento de oficializar o desafio da comunhão, foi o momento em que Jahwéh e Israel se comprometeram um com o outro. Israel aceitou, então, o convite para integrar a família de Deus e envolveu-se com Jahwéh numa história de amor e de comunhão.

Ao aceitar comprometer-se com Deus, Israel recebe um conjunto de indicações – mandamentos, leis e preceitos – destinados a orientar o seu caminho pela história. Essas indicações dizem respeito à relação com Deus e às relações comunitárias, abarcando, portanto, os dois vectores à volta dos quais se estrutura a existência humana. Para ser família de Deus e para estar em comunhão com Deus, Israel deve escutar as indicações de Deus, deve acolher, interiorizar e viver as propostas de Deus. Israel será, assim, o Povo de Deus, que vive, anuncia, testemunha e torna presente no mundo as propostas de Deus para a humanidade inteira. Mais, o projecto de vida que Deus propõe a Israel quando com ele se envolve em aliança – e, através de Israel, a todos os povos da terra – é um projecto de realização e de felicidade, que garante ao Povo de Deus a libertação de todas as escravidões e indica o caminho que conduz à liberdade e à vida. A catequese tradicional de Israel tem plena consciência desta realidade e não tardará a identificar a Lei de Deus com a árvore da vida, onde o Povo de Deus deverá ir colher os frutos que lhe permitem alimentar-se e crescer; ou com um poço de onde brota continuamente essa água que mata a sede de vida de uma humanidade sempre em busca do seu caminho e da sua realização plena.

Cumprir os mandamentos dados por Deus, viver na órbita da “aliança” – isto é, ter Jahwéh como referência, escutar a Palavra de Deus e conduzir a própria vida em coerência com essa Palavra – assegura a felicidade e a realização do homem; viver na fidelidade aos compromissos da aliança, ensina o Povo a superar a mentalidade da escravidão e aponta à liberdade e à abundância da Terra Prometida; escutar, acolher e viver os mandamentos propostos por Deus, significa lançar as bases de um mundo que assenta no amor, na paz, na fraternidade e na justiça.

1.2 A infidelidade à “aliança” como fonte de desagregação pessoal e comunitária

Contudo, Israel rapidamente esqueceu os compromissos que assumiu ao aceitar embarcar com Deus na aventura da aliança. Os livros do Êxodo (cf. Ex 32,1-10) e dos Números (cf. Nm 11,1-15; 14,1-12; 16,1-35; 17,6-15; 20,2-13; 21,4-7; 25,1-18) mostram como, ainda durante a caminhada pelo deserto, Israel assumiu atitudes de rebelião contra Deus e contra a aliança: em certos momentos duvidou de Deus, noutras ignorou deliberadamente as indicações de Deus, noutras ainda agarrou-se ao passado de escravidão e recusou assumir o risco da liberdade.

Quando, finalmente, se instalou na Terra Prometida, o Povo de Deus não se curou dessa doença da infidelidade. Pelo contrário, as influências de outros povos vão fazer com que Israel esqueça Jahwéh e corra atrás de propostas ilusórias de felicidade e salvação; aos poucos, o Povo da aliança escolhe e percorre atalhos sem saída onde já não se ouvem as palavras, indicações e propostas de Jahwéh.

1.2.1 O pecado de Israel

Na perspectiva dos profetas, a infidelidade de Israel traduz-se, fundamentalmente em duas atitudes práticas: idolatria e injustiça social.

A idolatria tem, antes de mais, uma dimensão religiosa. Apresentado aos deuses dos povos cananeus que habitavam a terra, Israel deixa-se contaminar por influências estranhas e passa a frequentar os locais de culto cananeus. Aos poucos, transfere de Jahwéh para Baal e Asherah a sua adoração e o seu louvor. Embora Jahwéh continue a ser, em teoria, o Deus nacional, é a Baal que os israelitas agradecem os frutos da terra, a chuva que fecunda os campos, a renovação e a fecundidade dos rebanhos. Jahwéh deixa de contar; as suas palavras já nada significam na vida de um povo que, progressivamente, transfere os seus interesses para outros deuses e outras propostas. Alguns profetas – como Oseias – irão dizer, para descrever este quadro, que Israel é como uma mulher infiel, que abandonou o amor do marido para ir atrás dos amantes.

Mas a idolatria tem, também, uma vertente política. Israel está tão afastado de Jahwéh que, progressivamente, deixa de lhe entregar nas mãos a sua segurança e a sua esperança. Quando o futuro da nação parece ameaçado ou quando as crises da história colocam obstáculos no caminho do Povo, os reis de Israel buscam segurança em alianças políticas com outras nações e abrigam-se à sombra do poderio de potências estrangeiras. Essas alianças políticas significam, efectivamente, que Jahwéh está fora dos horizontes do Povo, significam que o Povo da aliança prescindiu desse Deus salvador e libertador que o tirou da escravidão do Egipto e que lhe deu essa “terra boa” onde “corre leite e mel”, para entregar a sua salvação e a sua esperança de vida e de felicidade nas mãos dos soldados e dos carros de guerra de potências estrangeiras.

Ao prescindir de Jahwéh, Israel vai também esquecer as indicações, propostas e mandamentos que ele entregou ao Povo. Esse esquecimento traduz-se, rapidamente, em atitudes de orgulho e de auto-suficiência que potenciam o egoísmo, as injustiças, a exploração dos pobres e dos fracos. Os profetas não podem deixar de, em nome de Deus, denunciar o pecado de uma sociedade atolada na injustiça e na exploração, que deixa a opulência e o luxo dos ricos contrastar com a miséria dos pobres e a exploração dos mais desfavorecidos (Am 3,15; 4,1; 5,11; 6,4-6), que aceita que os tribunais (tradicionalmente, o lugar onde o pobre vê corrigidas as injustiças de que foi vítima) fomentem novas injustiças contra os mais débeis (Am 5,7.12-14), que admite que o próprio culto floresça à custa das dádivas dos ricos (muitas vezes fruto das rapinas e das injustiças cometidas contra os fracos e os pobres – cf. Am 2,8; 4,4-5; 5,21-25), que aceita que a sociedade se instale num estado endémico de violência, de desordem institucionalizada, que subverte a harmonia social hipoteca o futuro da nação.

1.2.2 O sem sentido de um caminho à margem de Deus

Os profetas bíblicos, embora desenvolvam o seu ministério em épocas diferentes e em circunstâncias históricas diversas, fazem todos a mesma leitura da história e da vida de Israel: quando o Povo de Deus escolhe ignorar as palavras e indicações de Deus, quando o Povo da aliança escolhe percorrer caminhos à margem de Deus, está a construir um futuro sem perspectivas, um futuro de sofrimento e de infelicidade. Ao perder a sua referência fundamental, que é Deus, ao escolher caminhos de auto-suficiência, ao substituir Jahwéh por outros interesses – frequentemente, interesses egoístas e projectos pessoais que apenas geram escravidão e dependência, egoísmo e injustiça – o Povo de Deus caminha à deriva, entregue ao sabor dos interesses e das circunstâncias, sem um projecto de futuro, sem esperança e sem possibilidade de encontrar vida em plenitude.

Creio que ninguém pode desmentir esta verdade fundamental: ignorar Deus e as suas palavras apenas conduz a um beco sem saída; ignorar Deus e as suas palavras faz com que o homem não desenvolva as suas potencialidades e estacione na mediocridade, longe da sua realização plena. Em termos pessoais, o homem não cresce e não se realiza plenamente se persiste em caminhar à margem de Deus, fechando-se num egoísmo e numa auto-suficiência que o esterilizam.

O egoísmo, o orgulho e a auto-suficiência dos indivíduos têm, por sua vez, dramáticos custos na construção da própria sociedade. O pecado individual afecta o tecido comunitário. As infidelidades dos indivíduos geram injustiça, exploração, violência, anarquia, levantam muros de ódio e separação e quebram, assim, a unidade, a fraternidade e a solidariedade do Povo de Deus (que o caminho proposto pelos mandamentos assegurava). Os sofrimentos, os dramas, as rupturas que daí resultam degradam o tecido comunitário e criam uma sociedade desequilibrada, exploradora, que inventa continuamente mecanismos de escravidão e de morte e que encerra em si própria os germens da sua destruição. Não há dúvida: quando o homem pretende seguir caminhos onde Deus não está, deixa-se condicionar por deuses que escravizam e resvala rapidamente para projectos que desfeiam o mundo e introduzem na sociedade mecanismos de sofrimento, de desgraça e de morte.

1.3 A proposta profética para vencer as crises

Qual o caminho que os profetas apontam para vencer as crises que afectam os indivíduos e as comunidades?

Esses homens – através dos quais ecoam no mundo as palavras de Deus – são unânimes quanto à solução a adoptar para que os israelitas reencontrem os caminhos da Vida e da sua plena realização: o Povo de Deus tem de converter-se a Jahwéh, tem de reencontrar-se com Jahwéh. O verbo hebraico *shub* – que aparece constantemente repetido na mensagem profética – traduz a ideia de mudar de rumo, de fazer marcha atrás, de emendar-se. É “afastar-se do mau caminho” que se vem seguindo (Ez 13,22; 33, 9) e que conduz à morte (cf. Ez 33,11); é emendar-se da sua perversidade e má conduta (cf. Jer 23,14; Ez 3,19). Em contexto religioso, contudo, o verbo *shub* inclui sempre a ideia de “voltar para Deus”, quer dizer, reconhecer que só Deus é o Senhor (cf. Jer 3,14), dirigir de novo o olhar e o coração para Jahwéh e estabelecer com o Senhor uma relação de intimidade e comunhão (cf. Jer 24,7), passando a escutar a voz de Deus, a acolher no coração as suas propostas, a trilhar outra vez o caminho dos mandamentos.

Este “voltar para Jahwéh” não é, apenas, um movimento piedoso e beato, sem consequências na vida prática; mas tem, também, uma dimensão social... Implica a mudança de comportamento para com os irmãos e exige a prática do direito, da justiça (cf. Ez 18,27; 33,14.19) e da misericórdia

(cf. Os 12,7). “Voltar para Deus” é assumir plenamente os compromissos assumidos na aliança – a nível de pensamento e de querer – e agir em conformidade com os mandamentos, inclusive com aqueles que defendem os direitos e a dignidade dos irmãos.

Cada profeta irá traduzir a realidade do “voltar para Deus” de uma maneira muito particular, de acordo com a sua própria sensibilidade e com os problemas da sociedade do seu tempo. Amós, o profeta da justiça social, entende a conversão sobretudo em chave de justiça. Para ele “converter-se” é, não apenas buscar Jahwéh (cf. Am 5,4), mas, sobretudo, respeitar a justiça nas relações comunitárias: recusar viver na opulência à custa dos pobres (cf. Am 4,1-3; 6,1-7), não mascarar as injustiças e arbitrariedades contra os mais débeis com um culto vazio, mentiroso e desligado da vida (cf. Am 4,4-13), não aceitar subornos nem violar os direitos dos pobres em tribunal (cf. Am 5,12), não especular com os bens de primeira necessidade (cf. Am 8,4-7), aumentando o sofrimento e a miséria dos pobres.

Para Oseias – que lê a relação entre Jahwéh e o seu Povo em chave matrimonial, como se o Povo fosse a esposa infiel e Deus o marido sempre fiel, que tem pela esposa um amor indestrutível e nunca desmentido – “voltar para Deus” é abandonar os deuses (os amantes) que seduziram o Povo, é reconhecer que só o amor fiel e inquebrantável de Deus é fonte de vida e de felicidade, é deixar-se transformar e cativar por esse amor e correr de novo para os braços do Deus da aliança (cf. Os 2,9).

Para Isaiás, o “voltar para Deus” contempla duas dimensões essenciais. A primeira (cf. Is 1-5), desenvolvida na primeira fase do seu ministério, tem uma forte acentuação social, na linha da mensagem de Amós... Nessa dimensão, a conversão passa pelo abandono das injustiças, das arbitrariedades, da exploração dos fracos e dos pobres, e por um forte compromisso com a justiça e o respeito pelos direitos das viúvas, dos órfãos, dos pobres e dos débeis. A segunda, desenvolvida numa fase mais tardia da missão profética de Isaiás, acentua a dimensão da fé e da confiança em Jahwéh: “voltar para Deus” é abandonar as seguranças humanas e as apostas efémeras de felicidade, desistir de colocar a segurança e o futuro da nação em pactos políticos com potências estrangeiras; é centrar o olhar e o coração em Deus, voltar a confiar em Deus e a entregar-lhe nas mãos os sonhos e as esperanças de vida, de salvação e de felicidade. “Converter-se” é, fundamentalmente, caminhar tranquilo e atento, construindo toda a vida à

volta de Deus, colocando tudo nas mãos de Deus e sabendo que Jahwéh estará sempre presente e não deixará de salvar o seu Povo, sejam quais forem os dramas que os caminhos da história apresentem a Israel.

Jeremias, o profeta apaixonado pela Palavra de Deus, é o que mais amplamente desenvolve o tema da conversão. Para ele, “voltar para Deus” não é cumprir um rito externo que apenas manifeste arrependimento, mas é mudar completa e radicalmente a maneira de pensar, de sentir, de querer, de agir, de conceber a relação com Deus e com os outros homens e mulheres. Sabendo que o grande obstáculo à mudança é o facto de os membros do Povo de Deus terem um coração endurecido – isto é, um coração orgulhoso, auto-suficiente, egoísta e, portanto, mau e rebelde – o profeta recomenda uma “circuncisão do coração” (Jer 4,1) que transforme os corações e os faça sensíveis e bons, capazes de entender o amor de Deus e de amar os irmãos. Só então será possível voltar a confiar em Deus, escutar a sua Palavra e acolhê-la no coração, deixar que essa Palavra se transforme em gestos de justiça, de misericórdia, de amor e de verdade. O profeta sabe, contudo, que só com a ajuda da graça e da misericórdia de Deus será possível essa mudança; por isso, fala desses tempos novos em que o próprio Jahwéh vai imprimir a sua lei no coração do seu Povo, fazendo com que todos tenham uma nova atitude e sejam capazes de viver em profunda comunhão com Deus (cf. Jer 31,31-34).

Ezequiel, o profeta da esperança que desenvolve o seu ministério profético no Exílio da Babilónia, olha para a história recente do Povo e convida-o a perceber que foram as infidelidades à aliança – o abandono de Deus, as jogadas políticas e as alianças com potências estrangeiras, a destruição da coesão social com injustiças e arbitrariedades sem fim – que conduziram à catástrofe nacional. Contudo, o profeta sabe que a história de amor entre Deus e o seu Povo não está condenada a terminar num beco sem saída... Assim, tentando dar um novo alento aos exilados, afogados num mar de frustração, de lágrimas e de sofrimento, o profeta fala de um tempo novo que Deus vai fazer surgir, um tempo em que o passado de glória vai ser restaurado e em que Jahwéh vai voltar, de novo, a residir no meio do seu Povo, derramando sobre a nação uma torrente de vida, de fecundidade e de graça. Desta forma, Ezequiel restaura a confiança e faz com que o Povo de Deus volte a ter razões para olhar o futuro com esperança. Podemos viver privados de muita coisa; mas, sem estrelas de esperança que se acendem na noite do nosso desespero, não é possível crescer e caminhar rumo ao

futuro. A Palavra de Deus que ecoa pela voz de Ezequiel, ao salvaguardar a esperança, permite ao Povo de Deus não desistir de construir a sua história, constitui um convite a caminhar em direcção ao futuro.

Esta breve viagem pela profecia de Israel mostra como Deus se recusa a ficar de braços cruzados enquanto o seu Povo resvala por caminhos de miséria e orfandade. Por isso, Deus interpela o homem, questiona-o, indica-lhe caminhos. A Palavra de Deus – que se faz presença efectiva no mundo através da Palavra profética – constitui um apelo constante a uma transformação, a uma mudança de mentalidade que faça o homem reencontrar as suas referências fundamentais, o seu centro de equilíbrio, a realidade que dá sentido a toda a existência: Deus.

A humanidade pode dar as voltas que quiser, na sua incessante busca de felicidade; pode apostar tudo nas conquistas da ciência e da técnica e colocar nas ideologias ou nos líderes toda a sua esperança... Mas nunca poderá fugir a esta verdade fundamental: não é possível encontrar pessoalmente a realização plena, a harmonia, a vida, à margem de Deus e das suas propostas; não é possível fechar os ouvidos e o coração a Deus sem resvalar, mais tarde ou mais cedo, para caminhos onde a felicidade não está e que só conduzem à escravidão, ao desespero, à alienação. A auto-suficiência do homem em relação a Deus e à sua Palavra deixa o homem perdido, infeliz, dividido, afogado nos seus medos e indecisões, entregue ao egoísmo que escraviza e que aliena, à deriva num mar sem portos de abrigo. Ao mesmo tempo, o homem egoísta, orgulhoso e auto-suficiente que resulta deste percurso sem Deus, acaba por criar mecanismos de injustiça, de exploração, de escravidão, de destruição e de morte que desfeiam o mundo, que fazem sofrer os outros homens e mulheres, que abalam os fundamentos da sociedade e que destroem a harmonia social e comunitária.

Não é esta a dramática experiência que a nossa sociedade vem fazendo todos os dias? Não constatamos que quanto mais afastamos Deus do nosso círculo de interesses mais nos sentimos perdidos e à deriva, angustiados e vazios, a correr atrás de projectos ilusórios de felicidade que apenas nos deixam um vago sabor de desilusão e de desencanto? Não é verdade que, quando banimos Deus da nossa sociedade, acabámos por construir o nosso futuro pessoal e o futuro do nosso mundo sobre valores e interesses egoístas que, mais cedo ou mais tarde, apenas geram escravidão, injustiça,

sofrimento, violência e morte? Não é verdade que, quanto mais ignoramos Deus e as suas palavras, mais sentimos que tudo se desagrega e cai?

A Palavra de Deus – que ecoa pela boca dos profetas – garante-nos que a nossa realização pessoal e comunitária depende da nossa fidelidade a Deus, depende da nossa vontade de centrarmos a nossa vida em Deus e na sua Palavra, de escutarmos Deus e de acolhermos no coração e na vida as suas indicações, as suas propostas, os seus valores.

2. “Nestes tempos, falou-nos por meio do Filho” (Heb 1,2)

Passemos, agora, para outra fase da história da salvação, para aquela fase em que, nas palavras do autor do *sermão* aos Hebreus, Deus dirigiu aos homens a sua palavra criadora e transformadora, através do próprio Filho...

O que é que Jesus, a Palavra viva de Deus que se fez Pessoa e “construiu a sua tenda no meio de nós” (cf. Jo 1,14), nos veio dizer?

2.1 O apelo de Jesus: “Converti-vos e acreditai na Boa Nova”

O evangelista Marcos conta que Jesus, ao dar início ao seu ministério no meio dos homens, proclamava: “Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e acreditai na Boa Nova” (Mc 1,15; cf. Mt 4,17). Esta afirmação, colocada precisamente no frontispício do ministério de Jesus, aparece como uma espécie de programa da missão que o trouxe ao encontro dos homens. Jesus, a Palavra eterna de Deus, recebeu do Pai a missão de interpelar os homens prisioneiros do pecado, convidá-los à conversão e propor-lhes a adesão à Boa Nova.

2.1.1 A conversão

O primeiro apelo de Jesus sublinha a urgência da conversão para que o “Reino” – o mundo novo – possa irromper na vida da humanidade. “Converti-vos”. O verbo “metanoëô”, utilizado neste contexto por Marcos e Mateus, é habitualmente traduzido por “converter-se”. O que é que significa “converter-se”? Estamos no mesmo âmbito do verbo *shub* utilizado pela pregação profética... A acção definida por “metanoëô” não se refere a uma penitência externa, feita de exercícios piedosos, ou a uma qualquer experiência

intelectual ou sentimental; mas designa “uma transformação da vontade, uma mudança radical de consciência: uma nova atitude de base, outra escala de valores. Designa uma mudança radical de pensamento, uma viragem total do homem, uma postura vital inteiramente nova”¹. No contexto bíblico, o verbo “metanoeô” e o substantivo “metanóia” referem-se a um movimento radical, total, que leva o homem a re-orientar a sua vida para Deus. A “conversão” é, pois, um re-equacionar a vida, de modo a que Deus passe a estar no centro da existência do homem. É uma inflexão do sentido da existência, a fim de que nem o dinheiro, nem o poder, nem o sucesso, nem os amigos, nem a família tenham primazia. É uma inversão das prioridades, de forma a que Deus passe a ocupar o primeiro lugar na vida do ser humano.

Contudo, no Novo Testamento – e sobretudo nos Evangelhos Sinópticos – o conceito de “conversão” cristologiza-se². Uma vez que Cristo é a manifestação de Deus, “converter-se” é aderir à pessoa de Cristo, crer nele, acolher o seu anúncio. É aceitar percorrer com Cristo um caminho que o próprio Cristo define e traça. Implica, portanto, uma adesão à pessoa de Cristo e ao seu projecto, um acolhimento dos valores que ele propõe e da Boa Nova que ele anuncia. É isso, precisamente, o “acreditar na Boa Nova”. A expressão define a adesão incondicional a Jesus e à proposta de vida que ele nos veio oferecer.

O caminho da “conversão” é, assim, o caminho do seguimento de Jesus; é o caminho que faz de cada pessoa um discípulo de Jesus e um membro do “Reino”.

2.1.2 Aspectos e contornos da conversão: assumir os valores do Reino

A adesão a Cristo e ao seu projecto (“acreditai na Boa Nova”) vai exigir ao homem velho uma postura vital inteiramente nova, uma transformação total da mentalidade, um reequacionamento dos valores que dirigem e suportam a vida da pessoa. A adesão a Cristo afecta a totalidade da vida e das opções do ser humano.

¹ KUNG, Hans, *Ser Cristiano*, Ed. Cristiandad, Madrid, 1977, pág. 314.

² BORODIO, *Conversión*, em *Conceptos Fundamentales de Pastoral*, Ed. Cristiandad, Madrid, 1983, pág. 214.

Na impossibilidade de reflectirmos, aqui, sobre todas as implicações dessa conversão a Cristo e ao seu projecto, vamos apenas recordar três aspectos sempre presentes na proposta de Jesus e que são fundamentais para a transformação do homem velho no homem novo, do mundo velho no mundo novo: a conversão ao amor, a conversão à partilha, a conversão ao serviço. Por estas três dimensões passa, quer a realização plena do homem, quer a construção de uma nova ordem – aquilo que poderíamos chamar “a ordem do Reino”.

2.1.2.1 O amor como valor fundamental

A revolução de mentalidades exigida pela adesão a Jesus passa, em primeiro lugar, por assumir o amor como o valor fundamental. Um dia, “um escriba aproximou-se e (...) perguntou a Jesus: «Qual é o primeiro de todos os mandamentos?»» Jesus respondeu: «O primeiro é: ‘Escuta Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor; amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento, com todas as tuas forças’. O segundo é este: ‘Amarás o teu próximo como a ti mesmo’. Não há outro mandamento maior do que estes»” (Mc 12,28-33 e par.).

a) amor a Deus e amor ao próximo

O primeiro mandamento é, portanto, o amor a Deus. O que é que significa amar a Deus? Significa, naturalmente, fazer de Deus o primado absoluto, o sentido último, a referência fundamental da vida do homem; significa aderir a Deus com todo o coração, com toda a alma, com todo o espírito, com todas as forças (cf. Mc 12,30), em total comunhão com ele; significa escutar as suas palavras, acolher as suas propostas, viver de forma coerente com as indicações de Deus. Significa fazer de Deus o vector fundamental à volta do qual se constrói toda a existência.

A adesão total, incondicional, indivisa a Deus e às suas propostas não significa, no entanto, uma união mística com Deus que leve o homem a viver de olhos postos no céu, evadindo-se do mundo e a ignorando os outros homens. Escutar Deus e acolher os seus projectos leva, necessariamente, a descobrir as outras pessoas que caminham connosco e a procurar o bem do ser humano. Quando se descobre isto – como o fez aquele escriba que interrogou Jesus – não se está longe do Reino (cf. Mc 12,34).

No que diz respeito ao amor aos irmãos, é preciso, contudo, que sejamos um pouco mais concretos. É fácil e pouco exigente – porque demasiado genérico – amar a humanidade. Mas este amor, nas palavras e sobretudo na praxis de Jesus, não é um amor genérico, teórico, poético. Segundo Jesus, o amor ao homem é, não só o amor em geral, mas é o amor ao próximo, àquele que está perto, à pessoa concreta com quem me cruzo nos caminhos da vida.

E quem é o “próximo”? Na perspectiva de Jesus, “próximo” é “todo aquele que, em determinado momento precisa de mim”³. Particularmente elucidativo a este respeito é o ensinamento expresso por Jesus na parábola do bom samaritano (cf. Lc 10,29-37): o próximo é todo aquele que, em determinada situação concreta, precisa do meu amor, do meu cuidado, do meu empenho, mesmo quando isso vai contra as regras convencionais, o senso comum, ou as leis estabelecidas. É todo aquele a quem dei de comer e de beber; é o refugiado a quem acolhi e a quem arranjei trabalho; é o nu a quem vesti; é o prisioneiro a quem visitei na prisão ou no leito de doente (cf. Mt 25,34-40). O amor não é dirigido ou teleguiado por leis ou obrigações concretas e pré-definidas: tem de acontecer sempre que a realidade de cada instante o exija.

E qual deve ser a medida desse amor? Retomando uma expressão vétero-testamentária (cf. Lv 19,18), Jesus responde: “ama o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22,39). É uma resposta que exprime totalidade: amar de todo o coração. Implica um deixar de olhar para si próprio, para aprender a olhar o outro. “Trata-se, antes de mais, de dirigir o próprio eu para o outro, de estar vigilante, aberto, disponível em favor do próximo, de estar pronto a ajudá-lo sem condições de nenhum tipo. Não viver para si, mas para os outros: nisso consiste, desde a perspectiva do homem que ama, a unidade indissolúvel do amor integral a Deus e o amor sem condições ao próximo”⁴.

b) o amor aos inimigos

É preciso, no entanto, ir ainda mais longe... Se o amor é para todo aquele que, em dado momento, necessita de mim, ele deve estender-se também aos inimigos... Isto é que é, verdadeiramente, a revolução das

³ KUNG, Hans, *Ser Cristiano*, pág. 324.

⁴ KUNG, Hans, *Ser Cristiano*, pág. 323.

mentalidades que o Reino exige. O Antigo Testamento conhecia já o mandamento do amor ao próximo (cf. Lv 19,18); mas o próximo é, na visão do judaísmo, o compatriota, aquele a quem me ligam laços familiares, étnicos, sociais, religiosos. O inimigo estava, pois, excluído do mandamento do amor. Os qumranitas preconizavam mesmo a guerra contra os “filhos das trevas” – aqueles que não se guiavam pelos ideais da comunidade.

Jesus apresenta, pois, algo que é uma novidade absoluta: o amor deve atingir todos sem exceção, mesmo os inimigos. Fica, assim, abolida qualquer discriminação, são abatidas todas as barreiras que separam os homens. “O decisivo é o próximo, que pode sair ao nosso encontro em cada homem, quer dizer, no adversário político ou religioso, no rival, no oponente, no antagonista, no inimigo. É este o particular universalismo fáctico de Jesus: não uma abertura reduzida aos membros do próprio grupo social, da própria raça, do próprio povo, da própria classe, partido ou Igreja, com exclusão de todos os demais, mas uma abertura ilimitada, uma superação de todas as limitações”⁵. É neste sentido que aponta a parábola do bom samaritano (cf. Lc 10,29-37), bem como outras afirmações contundentes de Jesus: “Pois eu digo-vos: amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, rezai pelos que vos perseguem” (Mt 5,44). Qual o motivo desta exigência? É porque Deus também não faz discriminação no seu amor. Ele é o Pai que não distingue entre amigos e inimigos, que faz o sol brilhar e envia a chuva sobre maus e bons, que oferece o seu amor inclusive aos indignos (cf. Mt 5,45). O amor universal de Deus é a razão do meu amor a qualquer homem que Deus põe no meu caminho e que, no momento, é o meu próximo. Por este amor total e sem limitações passa a ordem do Reino: acolher o Reino é amar sem limites e dar-se totalmente ao outro.

2.1.2.2 O pão repartido

O apelo de Jesus – a Palavra eterna de Deus – impõe a mudança de mentalidade a um outro nível: quanto à relação que estabelecemos com os bens materiais.

É bastante clara a posição de Jesus acerca daqueles que põem o coração nas riquezas e amontoam tesouros na terra (cf. Mt 6,19-21 e par.). Jesus sabe que não se pode servir a dois senhores (cf. Mt 6,24): se se serve o

⁵ KUNG, Hans, *Ser Cristiano*, pág. 326.

dinheiro e se faz dele um ídolo, ele afasta irremediavelmente o homem de Deus e dos seus valores. Por isso, Jesus não usa meios termos: “é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que um rico entrar no Reino de Deus” (Mc 10,25 e par.). Isto não significa, à partida, que o Reino seja uma realidade exclusiva de uma classe; mas Jesus sabe que os ricos estão demasiado instalados na sua segurança e auto-suficiência e não estão dispostos à “metanóia” que o Reino exige. Só os pobres, os que nada têm a perder, estão livres para arriscar. Todas as subtis tentativas para atenuar a radicalidade das palavras de Jesus, não podem negar esta verdade: a riqueza é extremamente perigosa para quem quer pertencer ao Reino.

Que propõe, então, Jesus? Como define ele a atitude correcta face aos bens?

A lógica do Reino a propósito da relação do homem com os bens, está perfeitamente explicada na narração da multiplicação dos pães – um texto que ocupa um lugar de destaque, quer nos sinópticos, quer em João (cf. Mc 6,32-44; Mt 14,13-21; Lc 9,10-17; Jo 6,1-15). O acontecimento em si – a multiplicação dos pães e dos peixes – não é o mais significativo, neste quadro. O que é significativo é a atitude que Jesus propõe aos que formam a comunidade do Reino. Temos, neste quadro, a definição de um processo pedagógico que deve ser percorrido por todos aqueles que querem pertencer à comunidade de Jesus.

O primeiro momento deste processo pedagógico destinado a formar os membros do Reino no uso dos bens, tem a ver com a constatação da fome do mundo e com a responsabilização da comunidade do Reino nesse problema (cf. Mc 6,35-36). Jesus começa por fazer os discípulos perceber que têm uma responsabilidade inalienável face a esses desafios que o mundo dos pobres todos os dias grita (“Dai-lhes vós mesmos de comer” – Mc 6,37): nunca um discípulo de Jesus poderá dizer que não tem nada a ver com a fome, a miséria, as necessidades materiais dos desfavorecidos. A dinâmica do Reino passa pela solidariedade que nos torna a todos responsáveis pelas necessidades dos pobres.

A segunda etapa deste processo pedagógico ensina como dar resposta a este desafio. “Replicaram-lhe: «acaso iremos comprar duzentos denários de pão para dar-lhes de comer?» Ele perguntou-lhes: «Quantos pães tendes? Ide ver». Eles foram e disseram: «cinco pães e dois peixes»” (Mc 6,37-38).

Os discípulos constatam que, recorrendo ao sistema económico vigente, é impossível dar resposta à fome dos necessitados. Os discípulos ainda estão presos a esse sistema explorador, que se rege pelas leis do mercado. Jesus quer mudar as mentalidades e propor aos seus uma lógica nova: para além do sistema que é manipulado pelos detentores dos meios de produção e que vive da lógica egoísta do lucro e que cria mais opressão, mais dependência, mais necessidade, há outra proposta. É essa proposta que Jesus apresenta aos discípulos: “dai-lhes vós mesmos de comer”. A comunidade do Reino, diante do apelo dos pobres, tem de aprender a partilhar... É claro que a comunidade do Reino também está numa situação de debilidade e de pobreza de recursos. A criança possuidora dos pães e dos peixes a que se refere o evangelista João (cf. Jo 6,9) representa a debilidade da comunidade frente às enormes carências do mundo: a comunidade de Jesus é um grupo socialmente humilde, sem pretensão alguma de poder e de domínio, dedicada ao serviço dos homens. Mas, apesar dessa debilidade, consegue responder ao drama da necessidade aprendendo a partilhar. Cinco pães e dois peixes significam totalidade (“sete”): é na partilha da totalidade do que se tem, que se responde à carência dos irmãos. É uma totalidade fraccionada e diversificada mas que, posta ao serviço dos irmãos, sacia a fome do mundo.

No terceiro momento desta caminhada pedagógica, Jesus mostra porque é que os bens devem ser partilhados. “Tomando os cinco pães e os dois peixes, pronunciou a acção de graças, partiu os pães e deu-os aos discípulos para que os distribuíssem e repartiu também os peixes por todos” (Mc 6,41). O “dar graças” a Deus “significa reconhecer que algo que se possui é dom recebido dele e, como tal, mostra do seu amor (...). Ao reconhecer a sua origem última em Deus, como dom de Deus, desvinculam-se do seu possessor humano – a criança/grupo de discípulos – para fazer-se propriedade de todos (...). O sinal que Jesus dá, o prodígio que ele cumpre, consiste precisamente em libertar a criação do açambarcamento egoísta que a esteriliza, para que se converta em dom de Deus para todos”⁶. A lógica do Reino impõe o reconhecimento de que os bens são um dom gratuito do amor de Deus a todos os homens. Quem os possui é apenas um administrador, com a função de os pôr à disposição dos irmãos, com a mesma gratuidade com que os recebeu.

⁶ MATEOS, J. /BARRETO, J., *El Evangelio de Juan. Analisis Lingüístico y Comentario Exegetico*, Ed. Cristiandad, Madrid, pág. 317.

Jesus não foi um violento, que propôs a tomada pela força daquilo de que alguns se apropriaram em prejuízo dos pobres. Jesus não reclama a vingança contra os exploradores, a expropriação dos latifundiários, a ditadura do proletariado. O que Jesus propõe é uma nova lógica – a lógica da partilha. À comunidade do Reino é proposto que aprenda a lidar com os bens de uma forma desprendida, colocando-os livremente ao serviço de todos. O resultado desse processo será, não apenas a resolução do problema da fome e da necessidade, mas um novo relacionamento entre os homens, marcado por uma lógica de fraternidade entre quem dá e quem recebe. Este processo enriquece as duas partes e possibilita o aparecimento de uma nova ordem, de uma sociedade mais justa e mais fraterna.

Para resolver o problema da fome, não chega criar melhores programas de assistência social, ou um rendimento social de inserção, ou outros esquemas que apenas perpetuam a injustiça. O que é preciso é a revolução das mentalidades, no sentido de descobrirmos a solução que Deus propõe para este problema. É preciso descobrirmos que os bens são um dom gratuito de Deus a todos os homens; que esses bens devem ser postos ao serviço de todos; e que todos somos responsáveis pela “fome” dos irmãos. É preciso quebrar a lógica do capitalismo, a lógica egoísta do lucro, para a substituímos pela lógica do dom, da partilha, do amor. Sem isso, nenhuma mudança social criará, de verdade, um mundo mais justo e mais fraterno.

2.1.2.3 Servir e dar a vida

A concepção popular de Messias estava, na época de Jesus, viciada por uma ideologia triunfalista, que via no “ungido de Jahwéh” um rei forte, revestido do poder de Deus para dominar os inimigos de Israel, destruir os opressores, aniquilar os pecadores e inaugurar, pela força das armas, o reinado de Deus sobre a terra. Esperava-se do Messias uma atitude de força, de autoridade, de domínio, que fizesse vergar os maus; e não teria sido nada estranho – para a mentalidade popular judaica – que Jesus tivesse embarcado nesta lógica.

Embora consciente de que é o Messias e de que a sua missão é estabelecer o Reino de Deus sobre a terra, Jesus recusa – de forma absoluta – essa atitude triunfalista e de intervenção forte e autoritária. Mais: a tentação de instaurar o Reino de Deus pelo domínio sobre os reinos do mundo é repelida por Jesus como algo de diabólico, como a negação completa do

plano do Pai (cf. Mt 4,8-10; Lc 4,5-7). Para Jesus, as coisas são muito claras: o Reino não pode construir-se numa lógica de força, de poder, de imposição, de domínio sobre os homens, ao jeito do que fazem os grandes deste mundo; tal lógica não cria um mundo novo: apenas substitui um autoritarismo por outro, uma opressão por outra.

Qual é, então, a lógica do Reino? Como deve o Reino estruturar-se e organizar-se? No Reino, quem manda e como deve relacionar-se com os outros homens?

A estas questões, Jesus responde com a sua atitude vital. É verdade que ele é o Messias; mas o Messias servo que, sem barulho nem alarmes, vem propor aos homens uma ordem nova. A lógica do Reino – a lógica de Jesus – é a lógica do serviço e da vida entregue por amor. É esta a chave de leitura para entender toda a vida de Jesus e, de um modo especial, o momento culminante dessa vida de entrega e de dom – a morte na cruz.

A recusa de um projecto triunfalista de poder e domínio e a aceitação de um projecto de serviço e de entrega da vida estão, aliás, bem vincadas no primeiro anúncio da paixão (cf. Mc 8,27-38 e par.). Embora aceitando o título de Messias que lhe é dado por Pedro (cf. Mc 8,27-30), Jesus avisa os discípulos de que o seu messianismo não passa pelo poder e pelo domínio, mas passa pela entrega da vida (cf. Mc 8,31-33), por mais que isso choque com os horizontes limitados dos discípulos. Mais tarde, no contexto do terceiro anúncio da paixão, depois de reafirmar que o projecto do Reino passa pelo dom da vida (cf. Mc 10,32-34), Jesus conclui: “O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em redenção por muitos” (Mc 10,45).

É claro que é esta mesma atitude que Jesus espera de todos aqueles que querem situar-se na órbita do Reino. Após o segundo anúncio da paixão, quando os discípulos discutiam quem era o mais importante e tinha direito a exercer autoridade sobre os outros, Jesus avisou: “Se alguém quer ser o primeiro, seja o último de todos e o servo de todos” (Mc 9,35). E, após o terceiro anúncio da paixão, quando Tiago e João vieram reivindicar um lugar de poder e autoridade no futuro Reino, perante a indignação dos outros discípulos – eles também alinhados numa lógica muito humana de luta pelo poder – Jesus avisa: “Sabeis que os chefes das nações dominam sobre elas e os seus intendentem exercem poder sobre elas. Entre vós, porém,

não será assim; todo o que entre vós quiser ser o primeiro, seja o escravo de todos” (Mc 10,43-44).

Para Jesus, esta é uma questão tão fundamental para o advento do Reino que, chegando o último momento, ele não hesita em voltar a abordá-la no seu “testamento”. Na última ceia, depois de insistir em lavar os pés aos discípulos – ilustrando a afirmação de que o primeiro deve ser o servo de todos – disse-lhes: “Sabeis o que vos fiz? Vós chamais-me Mestre e Senhor e dizeis bem, porque o sou. Logo, se eu vosso Senhor e Mestre vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, assim façais uns aos outros” (Jo 13,13-15). Aqui está, num momento capital, enunciada a lógica do Reino: espera-se dos “primeiros” que se tornem servos de todos. A Pedro, que não aceita esta lógica (“nunca me lavarás os pés”), Jesus avisa: se não aceitas que o poder é um serviço, não poderás integrar a minha comunidade (cf. Jo 13,8).

A lógica do Reino não é, pois, a lógica da violência, da autoridade, da lei do mais forte; mas é a lógica da entrega da vida aos outros, do serviço simples e humilde aos irmãos.

2.1.3 Um caminho de liberdade e de plena realização do ser humano

O apelo de Jesus à conversão – isto é, a centrar o olhar nele, a acolher a sua Palavra e propostas, a construir a própria vida tendo por base os valores que Ele veio propor – não é um caminho de escravidão, que limita as possibilidades de realização do homem?

Retomemos, brevemente, os apelos de Jesus ao amor, à partilha, ao serviço... O apelo a amar a Deus e a amar os irmãos – sem fronteiras e sem limites – é um convite a construir a própria vida à volta de dois vectores fundamentais para o crescimento e a realização plena do homem. Fomos feitos para a relação, para o encontro, para a comunhão e é só nesse âmbito que a nossa vida encontra o seu pleno sentido. Quem não ama, não cresce; quem não ama, não pode realizar-se plenamente; quem se encerra em si próprio, no seu egoísmo e na sua auto-suficiência, torna-se vazio e estéril, constrói à sua volta muros de solidão, de orgulho e de auto-suficiência que o impedem de crescer e de se realizar plenamente como ser humano.

Os bens materiais, se forem avaliados como valores que me pertencem de forma exclusiva, que eu devo guardar cuidadosamente para meu proveito próprio e aumentar o mais possível como garantia do meu bem-estar e da minha segurança, irão transformar-se em elos de uma imensa cadeia de egoísmo e de escravidão. Uma tal visão dos bens torna-me mesquinho e superficial, limita-me os horizontes e torna-me incapaz de sair de mim próprio e de contemplar os outros homens e o mundo que me rodeia. Ao contrário, a libertação da escravidão dos bens, da obsessão da posse das coisas, torna-me uma pessoa nova, capaz de ouvir e de compreender as necessidades dos outros homens e mulheres, capaz de acolher e de partilhar os dons de Deus, capaz de construir relações de fraternidade desinteressada. A ultrapassagem de uma visão meramente egoísta dos bens e a conversão à partilha e ao amor, são passos fundamentais nesse crescimento que me leva à minha realização plena como ser humano.

As atitudes de força, de violência e de prepotência são expressões desse egoísmo que me impede sempre de chegar à Vida plena. Criam isolamento, medo, revolta, ressentimento, afastamento, numa rede que me isola dos outros homens e mulheres e que me impede de conhecer a felicidade. Só a atitude de serviço simples e humilde e a doação total da própria vida aos outros homens e mulheres que caminham ao meu lado, enchem a minha vida de sentido e me permitem constatar, no final do caminho, que a minha existência fez sentido e valeu a pena.

Foi Jesus – a Palavra eterna de Deus – que veio ao nosso encontro para nos apontar este caminho de realização e de Vida em plenitude. Desde o primeiro instante da sua existência, na gruta de pastores, em Belém, até à morte na cruz, em Jerusalém, ele mostrou-nos como viver e como amar para que a nossa vida fizesse sentido e para que pudéssemos crescer em direcção ao Homem Novo, ao encontro do ser humano plenamente realizado. A ressurreição de Jesus foi, precisamente, o selo de Deus nesta proposta: foi a garantia de Deus de que o caminho apresentado por Jesus é verdadeiro e conduz à Vida plena, à Vida que nada – nem sequer a morte – consegue vencer.

Não, o caminho proposto por Jesus não é um caminho de escravidão, que impede o homem de desfrutar todas as possibilidades da vida; mas é um caminho de libertação, que conduz o homem à sua plena realização.

2.2 A conversão como alicerce de um mundo transformado

Jesus, a Palavra viva de Deus que desceu ao nosso encontro e que ecoou no meio de nós – não tinha como programa principal do seu ministério o derrube das instituições marcadas com o selo da injustiça e da opressão. Derrubar as instituições e substituí-las por outras não muda substancialmente o fundamento das coisas. Jesus sabia que o caminho para mudar o mundo passa, antes de mais, pela mudança pessoal, pela mudança dos corações.

O apelo de Jesus à conversão é, sobretudo, um apelo pessoal, dirigido a pessoas concretas, que escutam esse desafio e que lhe respondem positiva ou negativamente. A Palavra é como uma semente lançada à terra, que produz muito fruto, pouco fruto, ou nenhum fruto (cf. Mc 4,1-9; Mt 13,1-9; Lc 8,4-8), conforme o coração daqueles que a escutam... Contudo, a resposta pessoal que cada homem ou cada mulher dá ao desafio da conversão, acaba por ter efeitos que extravasam o próprio indivíduo e que têm um inegável impacto social. A sociedade ressent-se sempre das atitudes dos indivíduos que a integram.

Quando um homem ou uma mulher, interpelado pela Palavra, percebe o sem sentido de uma vida egoísta e auto-suficiente e descobre que só o amor o realiza, quebra-se a lógica do ódio, da violência, da exploração, da discriminação, e começam a cimentar-se as condições para uma sociedade fraterna, onde o outro pode ser visto como um irmão, independentemente da cor da sua pele, da sua religião, da sua cultura, da sua história, da sua condição social, das suas ideias políticas.

Quando um homem ou uma mulher, interpelado pela Palavra, aprende a não se conformar com a escravidão dos bens materiais e constata que a sua felicidade e realização está na partilha, na generosidade, no dom, começam a minar-se as bases de uma sociedade construída sobre a lógica capitalista do lucro e sente-se a urgência de descobrir e de implementar novos modelos económicos e sociais, que respeitem a dignidade do ser humano e que assegurem a todos condições dignas de vida.

Quando um homem ou uma mulher, interpelado pela Palavra, descobre que o autoritarismo, o uso da violência, a vontade de dominar e de escravizar os outros, a imposição pela força das próprias ideias e perspectivas, apenas criam medo e vazio, e que o serviço e o dom da vida são infinitamente mais

gratificantes e construtivos do que a autoridade e o poder, começam a criar-se condições para o aparecimento de um sistema social, político e económico que está verdadeiramente ao serviço dos cidadãos e do bem comum.

As instituições sobre as quais se baseia a construção da vida em sociedade só se transformam e se tornam mais humanas se os indivíduos que as integram estiverem disponíveis, pessoalmente, para o desafio da conversão. Se substituímos as instituições sem mudarmos os corações das pessoas, apenas estaremos a fazer simples operações de cosmética, que não alteram a essência das coisas.

É, portanto, a partir da soma das conversões dos indivíduos, que se cria uma nova teia de relações, de mentalidades, de valores, de interesses, de perspectivas, de sonhos, que vão alterar os fundamentos sobre os quais a sociedade se constrói. Nasce, na sequência, uma nova ordem social, um mundo novo que se rege pelos valores de Deus. Jesus chamou a esse mundo novo, o “Reino de Deus”. Na base desse mundo novo, está a Palavra de Deus que nos transforma e nos capacita para sermos construtores da ordem do Reino.

Conclusão

Voltemos ao início da nossa reflexão... Porque é que Deus nos falou e nos fala? Porque nos ama. E, porque nos ama, quer o nosso crescimento, quer a nossa transformação em pessoas novas, em pessoas capazes de atingir o estágio do desenvolvimento pleno, da vida definitiva. Por isso, Deus questiona-nos, interpela-nos, desafia-nos constantemente a percorrer os caminhos da vida e da felicidade. A acção de Deus não é uma acção abusiva, que atenta contra a liberdade do homem; mas é uma intervenção legítima, que resulta do amor infinito que Deus sente pelos homens e mulheres que criou.

Sempre que Deus nos dirigiu a Palavra, foi para nos indicar caminhos de vida, de felicidade, de realização plena. Na primeira fase da história da salvação, Deus falou à humanidade pela boca dos profetas. As palavras, então, ditas por Deus convidavam Israel a manter-se na órbita da Aliança, acolhendo as indicações de Deus, escutando as suas palavras e propostas, deixando-se guiar por Deus nos caminhos da vida e da história. Os profetas

de Israel, em diversos momentos e lugares, mostraram que o abandono de Deus conduzia inevitavelmente a comunidade israelita a um beco sem saída, a um quadro de escravidão, de egoísmo, de sofrimento e de morte. Só o “regresso” a Deus – diziam os profetas de Israel – poderia levar o Povo a redescobrir a esperança e a caminhar seguramente rumo à vida, à liberdade, à salvação. A Palavra de Deus que ecoa pela boca dos profetas convida à conversão pessoal, à transformação dos indivíduos, para que estes prescindam do seu orgulho e auto-suficiência, se voltem para Deus e o escutem... A conversão dos indivíduos fará com que a sociedade seja, por sua vez, transformada e deixe de se construir sobre mecanismos de injustiça, de escravidão e de exploração.

Mais, tarde, numa fase posterior da história da salvação, Deus falou à humanidade por meio do seu Filho. Jesus, a Palavra viva de Deus presente no meio de nós, veio repetir o apelo à conversão, convidando-nos a mudar radicalmente a nossa mentalidade, os nossos comportamentos, os valores sobre os quais construímos a nossa vida e projectos. O próprio Cristo, na sua pessoa, na sua vida, no seu caminho, no seu amor, é o modelo que devemos ter sempre diante dos olhos e seguir. “Converter-se”, é seguir Jesus e, como Ele, amar sem medida, até ao dom total de nós próprios; “converter-se” é aprender a partilha que nos faz solidários com os outros homens e mulheres, responsáveis pelas necessidades dos irmãos; “converter-se”, é servir os irmãos que se cruzam connosco, sem nos deixarmos fascinar por projectos de força e de domínio, que humilham os outros e os tornam escravos.

De uma forma ou de outra, em todas as fases do seu diálogo connosco, Deus repetiu sempre o mesmo aviso: o nosso crescimento como pessoas e a nossa realização plena depende de nos voltarmos constantemente para Ele, de acolhermos as suas palavras e propostas, de aceitarmos seguir os caminhos de vida e de felicidade que Ele sempre nos aponta. Só quando renunciarmos ao nosso orgulho e auto-suficiência e aceitarmos caminhar com Deus, seremos capazes de encontrar o caminho que nos conduz à realização plena. Transformado o nosso coração pela escuta das palavras e das propostas de Deus, também o mundo se transformará, construído sobre alicerces de amor, de partilha, de serviço, de fraternidade.

Esta proposta não é a proposta de quem se mete connosco para nos controlar ou escravizar. É a proposta de quem nos ama e, por isso, nos interpela e nos indica caminhos. É a proposta de uma mãe e de um pai que querem ver os filhos e encontrar caminhos de felicidade e de plena realização.

Que temos de fazer? Temos de aceitar viver em contínuo processo de conversão. Temos de nos voltar para Deus e de dar atenção à sua Palavra, temos de deixar que ela nos desafie e nos transforme. Temos de acolher a Palavra e transformá-la em gestos concretos e verdadeiros. Disso depende a nossa felicidade, a nossa realização, a harmonia do nosso mundo. Tiago, o autor daquela bela homilia dirigida “às doze tribos da dispersão”, que faz parte do cânone do Novo Testamento, diz aos destinatários da sua “carta”: “Sede cumpridores da Palavra e não vos limiteis a escutá-la, enganando-vos a vós mesmos. Porque quem se contenta com ouvir a Palavra, sem a pôr em prática, assemelha-se a alguém que contempla a sua fisionomia num espelho; mal acaba de se contemplar, sai dali e esquece-se de como era. Aquele, porém, que medita com atenção a lei perfeita, a lei da liberdade, e nela persevera – não como quem a ouve e logo se esquece, mas como quem a cumpre – esse encontrará a felicidade ao pô-la em prática” (Tg 1,22-25).

Por vezes, na nossa pressa de ver resultados, podemos ter a sensação de que a Palavra que Deus nos dirige não é eficaz e não atinge o seu objectivo. A humanidade parece, tantas vezes, surda aos apelos de Deus e parece continuar, com alegre inconsciência, a trilhar caminhos de egoísmo e de auto-suficiência... Contudo, a Palavra de Deus não deixa de agir nos corações e no mundo, como a semente lançada à terra, que tem em si um dinamismo de vida que a faz brotar, mesmo que inicialmente o lavrador não o perceba. A Palavra de Deus é viva e eficaz, e não fracassa na criação de uma humanidade nova. É o próprio Deus quem no-lo assegura: “Assim como a chuva e a neve descem do céu, e não voltam mais para lá, senão depois de empapar a terra, de a fecundar e a fazer germinar, para que dê semente ao semeador e pão para comer, o mesmo sucede à Palavra que sai da minha boca: não voltará para mim vazia, sem ter realizado a minha vontade e sem cumprir a sua missão” (Is 55,10-11).

Apresentação do Projecto Despertar da Fé

IR. MARIA JOSÉ BRUNO, SNSF (*)

Projecto Despertar da Fé
Escola Superior de Formação de Educadores Maria Ulrich
Fundação Maria Ulrich - Catequese do Patriarcado de Lisboa

1. O Despertar da Fé surgiu na Diocese de Lisboa, como projecto, porquê?

Pretendia-se dar uma resposta pastoral, abrir uma ala de evangelização numa área omitida, cuja necessidade emerge no momento actual.

1.1 No ambiente sócio cultural em que vivemos há realidades de que temos consciência, porque verificamos, são evidentes:

– Surgem cada vez mais casos de vida, na infância, relacionados com a instabilidade interior, com a falta de serenidade e a consequente capacidade de concentração. A multiplicação de estímulos exteriores e a situação de stress que atinge muitas famílias, não dá às crianças as condições de que elas necessitam para que se abram às dimensões da paz, do belo, do profundo...

– No mundo de hoje diluem-se as referências a Deus, bloqueando, assim, a abertura à transcendência e à relação que desenvolve a dimensão mais profunda do ser humano.

– A descristianização invade as sociedades, fazendo desaparecer a atmosfera cristã que despertava, naturalmente, para a fé. Muitas crianças chegam à catequese completamente «a zero» em relação a Deus e à Igreja

(*) Membro da equipa diocesana da catequese do Patriarcado de Lisboa.

a que, na maioria dos casos, pertencem desde o Baptismo. É, no entanto, de sublinhar a força da tradição. Esta leva a que muitos pais continuem a procurar a catequese para os filhos. Muitos deles não têm nada contra Deus, nem contra a Igreja. Apesar de eles próprios se terem desmotivado da prática cristã dominical, continuam a sentir que a catequese é um factor com importância na educação cristã dos filhos. Hoje, é frequente encontrar famílias que testemunham que são os filhos que as evangelizam.

1.2 Na realidade eclesial

– A pastoral do Baptismo é, com frequência, frágil. Nem as famílias estão despertas para se comprometer, nem a Igreja lhes faz propostas que as motivem em termos de (re) descoberta da fé e de acompanhamento na educação cristã dos filhos.

– As missas dominicais, em muitos casos, também não facilitam a integração das famílias com crianças pequenas.

– Há muitas instituições que pertencem às paróquias onde a dimensão cristã é omitida; os educadores, ou não são cristãos, ou não têm formação cristã. Facto que descaracteriza a instituição da sua identidade e a desliga da comunidade cristã que lhe deu origem. Nestes casos, a própria Igreja não enfrenta a actual tendência de descristianização da sociedade, não propondo os seus próprios valores aos que a procuram nos serviços que presta.

1.3 O magistério da Igreja

O documento da Conferência Episcopal Portuguesa - Para que acreditem e tenham vida¹, ao referir-se às aberturas à fé diz que “as gerações actuais continuam a mostrar abertura à transcendência e ao mistério”. Diz o documento que o despertar da fé necessita de novas condições, começa desde a infância e é aí que as comunidades e as famílias são chamadas a desempenhar a sua missão.

Sabemos qual é a realidade de muitas famílias, no contexto actual.

¹ *Para que acreditem e tenham a vida*. Orientações para a catequese actual da Conferência Episcopal Portuguesa, 23 Junho de 2005.

O Papa Bento XVI fala da necessidade de rede de apoio às famílias, “Os desafios da sociedade actual, marcada pela dispersão que se gera, sobretudo no ambiente urbano, tornam necessário garantir que as famílias não estejam sozinhas (...) Neste sentido, é muito importante o trabalho das paróquias, assim como o das diversas associações eclesiais, chamadas a colaborar como redes de apoio e mão próxima da Igreja para o crescimento da família, na fé.”²

2. O Interesse actual pela espiritualidade da criança

A dimensão espiritual da criança no contexto actual é objecto de atenção e de pesquisa pelo lado das ciências humanas. A importância que se lhe reconhece na formação da personalidade da criança é um desafio para a pastoral familiar, paroquial e das instituições educativas com identidade cristã.

A pesquisa sobre a espiritualidade da criança fazia-se em contextos familiares e educativos cristãos, pelo que não era fácil distinguir até onde iam as manifestações naturais, espontâneas da criança e o que era assimilação, imitação do ambiente religioso em que a criança vivia. Hoje fazem-se pesquisas sobre a espiritualidade da criança nas realidades secularizadas.

As ciências humanas interpelam no sentido da necessidade de uma atenção cuidada em relação à espiritualidade da criança. Num artigo intitulado «Espiritualidade da criança, de um “élan” puro à religião» René Soulayrol³ procura sintetizar a natureza da espiritualidade:

“Há na criança uma disposição precoce, para não dizer inata, que a leva a ver o mundo com um olhar original que subverte a ordem lógica e física das coisas e a leva a encontrar, para além da materialidade, uma realidade superior na qual ela aspira a fundir-se. Esta força tão imperiosa como uma pulsão, cujo objecto não seria físico mas psíquico, é um “élan” irresistível (élan vital de Bergson?) para uma adesão a uma instância superior, exterior aos seus sentidos (transcendência, portanto), dispensadora de paz, de protecção, de felicidade e de harmonia entre si e o mundo”. Este “élan” nato

² Discurso do Papa na Vigília do V Encontro Mundial das Famílias, 11 de Julho de 2006.

³ René Soulayrol Cassis, Professor de psiquiatria da criança na faculdade de medicina de Marselha, França, in revista *Chosir*, Fevereiro 2006.

está presente nas questões existenciais que a criança vai pondo desde a primeira infância e na inserção social, cultural e religiosa que fará ao longo da vida.

Outros pensadores, como Peter Berger, dizem que os pesquisadores na área da espiritualidade da criança, devem fixar a sua atenção sobre as percepções e manifestações dos “sinais de transcendência”.

Hay e Nay, pesquisadores ingleses na área da espiritualidade da criança, referem que o sentido de “transcendência” se compreende no que ultrapassa absolutamente a pessoa e o objecto do sentimento. No seu método de pesquisa usaram três categorias que são: o sentido do presente, o sentido do mistério e o sentido dos valores.

Testemunho de uma experiência espiritual

Com cinco anos:

“Eu guardo a recordação de um minuto de elevação tal, a maior de sempre. Eu sabia que Ele estava e que me via, Ele amava-me também. Como esta experiência se gravou no meu cérebro? Não sei nada. Eu estava certo que alguém estava lá e me falava sem palavras”.

Julien Green, escritor

3. A arte da educação deverá considerar a inclinação natural da criança para o espiritual

Todos, psicólogos e educadores, são unânimes em dizer que a criança, até aos dois, três anos, é particularmente receptiva. “Os dois primeiros anos contam por vinte anos da vida total”, afirmava Maurice Zandel.

A pediatra Maria Montessori chama a esta etapa a “idade absorvente”. Questiona deste modo a educação: porquê desenvolver todas as dimensões e recusar, à partida, a dimensão espiritual?

Rose-Marie de Casabianca, em “*A criança capaz de Deus*”⁴, afirma que a personalidade da criança está formada, em muitas delas, aos três anos, nos domínios afectivo, mental, social e, também, espiritual.

⁴ CASABIANCA, R. M. (1993). *A Criança Capaz de Deus*. Rei dos Livros.

Durante a gravidez, a criança recebe tudo da mãe. Um clima de louvor, de alegria, de confiança, é o melhor meio para o seu desenvolvimento. A Palavra de Deus também nos fala nesse sentido: O salmista diz-nos: “Desde o seio materno, eu te amei”. Jeremias profetiza: “Antes de te formar no ventre materno, eu te conheci; antes mesmo de teres saído do seu seio, eu te consagrei” (Jr 1, 4-5).

Para que as crianças aprendam a amar Deus, é necessário que elas O conheçam. “Nós daremos a verdade bem simples, Não se trata primeiramente de instruir a inteligência dos pequeninos, trata-se sobretudo de dar um alimento à sua Fé. Esta verdade divina dai-a à criança como ela é”, afirma o P. M. Eugène.

Nas nossas propostas sugerimos, com frequência, os exercícios de interioridade, o cantinho do silêncio, como meios que unificam, integram e protegem a criança da dispersão a que é, muitas vezes, sujeita no ritmo de vida dos nossos dias. A interioridade é necessária para que a dimensão espiritual encontre o seu espaço e possa desenvolver-se. As educadoras dão testemunho do que acontece na sua prática educativa:

4. Pesquisa e testemunhos

A partir de respostas de 14 Instituições Paroquiais de Solidariedade Social da diocese de Lisboa.

A pergunta:

Que expressões verbais ou outras, que perguntas, que atitudes, eu descubro nas crianças que manifestam a sua vitalidade espiritual?

– “Depois que iniciamos o projecto – Despertar da Fé – as crianças cresceram nos valores da solidariedade, da partilha, da amizade... Habitaram-se aos tempos de silêncio e de oração e são tempos muito apreciados por elas.”

– “As crianças estão muito despertas para os temas de que lhes falamos. Revelam muita curiosidade e interesse, querendo sempre saber mais e porquê. Trazem materiais de casa, ensinam aos outros o que sabem e deste modo ajudam-nos a uma consolidação mais fácil e forte de todo o trabalho proposto.”

Apresentação do Projecto Despertar da Fé

– “O entusiasmo das crianças por estes temas e vivências e as perguntas que fazem despertam-nos a nós.

As atitudes de recolhimento impressionam-nos!”

– “O interesse pelo Menino Jesus.”

– “Nas visitas à capela dizem: somos amigos de Jesus! Vamos falar de Jesus!”

– “Onde está Jesus? Ele está a ver-nos?”

– “Crescem na amizade e afectividade entre eles, tal como Jesus é amigo”.

– “Eu quero fazer sempre o bem. Eu quero ter um coração bonito como o de Jesus, Maria e José. Eu quero ajudar a mãe e o pai. Eu já ajudo. Na casa de Jesus há muitos quartos, cozinhas e brinquedos e os meninos são amigos, não empurram e não mordem. Jesus está no meu coração! Ele é meu amigo!”

– “O respeito pelo cantinho – despertar da fé. Gostam de fazer as actividades, falam de Jesus na sala e com os pais.”

– “Se nos portarmos bem o sol brilha mais e Jesus fica mais contente. (preparação da Páscoa, em que o sol ia aparecendo).”

– “Pedem para que se conte as histórias de Jesus.”

– “Gostam de cantar cânticos de louvor, petições a Jesus e a Nossa Senhora.”

– “Ergueram as mãos e ajoelharam diante do crucifixo.”

– “Pelo que escutamos das crianças, elas acreditam em Jesus e levam as suas crenças muito a sério. Pelo facto de Jesus ser bom e transmitir tudo de bem que há na terra elas admiram-no e revêem-se n`Ele. Na Páscoa, em contraste com o sofrimento a que Ele foi submetido pelos homens, as crianças ficam com a noção de bem e de mal, de certo e errado, em relação ao próximo.”

5. Como avançamos com o projecto?

O primeiro passo foi o da reflexão e da pesquisa a nível do Patriarcado de Lisboa, da Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, da Fundação Maria Ulrich e da Paróquia do Campo Grande, também na diocese de Lisboa. Na pesquisa encontramos fundamentação nas áreas da psicologia, da pedagogia, da espiritualidade e da pastoral em dioceses francesas e belgas. Este percurso foi iniciado por essas dioceses há imenso tempo.

Em acções de formação para pais, educadores e catequistas

- Acções pontuais, que se realizam 4 ou 5 vezes por ano, em preparação das principais festas – Santos, Natal e Páscoa.
- Acções creditadas pela Escola Superior de Educadores Maria Ulrich Com cursos de 25 e 50 horas.

Com materiais publicados:

- *Despertar da Fé*, Editora Nova Terra.
- *Despertar Religioso*, Edições Paulinas.

6. Que outras possibilidades pastorais para o Despertar da Fé?

– **A Pastoral dos Baptismos** é um momento muito especial para ajudar os pais e padrinhos a descobrir como é importante cuidar da espiritualidade da criança em coerência com o pedido de Baptismo que fazem à Igreja. É também uma ocasião de propor o que a comunidade cristã lhes oferece, como ajuda, para a vivência das principais festas litúrgicas.

– **As celebrações da Eucaristia** com crianças. Nestas celebrações, dá-se uma especial atenção às crianças, tornando acessível para elas a Palavra do domingo. Na parte final da Eucaristia, o presidente da celebração distribui pelas crianças um desenho com uma frase alusiva ao evangelho do dia que as crianças pintarão durante a semana.

– **A ocupação das crianças durante a celebração da eucaristia para os seus pais: “Recreio do Menino Jesus”**. Os catequistas realizam

Apresentação do Projecto Despertar da Fé

actividades específicas com as crianças pequeninas, com um carácter da metodologia do Despertar da Fé.

– Outras iniciativas de acordo com a criatividade pastoral das paróquias, movimentos familiares e instituições educativas.

Perspectivas sobre uma pedagogia bíblica para a Catequese - 1º a 3º catecismo

PURIFICAÇÃO GUILHERME (*)

INTRODUÇÃO

Perante o desafio do SNEC em colaborar nas Jornadas Nacionais de Catequistas, incluindo a dinamização de um Atelier, tendo por Título “Perspectivas sobre uma pedagogia bíblica para a catequese”, dentro do Grande Tema: “A Palavra de Deus na Catequese”, o primeiro impulso foi aceitar. Depois, veio a complicação! Afinal, a Palavra Deus é o essencial, não só na catequese, mas na nossa vida e quem precisa de ajuda neste tema, sou eu própria! Mas já estava assumido o compromisso, tinha que ir em frente. Que o Espírito Santo me ajude e me inspire, naquilo que vou testemunhar, porque é apenas isso que me é possível fazer.

O Papa Bento XVI, na sua meditação no início dos trabalhos do Sínodo dos Bispos sobre a Palavra de Deus, tendo por base o Salmo 118 disse: “...Além disso a Palavra de Deus é o fundamento de tudo, é verdadeira realidade..... Somente a Palavra de Deus é fundamento de toda a realidade, é estável como o céu e mais que o céu, é a realidade. ... Realista é quem reconhece na Palavra de Deus, nesta realidade aparentemente frágil, o fundamento de tudo. Realista é aquele que constrói a sua vida precisamente neste fundamento, que permanece.”¹

Ainda em relação à Palavra de Deus, na Carta Pastoral do Cardeal Patriarca à Igreja de Lisboa “A Igreja no tempo e em cada tempo” temos: “... É maravilhosa a intimidade que se gera entre nós e Deus quando escutamos

(*) Gestora e especialista em Formação de Adultos. Casada e mãe de um filho. Catequista e formadora de catequistas no Patriarcado de Lisboa.

¹ Meditação do Papa Bento XVI durante a Celebração da Hora “Tertia” no início da primeira Congregação Geral do Sínodo dos Bispos, Sala do Sínodo, Segunda-feira, 6 de Outubro de 2008.

a Sua Palavra. ... A escuta da Palavra é a experiência que torna possível tudo: a celebração dos sacramentos, a fidelidade de viver segundo os mandamentos de Deus, a busca da oração e da adoração, a sinceridade do anúncio do Evangelho, a força para viver profundamente em união com Jesus Cristo.”²

Bem, se já estava a ser difícil, agora ainda mais! Que soluções para a nossa Catequese? Como iniciar as nossas crianças neste caminho de fé, em que todos temos as nossas dificuldades? Não é fácil e quero dizer-vos que não tenho soluções. Aquilo que vos trago, é apenas a partilha da minha experiência, aquela que vou fazendo com os catequizandos e com outros catequistas, nos três primeiros anos de catequese e a realidade que vamos observando e também a ajuda que nos traz, para irmos adaptando metodologias e formas de agir com as crianças e suas famílias. São situações que não são novas, que todos apontam e para as quais não existe uma solução, apenas persistência, carinho e confiança na ajuda do Espírito Santo e que esperamos que venham a dar frutos!

Tentei dar a esta pequena reflexão, ênfase ao que era pedido para estas Jornadas: “A Palavra de Deus na Catequese – Perspectivas sobre uma pedagogia bíblica para a catequese”, envolvendo os Catequizandos, a Família, os Catequistas e a Comunidade olhando para os 3 primeiros anos de catequese e respectivos catecismos e seus conteúdos.

Antes destas Jornadas, foi realizado um pequeno inquérito, a adolescentes do 6º catecismo, em várias Paróquias do país, cujos resultados, mostram uma série de lacunas e mostram um pouco, o que é a realidade da nossa catequese (apresentar as questões do inquérito e resultados).

Este questionário mostra-nos uma falha que é comum a todas as Paróquias que responderam. Isto leva-nos a perceber que a falha não está nas crianças, mas sim naqueles que lhes transmitem o anúncio e a fé em Jesus Cristo. Por isso, está também em nós Catequistas. (Caso das parábolas)

² Carta Pastoral do Cardeal Patriarca à Igreja de Lisboa “A Igreja no tempo e em cada tempo” Lisboa, 18 de Maio de 2008, Solenidade da Santíssima Trindade, Dia da Igreja Diocesana, n.11.

O primeiro contacto que muitas das crianças tem hoje com Jesus Cristo, é o primeiro encontro de catequese. O primeiro anúncio é feito pelo catequista e não pela família. Aqui, a nossa Missão de catequistas é ainda de maior responsabilidade. Temos que lhes dar a conhecer alguém muito importante. Esse alguém é Jesus! Jesus, que também um dia foi criança como qualquer um deles. Que ao crescer, nos ensinou o quanto é importante amarmo-nos uns aos outros e que Ele nos amou incondicionalmente.

A PALAVRA DE DEUS NOS TRÊS PRIMEIROS ANOS DE CATEQUESE

Poderemos começar esta parte, pela frase:

“Vinde Ver” (Jo 1, 39).

Todos estamos conscientes de que hoje a forma de fazer Catequese, tem que se adaptar as mudanças do mundo actual, mas a Mensagem a transmitir é a mesma. Os desafios que se nos colocam são novos, mas a Mensagem é sempre a mesma. Temos que nos adaptar aos novos meios, ver dinâmicas diferentes para transmitir a Palavra, mas sempre com Fidelidade a Jesus Cristo. O que pode e deve mudar são os métodos.

É isto que muitas vezes nos falta a nós catequistas, é esta humildade para podermos levar aos que nos rodeiam, aquilo que não é nosso, mas que nos e dado com todo o Amor. Como podemos partilhar se temos medos, se não mostramos o que somos!

Nós somos chamados a dar uma resposta sincera e autêntica. Somos chamados a viver segundo o Evangelho e a testemunhar isso mesmo, uma vida plena de Caridade e Amor para com o próximo. Uma vida de Simplicidade, como a de Jesus Cristo.

Como fazer Catequese hoje?

Todos conhecemos com certeza o esquema, que hoje, usamos normalmente no nosso itinerário Catequético. É um método indutivo em que se parte da experiência humana, com situações concretas, passamos para a Palavra de Deus, que tem que ser proclamada, escutada e interiorizada, nem que seja apenas um pequeno versículo e depois passamos para a Experiência de Fé, motivada por essa Palavra, que leva à Oração, ao cântico,

etc. Antes de toda esta pedagogia tem que existir um tempo de Acolhimento, que leva ao conhecimento daqueles que nos são confiados. O problema está, em que muitos de nós começamos com a experiência de vida e ficamos por aqui, porque as crianças não compreendem, as famílias não compreendem e então é melhor não criar problemas. O essencial fica para trás, às vezes, muito sem nos apercebermos de que estamos a fazer tudo menos Catequese. Estamos a dar aquilo que eles querem e não aquilo que nos é pedido pela Igreja. Temos medo de ser exigentes e depois, não temos Cristãos.

Atenção que somos Igreja. Cada Catequista faz parte de um Corpo maior a sua Comunidade, que leva até à Igreja e nós Catequistas, não podemos nunca esquecer que o objectivo da catequese é levar cada um daqueles que nos é confiado à Fé. Para ser cristão, é necessário **Escutar e Acolher** o anúncio da fé. Para todos é indispensável o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo, a sua aceitação pessoal. Esta adesão ao Evangelho é uma decisão que mexe com a vida de cada um. Que traz transformações à forma de Viver.

A Fé é Dom de Deus que se acolhe e supões um anúncio e uma transmissão **(DGC 84)**.

Os Catecismos que temos respeitam a centralidade da Palavra de Deus e são apresentados como uma síntese de fé viva. Esta Palavra designa toda a comunicação de Deus, que se vai Revelando ao Homem. De um Deus que é a nossa Força. Assim, a Bíblia, tem que ser uma presença constante nos nossos encontros de Catequese, não apenas a Proclamação da Palavra, mas a Bíblia em si, num local de destaque e cuidado para o efeito.

Para a primeira etapa da catequese, a leitura da Bíblia é a partir de Jesus Cristo.

Já vamos ver o porque desta afirmação, nunca esquecendo a idade dos catequizandos e que esta Palavra é o momento mais importante da catequese e que é isso, que nos motiva a procurar formas de transmitir com inovação a Palavra, mas sendo fiel ao seu princípio, ao conteúdo da mensagem. Ajudamos assim os catequizandos a descobrirem hoje, a mensagem de Deus.

A Palavra de Deus é alimento para todos os cristãos, seja qual for a idade. Assim, é necessário por as crianças em contacto com a Palavra o mais cedo possível, e os catecismos são um meio para chegar à Palavra.

Com a alteração efectuada nos Catecismos da primeira infância e com esta primeira etapa, temos como grande tema dos três primeiros anos: **“Inserção na Comunidade”, ou seja a Adesão a Jesus Cristo, em Comunidade.** É a fase de acolhimento por parte da Comunidade Cristã, tendo como objectivo a integração da criança na vida da Igreja.

O Catequista tem obrigatoriamente que dizer como S. Paulo: “Em primeiro lugar, transmiti-lhes aquilo que eu próprio tinha recebido.” (1Cor 15, 3) Assim, ao falar de cada Catecismo, vou também fazer uma referência aos encontros que nos falam de S. Paulo, ou aqueles em que o tema pode ser inserido (retirado de um trabalho feito pelo Departamento de Catequese da Diocese de Lisboa), dado que estamos no Ano de S. Paulo, realizando-se amanhã, aqui em Fátima, a comemoração dos 2000 anos da Conversão de S. Paulo e como Ele é um Exemplo de Vida, para cada um de nós. Alguém que ao fazer a experiência de Jesus Cristo, nunca mais desistiu, apesar de todas as perseguições que teve.

1º Catecismo – “Jesus Gosta de mim” ***Festa do Acolhimento***

O Acolhimento que se proporciona a estas crianças pode ser um “marco” para a sua caminhada de fé. Tem que ser Acolhidas, como Jesus acolhia. Para muitas delas, o primeiro dia de catequese, é o primeiro contacto com a comunidade cristã.

Também é objectivo deste catecismo, mostra aos catequizandos, o quanto Jesus gosta de cada um deles e como é o melhor Amigo, que podemos ter. Como Ele cuida de cada um de nós, com Amor, sem nada esperar em troca.

Neste 1º Catecismo, apenas podemos introduzir referência a S. Paulo na Catequese 20 – Eu quero ser como Jesus, na Catequese 23 – Jesus está vivo e na Catequese 25 – Os discípulos falam de Jesus

Este Catecismo está centrado no Novo Testamento, nos Evangelistas.

Os textos que nos aparecem de S. Paulo e do Antigo Testamento são apenas para ajudar os pais, naqueles pedidos que são feitos aos mesmos, ao longo dos encontros.

2º Catecismo – “Ensina-nos a Rezar”

Festa do Pai Nosso

A caminhada de fé continua. Jesus vai ensinar-nos a rezar, tal como ensinou os seus discípulos. A proposta que é feita é de oração pessoal e comunitária. Através da Oração, entramos em diálogo com Deus e conseguimos compreender melhor aquilo que Ele espera de cada um de nós, criando uma relação forte com o Pai.

A criança aprende facilmente a rezar, se vê os que a rodeiam rezar. Aprende através dos gestos e das palavras que vai escutando, compreendendo e memorizando.

Continuar a apresentar o Grande Amigo Jesus, como Filho de Deus e levar as crianças à descoberta de que o Pai de Jesus é também nosso Pai.

Desenvolver e ajudar as crianças a assumir atitudes de escuta, obediência e verdade.

Neste catecismo, temos textos que nos falam explicitamente de S. Paulo. Catequese 6 – Com Jesus quero dizer a Verdade; Catequese 24 – Pelo Baptismo somos filhos de Deus; Catequese 25 – Recebemos o Espírito Santo e Catequese 30 – Festa do Pai-Nosso.

Podemos ainda introduzir referências a S. Paulo, nas Catequese 5 – Com Jesus aprendo a respeitar; Catequese 12 – Jesus reza a Deus, seu Pai.

Também este Catecismo está centrado no novo testamento, existindo apenas referências a dois textos de S. Paulo

3º Catecismo – “Em Ti Vivemos³”

Festa da Eucaristia

Como sabem, este novo Catecismo, está ainda em fase de elaboração, mas como vem na sequência dos outros dois e vem terminar uma etapa,

³ N.E. Como refere a autora do texto, no momento em que esta comunicação foi apresentada, o 3º Catecismo não estava ainda concluindo, vindo a ser editado em 31 de Julho de 2009, mas com o título “Queremos seguir Jesus”, designação essa que pareceu à equipa autora melhor mostrar o seu objectivo pedagógico e catequético, naturalmente em consonância com o modo como a Palavra é apresentada.

podemos dizer que o grande objectivo do mesmo, é levar os catequizandos a participar activamente na vida litúrgica, preparando-os para os Sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação. Assim, com este novo itinerário, temos 3 anos de preparação para a grande festa da Eucaristia. Actualmente, temos 3 anos de catequese até à primeira Comunhão, com 3 Catecismos que lhe são dedicados. Através da Palavra, temos que despertar nas crianças a vontade de seguirem e aderirem à Vida de Jesus Cristo.

A reconciliação é iniciativa de Deus, tendo na origem o Amor de Deus, que manifestou a Sua misericórdia enviando o Seu Filho Jesus Cristo. Jesus, ao aceitar morrer na Cruz, trouxe aos homens a salvação: por Ele, Deus reconciliou-Se com o homem.

A reconciliação resulta do ministério da Igreja que ao celebrar os sacramentos, permite aos homens receberem o perdão dos seus pecados e podem assim viver uma vida reconciliada com Deus.

Mas, a reconciliação supõe também uma resposta do homem, que deve tomar consciência do seu pecado, a lamentar o mesmo e a assumir um compromisso de mudança de vida.

Como estamos no Ano Paulino, ainda no actual catecismo, temos catequeses que contêm textos de S. Paulo, tal como a Catequese 5 – Celebramos Cristo, nossa Luz, Catequese 6 – Somos a Igreja de Cristo; Catequese 13 – Formamos o Corpo de Cristo e Catequese 24 – O Amor de Deus em nossa casa.

Temos ainda catequeses, onde podemos introduzir referências a S. Paulo, tal como a 12 – Crescemos no Espírito Santo e Catequese 15 – Queremos seguir Jesus até ao fim.

PAIS

(LG 11⁴ - ...os pais devem ser para os seus filhos os primeiros transmissores da fé mediante a palavra e o exemplo.)

⁴ Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, Sobre a Igreja, 1964, n.11.

Nesta primeira etapa, é necessário envolver os Pais. Geralmente vemos esta relação como um problema e a atitude é de demissão. Vejamos esta situação como um pequeno obstáculo que temos que ultrapassar e vamos encontrar recursos, para o fazer. Nestes dois primeiros Catecismos, temos propostas concretas para trabalhar com os Pais. Para além disso, vamos chamá-los mais vezes a estarem connosco, a pretexto e pequenas e grandes coisas. Um encontro preparado pelos catequistas com os catequizandos, para apresentar aos Pais. Aparecem só dois ou três de um grupo de 15. Então, já é muito bom. Hoje estão 2 ou 3, amanhã, estarão mais. Nada de lamentações e vamos em frente. Desistir não! Vamos envolver, pedir ajuda, dar pequenas tarefas. Não os conheço, nunca apareceram! E então, para que servem os telefones? Para que temos as moradas? Por que não uma visita! Vamos envolver os Pais na caminhada da iniciação Cristã! Quantos de nós, não se deram já conta de que, quando conseguimos que as crianças tenham vontade de participar nas actividades propostas, como sejam determinadas celebrações, Eucaristia, etc, são eles mesmo que acabam por levar os Pais.

Nem todos os Pais são iguais. É preciso primeiro conhecer a realidade de cada família. Requer tempo sim. É necessário investimento do Catequista em conhecer a criança, perceber quem o leva à catequese, que na maioria das vezes, não são os pais, mas que nos podem ajudar a conhecer a realidade que são esses pais. Depois é encetar um trabalho continuado com eles. Pedir pequenas coisas, não dando um carácter de obrigatoriedade, mas aparecendo como um pedido de ajuda. Não acusar, mas criar um bom ambiente, de amizade. Abdicar do que pretendia fazer, se existirem pais que dão ideias, que são diferentes das do catequista, mas que estão de acordo com os valores cristãos e que desta forma, os Pais vejam que o que eles dizem e propõem, também tem valor. Tem que existir flexibilidade e humildade por parte do catequista, para envolver a família das crianças. Dar aos Pais um papel activo, de entreaajuda, que os leve também a querer conhecer e Jesus Cristo. Não vale a pena “bater” mais nos Pais. Isto só os afasta. Já é uma bênção, os filhos estarem na catequese, pois muitos deles nunca escutaram o primeiro anúncio, não tiveram qualquer formação doutrinal, mas mesmo assim, trouxeram os filhos à Catequese. Alguns deles, trazem mesmo uma péssima imagem do que é a Igreja e está também em nós a obrigação de rezarmos por Eles e pedirmos ajuda a Deus, para os levar à conversão.

COMO MOTIVAR AS CRIANÇAS PARA A ACÇÃO DA PALAVRA

As crianças dos 6 aos 9 anos, absorvem muito bem o que lhes é dito. Estão ávidas por saber mais coisas e gostam muito de “histórias”. É preciso saber usar a **narração**, **usar símbolos**, imagens que fiquem na memória, **dinâmicas variadas** de acordo com as idades, **montagens**, **filmes** (Príncipe do Egito, Favores em Cadeia, vários filmes sobre as Parábolas, sobre Jesus Cristo, sobre Natal e Páscoa...), **diapositivos**, o **canto**, o **Jogo**, que é também uma forma eficaz de memorização, bem como a **representação/dramatização** (leitura de um texto bíblico, e depois preparar uma representação), **marionetas**, **passeios/actividades sobre determinados temas**, **expressão plástica**: Mapas, Painéis, Desenho, Pintura, Modelagem... Depois, é também necessário chegar à família. (apresentação de exemplos)

Narração: A criança é capaz e, está interessada na linguagem narrativa. Escutar e reproduzir, leva ao conhecimento e facilita a aprendizagem.

Uma das melhores formas de atrair as crianças para a Palavra de Deus, é a narração – (quem não gosta de histórias). Narrar de forma autêntica, com entoação, com vida. Tem que ser como que um entrar dentro da história, para que ao narrar, ela esteja como que a ser vivida. As crianças têm que sentir a história. Conforme vamos narrando o episódio, podemos perceber como está a atenção das crianças. Olhar para as suas faces e ver se estão com atenção ao não. Quando estamos a fazer uma narração, e percebemos que a atenção é plena, não devemos interromper. No final, podemos colocar pequenas questões, ou pedir para reconstituírem a história, fazer um desenho, etc. A narração dirigida a estas crianças da 1ª etapa, não deve ser muito longa, deve ter palavras simples e se necessário, com uma linguagem adaptada, mas sem alterar o sentido.

Jogos: O Jogo das Parábolas; Jogo de Paulo (Viagens, Aventura; Prisão, ...); jogo da construção, em que temos pequenos textos, com frases incompletas e que é necessário adivinhar; jogos com mímica.

Missão para o Grupo: Dar pequenas “Missões” ao grupo, que leve ao desenvolvimento do conhecimento e à acção, é também muito importante. Podemos dar como exemplo, por alguns elementos do grupo a preparar os encontros. Que bom, é ter 7 ou 8 anos e estar a falar para os colegas e para o Catequista. E por que não, preparar um encontro de catequese, para as

crianças fazerem com os Pais? Existe um convite aos Pais, para um encontro e são as crianças a falar! É uma experiência única para todos, desde que bem preparado.

Outro exemplo, é a construção de um “local” de oração! Para além de prepararem o local com beleza, cada membro do grupo deve dar o seu contributo com um elemento que seja a base do “cantinho da oração” e que pode até ser referenciado durante a mesma.

Outro exemplo, poderá ser a construção de um jornal pelo grupo. Jornal que pode depois ser fotocopiado e oferecido aos Pais, aos outros grupos, etc. Escrever cartas, com base num tema; criar jogos, tendo por base jogos conhecidos, mas aqui, ligados com determinadas passagens bíblicas (Novo Testamento, papel, canetas, dados, pinos...). Em tempos fortes, tais como a Quaresma e o Advento, podem-se criar dinâmicas próprias, que podem proporcionar aos mais pequenos experiências diferentes e ajudem a perceber o que se está a passar.

A Lectio Divina e os Catequistas

A Lectio Divina, que é um método tradicional da leitura da Bíblia, que esteve um pouco esquecido e que hoje, está a entrar novamente na oração do cristão. É como que uma escada, pois vamos avançando degrau a degrau na Leitura Orante da Palavra de Deus. Podemos ajudar os nossos catequisandos a rezar os textos bíblicos desta forma. Passo a passo e à medida que nós os catequistas, o vamos também fazendo. Sim, porque nós próprios, a grande maioria dos Catequistas, não a praticamos. Não deixamos que esta Palavra de Deus habite em nós e nos transforme.

Deixemos o nosso coração Escutar a Palavra de Deus!

Esta escuta, é disponibilidade para o acolhimento, é dar tempo para deixar a Palavra actuar, Palavra essa, que no final nos transforma, que faz cair as barreiras que criamos para fazer apenas o que queremos, e dá lugar à Acção de Deus em nós.

Foi isto que aconteceu com Maria”Sou a serva do Senhor. Cumpra-se a tua palavra!” (Lc 1, 38)

Ler – Leitura da Palavra, com fé, com humildade, com amor. É Deus que nos fala. Lê-se e tenta-se compreender a passagem Bíblica

Meditar – Meditar a Palavra, olhando para o que ela nos diz, o que significa/Deixar que a Palavra entre no nosso coração, e se faça presente hoje. Ver o que preciso mudar, aceitar o que Deus me propõe.

Rezar com esta Palavra – Quando escuto e medito a Palavra, ela não me deixa indiferente, a não ser que não esteja com atenção. Vejo o que fiz, os erros que cometi, o que tenho que mudar. Tenho a plena consciência de que devo pedir perdão e agradecer por esta realidade. Entro em diálogo com Deus

Contemplar – É o momento de acolhermos Deus no nosso coração. É assumir e confiar na eficácia da Palavra na nossa vida.

Comunicar – partilhar com os outros o que é a verdadeira Felicidade. Cada um de nós é único, mas se é Feliz, sabe mostrar essa Felicidade ao outro. A Verdadeira comunicação é a nossa própria vida do dia a dia. A nossa vida, vivida de forma coerente com o Evangelho. Melhor partilha do que esta, não existe.

Devem estar a pensar e como fazemos isto com as crianças. O catecismo não nos apresenta esta forma de Fazer catequese! Pois é, mas se não o fizermos na nossa preparação cuidada de cada encontro, não o conseguimos dar aos outros. Nem aos catequizandos, nem às famílias. Para esses, ainda é pior. Então temos que viver a Palavra desta forma, como o tesouro mais precioso que nos foi dado, não para guardar para nós, mas para o partilharmos com os outros. Não podemos esquecer que estas crianças, entre os 6 e os 9 anos, precisam de respostas simples e breves, adaptadas à sua idade e da sua compreensão, mas sempre de acordo e fiéis à Palavra de Deus. Muitas vezes, as crianças surpreendem-nos com a sua capacidade e nós depois, não somos capazes de lhes dar a continuidade que elas por vezes procuram. É preciso que o Catequista esteja bem preparado, que a sua formação seja forte, pois as crianças, cada vez mais, percebem quando os adultos não estão seguros, naquilo que estão a dizer e quando agem de forma contrária, aquilo que é dito.

Valores como o Silêncio, a Oração estão presentes nesta leitura orante da Palavra.

Para ler a Bíblia, temos que **pedir ao Espírito Santo que nos ajude a entender e acolher a mensagem que nos é transmitida** no momento.

Esta é uma forma de semear a Palavra no coração da criança e mesma que ela não compreenda tudo, fará um caminho, que virá certamente a dar frutos, pois, a pouco e pouco, ela vai entender melhor a pequena Luz que lhe foi transmitida.

Proposta para os Grupos: “Bíblia em casa” uma semana na casa de cada catequizando, com uma proposta concreta. Este ano, com S. Paulo.

Conclusão

Como é bom ser criança!

Como é bom saber que Jesus nos ama incondicionalmente!

Temos que adequar a pedagogia à idade dos destinatários e ter também em consideração os interesses do grupo. A Catequese, tem que ser participativa, pois aquele que age, que faz, que executa uma tarefa, sente-se mais envolvido, mais responsável e mais comprometido. No caso das crianças, coma a cação, elas sentem-se importantes, e ao fazer, sente que aquilo também é algo seu. Nesta idade a criança gosta de fazer, pois sente-se adulto. Tem tendência a imitar o que vê. Mas a acção, ajuda também a memorizar e a desenvolver capacidades, que por vezes, estão escondidas. Ajuda a descobrir dons!

Temos que ser capazes de transmitir/apresentar/mostrar às crianças este Jesus Amor. Tudo foi feito por Amor e que Jesus está em tudo e todos. (DGC 84) – A Catequese, tem que chegar ao coração.

Tem que haver uma adesão pessoal a Jesus Cristo e o experimentar, leva à adesão.

O Catequista tem que ajudar as crianças a assumir uma atitude de Escuta da Palavra. Fazê-las compreender que não é o Catequista que diz, mas sim, que é Alguém muito importante que lhes fala. Que lhes diz o que devem

fazer e como fazer. Fazer despertar em cada um dos elementos do grupo, o gosto e a capacidade de escuta da Palavra de Deus, fazendo nascer no seu coração, uma atitude de resposta que se traduz na Oração.

É mais fácil levar uma criança á adesão a Jesus Cristo do que um adulto, isto passa não só pela catequese, mas também pela Família, daí a necessidade de “investir” na sua motivação e empenho. (DGC 226)

Temos que agradecer sempre pela Vida, pela nossa família, amigos,... enfim, por tudo.



Questão final para os Catequistas presentes.

Como sinal da nossa vontade de dar mais espaço à Palavra de Deus na Catequese, o que vou fazer no meu grupo?

Perspectivas sobre uma pedagogia bíblica para a Catequese - 4º a 6º catecismo¹

P. LUIS MIGUEL FIGUEIREDO RODRIGUES (*)

Introdução

Neste Grupo de Trabalho vamos começar por ver os objectivos dos anos com os quais fazemos catequese, depois iremos reflectir sobre o que os Guias nos dizem que deve ser a catequese e, aí, ver a preponderância bíblica.

Iremos verificar que se quem prepara a catequese não fez a leitura orante da Palavra, a caminhada catequética não acontece, pelo que a parte final do nosso trabalho irá servir para re-descobrir formas de rezar a Palavra para melhor nos capacitarmos para suscitar a conversão e a fé dos nossos catequizandos.

Objectivos e itinerário catequético desta etapa

Objectivo Geral da Etapa: Esta etapa é dedicada à **primeira síntese da fé cristã**. Ser cristão é seguir Jesus Cristo e viver à maneira da comunhão trinitária.

Na formulação anterior, de 1993, mas que continua em vigor, dizia-se: Esta fase é dedicada à descoberta da identidade do cristão. Ser cristão é seguir Jesus, reconhecer e celebrar a sua presença salvadora e comprometer-se na construção do Reino, em Igreja [Fase II].

A terceira fase proporciona à criança a construção da sua primeira síntese de fé cristã, à luz da História da Salvação. A criança prepara-se para

¹ Este texto não é uma conferência nem um artigo científico. Trata-se de uma recolha de textos que foram usados no grupo de trabalho referido, para que os catequistas reflectissem e construíssem as suas próprias soluções.

(*) Catequeta. Director do Secretariado Diocesano da Catequese da Arquidiocese de Braga.

«assumir» e proclamar a fé de seu Baptismo, na alegria de pertencer à Igreja de Jesus Cristo [Fase III].

4º ano – “Ficamos contigo”

a) Objectivos gerais:

- Contactar com a Palavra de Deus numa dinâmica de fé
- Conhecer melhor Jesus e a Sua mensagem pela introdução à Bíblia, especialmente ao Novo Testamento
- Descobrir e viver o essencial da Mensagem Cristã, a exemplo de Jesus e de algumas personagens, bem como de cristãos contemporâneos
- Desenvolver atitudes de escuta e resposta à Palavra de Deus que nos interpela e compromete.

b) Itinerário catequético:

- Escutamos a Palavra do senhor e respondemos na fé (Bloco I)
- A Palavra de Jesus é um desafio para nós (Bloco II)
- São felizes os que escutam e põem em prática a Palavra de Deus (Bloco III)

5º ano – “Eu sou o vosso Deus”

a) Objectivos gerais:

- Possuir uma visão global da História da Salvação: Antiga e Nova Aliança, centradas em Jesus Cristo, com incidência maior no Antigo Testamento
- Tomar consciência de pertencer ao Novo Povo de Deus
- Sentir a alegria e a responsabilidade de construir em união com os outros o Projecto de Deus
- Comprometer-se com Jesus Cristo no serviço da comunidade cristã
- Começar a fazer a síntese dos elementos da fé cristã já conhecidos

b) Itinerário catequético:

- Deus quer fazer de todos os homens um só povo (Bloco I)
- Deus faz aliança com o seu povo (Bloco II)
- Deus realiza o seu projecto por Jesus Cristo, na Igreja (Bloco III)

6º ano – “Jesus Cristo é o Senhor”

a) Objectivos gerais:

- Possuir uma visão global da História da Salvação com maior incidência no Novo Testamento
- Descobrir na vida de Jesus e dos cristãos o caminho das bem-aventuranças como nova forma de realização da Aliança com Deus
- Conhecer a Igreja de Jesus Cristo como o Novo Povo no qual Deus continua a manifestar e realizar o seu projecto salvífico
- Tomar consciência da vocação cristã radicada na consagração baptismal e da necessidade de ir respondendo aos apelos de Deus em cada fase da vida
- Comprometer-se a seguir Jesus Cristo e dar razões da sua fé, manifestando na comunidade eclesial a fé do baptismo

b) Itinerário catequético:

- Jesus é Deus feito homem (Bloco I)
- Jesus inaugura o Reino (Bloco II)
- Jesus funda a Igreja, sinal do Reino (Bloco III)

O que é a catequese

Mas estes objectivos/intenções inserem-se no grande Objectivo da Catequese²:

A catequese é uma acção *eclesial*, é a Igreja no seu todo que faz a catequese, cumprindo a sua missão de ser continuadora da missão de Jesus Cristo: levar a Boa Nova a todos os povos. A Igreja, animada pelo Espírito Santo, conserva no seu coração, anuncia, celebra, vive e transmite o Evangelho através da catequese (Cf DV 8).

A comunidade eclesial é a *origem* porque o catequista não actua em nome próprio, mas em nome da comunidade cristã e, por isso, em nome de toda a Igreja (Cf EN 60). O catequista pode e deve dizer como São Paulo: “Transmiti-vos, em primeiro lugar, o que eu próprio recebi” (1Cr 15,3). Este anúncio não pode prescindir da família, do ambiente em que o catequizando vive. Quando falamos em família – como principal transmissora da fé – referimo-nos à família cristã que “tem uma função primária, porque nela se pode realizar o anúncio da fé num clima de acolhimento e de amor, que,

² Transcrevemos a introdução que está em todos os guias reformulados e já publicados.

melhor do que qualquer outro, confirma a autenticidade da Palavra” (DGC 188). Contudo é preciso ter em conta que muitas famílias não são cristãs, no sentido de que são incapazes de transmitir a fé, por variadíssimas razões. Aqui, o catequizando há-de ser acolhido por uma comunidade cristã, onde encontre um clima fraterno e acolhedor, que lhe faça ver a alegria de ser cristão, capaz de lhe suscitar o desejo de seguir Jesus Cristo. O grupo de catequese, como grupo primário, é uma boa porta de entrada na família paroquial.

A comunidade é o *âmbito* ou *lugar* normal da catequese. É como o seio materno onde se gera o homem novo, por meio da Palavra e dos Sacramentos de Iniciação cristã. O testemunho da comunidade é fundamental: a catequese transmite com mais facilidade aquelas realidades e vivências que realmente existem na comunidade.

A *meta* da catequese é também a comunidade, pois é esta que acolhe os que são iniciados na fé. A catequese correria o risco de se esterilizar se não houvesse uma comunidade viva que acolhesse cada catequizando. Por isso, a comunidade é duplamente responsável: tem a responsabilidade de catequizar cada um dos seus membros; e também de os acolher, de modo a que possam viver o mais plenamente unidos Àquele a quem aderiram (Cf CT 24). Por último, é a catequese que renova a comunidade, pois através da Iniciação cristã a Igreja gera filhos no Filho e conduz à maturidade da fé tanto das comunidades como de cada fiel (Cf DGC 21).

Depois do acima dito torna-se claro que a catequese, se quer cumprir os seus objectivos, tem de introduzir o catequizando na vida da comunidade, fazendo dela a sua comunidade de referência.

Finalidade da catequese

O objectivo da catequese é levar cada catequizando não só a um contacto, mas a uma comunhão e intimidade com Jesus Cristo (Cf CT 5). Pela sua própria natureza, “a comunhão com Jesus Cristo impulsiona o discípulo a unir-se a tudo aquilo a que o mesmo Jesus Cristo se sentiu profundamente unido: a Deus seu Pai, que o enviara ao mundo; ao Espírito Santo, que lhe dava força para a missão; à Igreja, Seu corpo, pela qual Se entregou; e a toda a humanidade, Seus irmãos e irmãs, de cuja sorte quis partilhar” (DGC 81).

A comunidade, família de famílias, tem um lugar de destaque, pois são precisas comunidades que mostrem a fé em que acreditam e acolham aqueles que querem aderir a Cristo. A vida litúrgica e de comunhão, o testemunho alegre e o acolhimento caloroso, são expressões de comunidades missionárias que convocam à fé e geram espaços de acolhimento para aqueles que querem aderir ao Reino de Deus.

Tarefas da Catequese

Para que a pessoa se realize precisa de encontrar um horizonte de sentido. Trata-se de descobrir a dimensão mais profunda da pessoa, aí onde se descobre como que uma abertura ao infinito. Dizer que a pessoa sai de si, é dizer que a pessoa é um ser de relações: ser que se questiona; que reflecte; e que procura a sua origem e o seu fim, para se realizar como pessoa. Nós, crentes, sabemos que só em Cristo se pode encontrar a realização plena.

Para conseguir este objectivo, a catequese deve seguir o modo como Jesus formava os seus discípulos, realizando estas tarefas fundamentais: conhecer as dimensões do Reino, ensinar a orar, transmitir atitudes evangélicas e iniciar à missão (Cf DGC 82-87).

A catequese é responsável por educar nas diversas dimensões da fé: a fé professada; a fé celebrada; a fé vivida; e a fé rezada, tudo inserido numa comunidade e com sentido missionário. Neste processo de educação da fé há intervenientes que têm um lugar de destaque. São eles a família e a comunidade cristã.

O conhecimento da fé: a catequese deve conduzir à apreensão de toda a verdade do desígnio salvífico de Cristo. A compreensão da Sagrada Escritura, do Credo e demais documentos da fé da Igreja expressa e realiza esta tarefa.

A educação litúrgica: a comunhão com Jesus Cristo leva à celebração da Sua presença nos sacramentos, pelo que a catequese “além de favorecer o conhecimentos do significado da liturgia e dos sacramentos, deve educar os discípulos de Jesus Cristo ‘para a oração, para a gratidão, para a penitência, para as preces confiantes, para o sentido comunitário, para a percepção justa do significado dos símbolos...’, uma vez que tudo é necessário, para que exista uma verdadeira vida litúrgica”(DGC 85).

A formação moral: A conversão a Jesus Cristo tem como consequência que o discípulo siga o caminho do Mestre. A catequese deve favorecer uma educação que propicie ao catequizando atitudes próprias do cristão, que lhe transmita a vida em Cristo, concretizada em atitudes e opções morais.

Ensinar a rezar: A comunhão com Jesus Cristo leva a que os seus discípulos assumam o carácter orante e contemplativo do Mestre, conseguindo, deste modo, que a vida cristã seja vivida em profundidade. Aprender de Jesus a sua atitude orante “é rezar com os mesmos sentimentos com os quais Ele se dirigia ao Pai: a adoração, o louvor, o agradecimento, a confiança filial, a súplica e a contemplação da Sua glória”(DGC 85).

Educar para a vida comunitária: A educação para a vida comunitária implica que o catequizando tenha condições para se ir envolvendo de uma forma progressiva na vida da comunidade, assumindo responsabilidades e comprometendo-se com esta. Para isso, a catequese deve fomentar atitudes próprias (Cf DGC 86).

A iniciação para a missão: Só se adquire a maturidade da fé quando se tem capacidade e necessidade de testemunhar essa mesma fé, nas diversas circunstâncias da vida. A catequese, ao educar para o sentido missionário, capacita os discípulos para a sua missão na sociedade, na vida profissional, cultural e social.

Que tipo de pedagogia catequética utilizar?

Simplesmente, uma pedagogia que esteja ao serviço da Iniciação Cristã³.

Partimos do conceito de pedagogia como modo de conduzir, organizar e tentar alcançar objectivos educativos. A pedagogia é mais ampla do que a didáctica ou a metodologia. Esta pedagogia é moldada pelo conceito de catequese que a Igreja preconiza, com determinados conteúdos e um itinerário. Para alcançar estes objectivos a pedagogia catequética precisa de *instrumentos didácticos, lugares e pessoas* que realizem a catequese. Analisaremos esta pedagogia em quatro dimensões: a teológica, a catequética, a espiritual e a psico-pedagógica.

³ Estamos a recorrer ao que já publicámos em Luís Miguel Figueiredo Rodrigues, «Iniciação Cristã: um serviço à vida», *Pastoral Catequética*.9, 2007, pp 75-79.

Teológica

Na primeira dimensão – *teológica* – destaca-se que a catequese é um acto de Revelação, de tradição viva, pelo que é inseparável a ortodoxia e a ortopraxis. A catequese tem de ser sempre uma iniciação ordenada e sistemática à revelação que Deus faz de Si mesmo (cf. CT 22). Esta revelação encontra-se na Sagrada Escritura e na Sagrada Tradição (cf. DV 8). A catequese como um acto de transmissão da Revelação deve acomodar-se ao modelo divino de se revelar, que o fez por obras e palavras, e tem o seu ponto culminante em Jesus Cristo. A Jesus Cristo, o homem de todos os tempos, pode aceder pela fé transmitida pela Igreja, sob a acção do Espírito Santo, tal como a comunidade a recebeu, compreende, celebra, vive e a comunica (cf. DGC 105).

De facto, o objectivo da catequese é a profissão de fé (cf. DGC 66), íntegra e total. Para que isso seja possível, a catequese deve transmitir os sete elementos básicos: as três etapas da História da Salvação (*dimensão narrativa*: Antigo Testamento, Vida de Cristo, história da Igreja) e os quatro pilares (*dimensão expositiva*: Credo, liturgia, vida em Cristo e oração). Aqui vemos a importância da Sagrada Escritura e do *Catecismo da Igreja Católica*. Este é ponto de referência para toda a catequese, catecismos e ensino teológico, e deve estar sempre presente, com a sua orientação, no labor catequético. A catequese não é outra coisa que a transmissão vital e significativa dos documentos da fé (cf. MPD 9), pelo que se pode agrupar em quatro, as linguagens de fé: doutrinal, litúrgica, orante e testemunhal.

Na transmissão da fé, a linguagem é algo imprescindível, a que devemos prestar atenção (cf. DGC 208; CT 59). Jesus Cristo não se identifica em exclusivo com nenhuma cultura ou sistema de pensamento, mas revelou-Se numa linguagem concreta. Foi certamente uma linguagem original e também normativa para qualquer outra linguagem que pretenda ser veículo da transmissão da Revelação, em fidelidade ao Magistério, a quem cabe discernir a sua autenticidade.

Catequética

A segunda dimensão – *catequética* – vai centrar-se na Iniciação Cristã. Porque a fé é um dom de Deus. Esta iniciativa divina e primeira do Pai verifica-se nas palavras e gestos que Jesus Cristo ressuscitado realiza na Igreja, Sua Esposa e nossa Mãe, que sob a acção do Espírito Santo guia e conduz aqueles que são chamados a entrar na comunhão de vida trinitária.

A Igreja, através da Iniciação Cristã, manifesta a sua identidade de Mãe e, enquanto incorpora o homem a Cristo, incorpora-o no Corpo de Cristo; enquanto gera cristãos, edifica a Igreja, de modo que podemos afirmar que pela Iniciação Cristã *a Igreja gera a Igreja*.

A Igreja realiza esta missão através de duas funções pastorais intimamente relacionadas: a catequese e a liturgia. A catequese é um elemento imprescindível da Iniciação Cristã e está vinculado aos sacramentos de iniciação.

A catequese é, então, uma formação orgânica e sistemática na fé, mas mais que um mero ensino, é uma aprendizagem de toda a vida cristã, uma Iniciação Cristã integral. Ajuda o discípulo de Cristo a *transformar* o homem velho, assumindo os seus compromissos baptismais e a professar a fé a partir do coração. É ainda uma formação de base essencial, centrada no essencial da experiência cristã, nas certezas mais profundas da fé e nos valores evangélicos. Habilita o catequizando a receber o sólido alimento posterior, na vida ordinária da comunidade eclesial, à qual também inicia. Ou seja, incorpora na comunidade que confessa, celebra, vive e ora a fé, e dela dá testemunho.

Este itinerário, todo ele eclesial, leva à incorporação efectiva e afectiva do catequizando no Mistério de Deus, e tem no catecumenado baptismal o seu modelo inspirador (cf. DGC 90). Desde os tempos apostólicos, o “tornar-se cristão” exige um caminho de iniciação, com diversas etapas, que pode ser percorrido rápida ou lentamente (CCE 1229). E uma vez que é um processo de conversão é essencialmente gradual e cristocêntrico, porque está ao serviço daquele que decidiu seguir Cristo, em ordem à personalização da fé, com a ajuda dos catequistas, que são os testemunhos e pontos de referência, que ajudam a integrar fé e vida, a criar identidade cristã, vindo nesta um contraste e alternativa com o mundo de hoje, mas sempre de acordo com a idade do catequizando.

A preceder esta etapa catequética de Iniciação Cristã deve realizar-se o despertar religioso, no seio familiar, onde a criança recebe os primeiros rudimentos da doutrina cristã, as breves orações com as quais aprende a dialogar com Deus, desenvolve os inícios da educação da consciência moral, entre outras. Esta educação cristã é mais testemunhal que instrutiva, mais

ocasional que sistemática, não está estruturada em períodos, antes é permanente e quotidiana.

Espiritual

Na terceira dimensão – a *espiritual* – convém ter bem presente que a eficácia da catequese é e será sempre um dom Deus, mediante a acção do Espírito Santo, sem o qual não é possível fazer catequese ou qualquer acção evangelizadora, por muito elaborado que estejam os planos e por mais sofisticados que sejam os meios humanos e materiais. Sem Espírito nada se consegue, pois o Espírito Santo é o protagonista de toda a missão da Igreja (cf. RMI 21); é o mestre interior, principal catequista e princípio inspirador de toda a actividade catequética.

Convém recordar também o papel do catequista, que é elemento essencial da catequese, o catecismo vivo. É enviado pela Igreja, numa comunidade concreta, realiza a sua vocação profética no seu grupo de catequese, onde anuncia, ilumina, persuade, testemunha, colabora com a função da comunidade cristã. Para que haja, pois, Iniciação Cristã é preciso um iniciador, chamado catequista, que é a alma da catequese. Aquele que é “chamado a ‘ensinar Cristo’ deve, portanto, antes de mais nada, procurar ‘esse lucro sobreeminente que é o conhecimento de Jesus Cristo’. Tem de ‘aceitar perder tudo (...) para ganhar a Cristo e encontrar-se n’Ele’ e ‘conhecê-Lo, a Ele, na força da sua ressurreição e na comunhão com os sofrimentos, conformar-se com Ele na morte, na esperança de chegar a ressuscitar dos mortos” (CCE 428). O catequista é, então, uma pessoa de fé profunda, que conhece os mistérios de Deus e vive em plena comunhão com eles, emergido no amor de Deus. Vive-os em Igreja, por isso é dotado de uma clara identidade cristã e eclesial, pelo que nada do que é humano lhe é alheio, logo possui uma profunda sensibilidade social (cf. DGC 237). O catequista respeita e vive de “um princípio essencial da visão cristã da vida: *o primado da graça*” (NMI 38).

Psico-pedagógica

Na quarta dimensão – a *psico-pedagógica* – vamos ter presente que se trata de uma pedagogia integral e de uma pedagogia da fé.

A pedagogia precisa de ser integral: que verse o saber – cognitivo intelectual –; o ser – afectividade, sentimentos e valores –; e o fazer –

comportamentos. Esta pedagogia precisa de ser equilibrada, em fidelidade ao homem e a Deus: é a lei da encarnação.

A pedagogia da fé é o modo de acompanhar o catequizando em ordem à profissão de fé, com os critérios próprios da fé. Para isso bebe da pedagogia de Deus e da pedagogia da Igreja. Daqui que não se pode ser mestre e pedagogo da fé dos outros se não se é discípulo convicto e fiel de Cristo na Sua Igreja (cf. DGC 142).

Esta pedagogia deve ser considerada como o processo de amadurecimento e de crescimento na fé, desenvolvido de maneira gradual e por etapas; inspira-se, como fonte e modelo, na pedagogia de Deus manifestada em Cristo e na vida da Igreja, e conta com a acção do Espírito Santo na Comunidade e em cada cristão. A Comunidade ajuda com o exemplo e a oração para que se dê o passo do homem velho para o homem novo, lutando contra o mal, com a ajuda da graça de Deus, em ordem a fazer a experiência alegre de ser salvo por Jesus Cristo.

A pedagogia catequética deve conseguir alcançar os três objectivos: instruir, transmitindo informação e conhecimentos seguros, transmitindo certezas e convicções; iniciar, levar cada catequizando a transformar-se no homem novo, realizando a conversão de toda a sua personalidade, a conversão do coração; educar, formar a pessoa e propondo-lhe novos comportamentos conformes à fé que aprende a professar.

Os objectivos, para além da socialização religiosa, são o desenvolver a graça baptismal, através da evangelização, realizando uma primeira síntese de fé de forma pessoal, a personalização da fé, juntamente com a iniciação sacramental.

Os conteúdos são eminentemente educativos, com o objectivo de desenvolver aqueles recursos humanos que formam o substrato antropológico da vida de fé. Ter-se-á em conta a História Sagrada, apresentando a narração dos acontecimentos e as personagens de uma forma existencial e orante. Também se deve lograr apresentar Jesus Cristo, de forma inicial e sistemática, na totalidade do seu Mistério (Salvador e Redentor). Apresentar-se-á a Igreja e a vida eterna. A iniciação sacramental será também tida em conta, pelo que se apresentam os sacramentos da Igreja e se ensina a participar neles, apresenta-se também a liturgia, dando atenção ao rito, ao sinal, ao símbolo,

à representação. Acima de tudo, tendo presente que a liturgia é o catecismo vivo, faz-se a relação entre a *lex orandi* e a *lex credendi* (entre a oração e a fé).

Características da Pedagogia Bíblica

1. Pedagogia histórica

A História da Salvação fala-nos de um Deus que se vai adaptando às situações do povo. Por sua vez, Israel descobre nos acontecimentos históricos a acção salvadora de Deus.

É a condescendência de Deus, acomoda-se e coloca-se à altura dos seus interlocutores.

O Povo de Israel descobre um Deus próximo e dialogante, daí que o apresente a falar com Abraão, Moisés, com os juízes, os reis e profetas.

A pedagogia catequética deverá:

Assumir as situações históricas dos seus destinatários.

Ensinar a olhar a realidade, orientar até à profundidade dos acontecimentos, deixar-se interpelar por eles e procurar respostas à luz da Palavra.

Que acontecimentos nos interpelam de maneira especial; como os lemos; a partir de que critérios os avaliamos?

2. Pedagogia gratuita e surpreendente

A Bíblia narra-nos a presença activa de Deus na história:

A sua força criadora oferece ao homem o dom da vida e um belo mundo (Gn 1-2)

Oferece-lhe o perdão, faz com Noé uma Aliança, oferece-lhe a sua promessa de Salvação (Gn 9, 12-17)

Promete a Abraão uma Terra e uma Descendência (Gn 15); propõe uma Aliança no Sinai (Ex 19)

Os Juízes, Reis e Profetas, são para Israel, verdadeiros dons de Deus. (Josué 1).

Os piores momentos no exílio, são considerados sinais pedagógicos de Yahvé para que o povo reconheça a falsidade dos “ídolos” (Ez 16).

A pedagogia catequética deverá:

Potenciar as capacidades humanas que permitam a descoberta deste Deus, criando pontes, facilitando a linguagem.

Ensinar a escutar, a olhar, a reconhecer as diferentes manifestações de Deus.

Onde se centra a nossa catequese, na “lei” ou na gratuidade, nos mandamentos, no “mandamento” que Jesus nos deixou?

3. Pedagogia dos símbolos

A história dos encontros entre Deus e a humanidade está “semeada” de sinais (mediações).

São inumeráveis e vários: a água, o deserto, a luz, a sombra, os olhos, o coração, a festa ...

As funções do simbólico: revelam e ocultam, de forma análoga, a presença de Deus nas suas múltiplas facetas (agricultor, forte, protector, rocha, pão, esposo fiel, pai/mãe)

Da mesma maneira, Jesus educará os seus: passará 40 dias no deserto; escolhe 12 apóstolos, cura cegos, surdos, mudos...dá de comer com 5 pães e 2 peixes; “ao 3º dia” vai a uma festa de casamento.

A pedagogia catequética deverá:

Educar a capacidade simbólica, não serão suficientes as linguagens doutrinárias e dogmáticas.

Assumir os métodos indutivos para passar do concreto ao invisível, ao mistério...

Ensinar a ler a realidade como “sinal” revelador de Deus e do seu projecto salvador.

A Pedagogia Bíblica deve ajudar a

- Narrar, escutar, expressar, experimentar ...
- Comparar, relacionar, confrontar, clarificar ...
- Questionar, duvidar, surpreender-se...
- Simbolizar, compreender para além da estória
- Descobrir o sentido da Palavra (chegar à confissão de Fé)

A pedagogia catequética conseguirá o seu objectivo se o procurara alcançar através da lectio divina, tal como no-lo dizem os nossos Bispos no documento de referência para a Catequese em Portugal – Para que acreditem e tenham vida – ao referirem que os novos materiais «têm como referência o Catecismo da Igreja Católica e como fonte a Palavra de Deus contida na Sagrada Escritura e na Tradição da Igreja.

Por isso, devem ser uma autêntica introdução à “lectio divina” isto é, à leitura da Sagrada Escritura feita “segundo o Espírito” que habita na Igreja (MPD 9; DGC 127). As passagens bíblicas deverão, por isso, ser contextualizadas com uma breve introdução que as situe e uma breve conclusão que destaque a mensagem principal»⁴.

O que é a Lectio Divina?

Este é, certamente, um dos métodos mais falados actualmente. A primeira coisa que nos poderá interpelar é a expressão latina *Lectio Divina*, que vem desde os Padres da Igreja, e que significa “*leitura divina*” ou seja, *Leitura da Sagrada Escritura*.

Devemos ao concílio Vaticano II a oficialização desta antiquíssima maneira de ler a Bíblia, que estava adormecida na Igreja depois das controvérsias da Reforma.

Trata-se, fundamentalmente, duma leitura crente e orante da Bíblia que encontra as suas raízes no Novo Testamento. Lucas apresenta-nos Jesus a convidar os discípulos de Emaús a reler o Antigo Testamento a partir do acontecimento da Páscoa (Lc 24, 13-35). E podemos dizer que os Evangelhos seguem, em grande parte, esta dinâmica. A *Lectio Divina* pode assumir diferentes formulações e práticas.

Vamos aqui apresentar o que este método de leitura bíblica tem de essencial

LECTIO (leitura) apropriar, situar, respeitar o texto.

O que diz o texto?

Trata-se duma “*leitura*” em sentido etimológico, isto é, duma “recolha” (de *lego*), muito mais rica do que um simples “ler”. Porque se trata-se dum “ler” com a finalidade de “*recolher*”, não tanto conhecimentos de tipo intelectual quanto o sentido profundo da Palavra: mensagem, sugestões, inspirações.

⁴ PTV 7.

* **Nível literário:** fixar o texto e responder a questões muito simples, como estas: Quem? Onde? Como? Porquê? Que ligação entre texto e contexto?

* **Nível histórico:** Procurar o contexto histórico em que o texto foi escrito e analisá-lo sob quatro aspectos: económico, social, político, ideológico. Descobrir os problemas aos quais o texto pretende dar resposta e que, de algum modo, aparecem no fundo ou à superfície do texto.

* **Nível teológico:** descobrir a mensagem para o homem, nesta situação histórica concreta: como é que o texto a manifesta, modo como as pessoas desse tempo representavam a Deus, como é que Ele Se lhes revelava, como é que o povo vivia esta mensagem.

Meditatio (meditação) ruminar, dialogar, actualizar
O que me diz o texto?

Nesta fase trata-se, antes de mais, de uma actualização do texto, para mim, um fixar-me nos valores permanentes do texto.

- Que semelhanças e diferenças existem entre as circunstâncias do texto e as de hoje?
- Conflitos de ontem e de hoje? Que diz o texto à situação de hoje?
- Que mudança de comportamento me inspira no *aqui e agora* da minha vida pessoal e social?...

Oratio (oração) suplicar, louvar, orar
O que digo ao Texto?

Até agora, era o Senhor a falar connosco, a apresentar-nos a Sua proposta; agora, é o momento da nossa *resposta* à *proposta* de Deus. Esta é a característica fundamental da oração cristã. E esta minha resposta exprime-se em sentimentos de louvor, súplica, acção de graças, pedido de perdão...

Contemplatio (contemplação) discernir, agir, saborear
O que vejo e faço?

Trata-se fundamentalmente de concentrar a atenção, não em sentimentos ou em orações, mas na Pessoa de Jesus e na Sua relação com o nosso mundo.

Esta é a chegada de uma *Lectio* e o ponto de partida de uma nova...

Como fazer em grupo?

Quando se quer fazer *lectio divina comunitária* é preciso antes de mais, fazer uma preparação adequada⁵.

Em concreto, é necessário:

- *Estabelecer* cuidadosamente o tempo e o lugar mais adequados às pessoas que vão participar; um local barulhento, demasiado esquálido, demasiado frio ou quente, com má iluminação ou cheio de objectos amontoados certamente não servirá.
- *Escolher* antecipadamente um texto que seja adequado à cultura e à espiritualidade do grupo e indicá-lo a todos de antemão. Não se pode escolher um texto ao acaso nem convém deixar essa escolha ao gosto pessoal: ele deve vir de uma escolha motivada e partilhada que tenha o sentido e a intenção de ajudar a viver e a rezar.
- *Encarregar* uma pessoa do grupo que prepare um comentário exegético, ao menos sintético, e que oriente o andamento do processo nas suas várias fases. Deve ser uma pessoa capaz e à qual se devem oferecer os meios necessários para a sua preparação (tempo livre, recurso, comentários). Não é preciso que seja um especialista; no entanto, não é qualquer um que pode prestar este serviço. Não escolher a pessoa certa é comprometer tudo.
- *Fornecer* a todos a mesma tradução do texto bíblico a usar na *lectio*, para não criar distrações com traduções diferentes. Isto não impede que cada participante tenha uma bíblia, de forma a poder procurar e verificar os textos paralelos e até fazer uso das notas de comentário. Se possível, fornecer também cópia dos textos que se irão cantar.
- *Preparar* o local do encontro de forma a ser acolhedor, sem barulho, que tenha algum elemento “sugestivo”: por exemplo um ícone, a Bíblia em formato grande, uma chama, flores ou outros elementos,

⁵ Cf. Bruno Secondin, *Leitura Orante da Palavra*, ed. Paulus, Lisboa 2008.

simbólicos, um fundo musical em certos momentos pode ser benéfico. A disposição das pessoas deve ser em círculo, para que todos possam estar virados para o centro. Por esta razão, as capelas habituais com organização unidireccional que não permitem a vista recíproca dos participantes são má escolha.

- *Quem lidera* é que estabelece o modo do início da *lectio*, a altura da passagem de uma fase à outra, a ordem correcta na participação e na partilha, a altura e o modo de encerrar o acontecimento. É preferível que a sua duração fique entre os 40-60 minutos em comunidades normais.
- *Um refrão meditativo*: é recurso de especial utilidade e poderia ser retirado dos versículos do salmo responsorial, oportunamente musicados. Nós propomos para cada texto de análise um refrão nosso, com a respectiva melodia. Trata-se de um texto breve, que se pode repetir com facilidade e com frequência.
- *Nas comunidades* com melhor preparação também se pode juntar um ao outro comentários patrístico ou de um teólogo, contando que se trate de textos sapienciais e não de teorias teológicas gerais ou de análise exegéticas demasiado técnicas.
- *Terminada a lectio*, não se deve fazer logo uma avaliação – é melhor deixar que a experiência se repita algumas vezes antes de fazer a avaliação conjunta do estilo, do ritmo, da forma, da linguagem; é preciso haver um certo desapego para julgar bem.

Fases de desenvolvimento

No que diz respeito às frases da *lectio*, sugerimos que se preste atenção aos seguintes conselhos:

- *Acolhimento e Oração*
 - Acolhimento e exposição breve, em comum, das expectativas e do programa.
 - Verificar que tudo está bem organizado, para evitar interrupções posteriores.

- Não permitir que ninguém chegue atrasado ou saia antes do encerramento.
- Oração Inicial, com invocação da luz do Espírito Santo.

- *Leitura do Texto*
 - Leitura atenta e lenta, seguida de momento de silêncio.
 - Ficar em silêncio para que a Palavra possa penetrar em nós.
 - Repetir mentalmente o texto, procurando lembrar tudo o que foi lido.

- *O sentido do texto em si mesmo*
 - Após um primeiro comentário sobre o texto e respectiva estrutura, proclamá-lo uma vez mais.
 - Por esta altura, é bom iniciar a introdução do refrão meditativo.
 - O líder faz um comentário de tipo “exegético” e sapiencial do texto.

- *A Palavra ilumina a vida e interpela-a*
 - O líder mostra como aplicar à vida alguns aspectos do texto.
 - Dar atenção às ressonâncias autênticas e fortes para a vida de hoje.
 - Situar o texto no plano de Deus que se realiza na história.
 - Fazer uma pausa de silêncio para assimilar tudo o que foi ouvido/ /sentido.

- *Partilha*
 - Dar aos participantes a possibilidade de apresentar breves comentários.
 - Evitar que se faça perguntas, comentários de crítica ou divagações.
 - Quando as intervenções forem fracas, não insistir em continuar.

- *Rezar a palavra meditada*
 - Fazer um momento de silêncio para preparar a resposta a Deus.
 - Fazer ressaltar um símbolo qualquer: por exemplo, acender o incenso ou uma vela.
 - Partilhar, sob a forma de oração, as luzes e as energias recebidas.
 - Acautelar que se trata mesmo de “rezar a Palavra”.

- *Contemplar, comprometer-se*
 - Fixar o olhar e o coração em Deus, sentindo a sua presença de luz.
 - Manifestar o compromisso a que a leitura orante nos conduziu.
 - Sintetizar tudo numa frase e mantê-la consigo durante o dia.
 - Convidar a manter uma vida coerente com a Palavra meditada.

- *Salmo ou cântico de conclusão*
 - O líder indicará um salmo ou um cântico que faça ecoar o sentido do texto.
 - Anunciar o próximo encontro ou entregar um programa escrito.
 - Se possível, entregar também um cópia escrita de comentário que o líder fez.

Perspectivas sobre uma pedagogia bíblica para a Catequese - 7º e 8º catecismo¹

P. MANUEL QUEIRÓS DA COSTA (*)

Dentro do itinerário de catequese de iniciação da infância e da adolescência, que vigora em Portugal, o 7º e 8º anos situam-se no início da adolescência (12-14 anos) e pretendem ajudar o pré-adolescente na busca de sentido para a vida. A sua situação vital e cultural é propícia a um questionamento mais intenso sobre si próprio, sobre os outros, sobre o mundo, sobre Deus. É próprio da catequese ajudá-lo a equacionar estas questões numa perspectiva cristã. Por isso se chama a esta etapa «sentido cristão da vida».

O 7º ano – «Projecto +» – pretende ajudar o pré-adolescente a construir o seu próprio projecto de vida como crente. Assim, a catequese há-de propor o Evangelho de Jesus Cristo que é Boa Nova de vida e de liberdade.

No ano seguinte – «Somos +» – cuidará sobretudo da relação com os outros propondo-lhe a beleza e o encanto da fé vivida e partilhada em comunidade no seguimento de Jesus Cristo.

É neste contexto que se dá um particular realce à figura de Jesus Cristo. A temática destes dois anos inspira-se nas bem-aventuranças, tocando duas realidades próprias do pré-adolescente: a busca de identidade e a vida em grupo. Como pano de fundo remete para a comunidade cristã que tenha no centro a Eucaristia, procurando seguir o ritmo do ano litúrgico à volta de três pólos: Natal, Páscoa e Pentecostes.

¹ Este atelier foi orientado em parceria por P. Manuel Queirós e o Irmão Marista Diamantino Martins Duque. Depois de se terem recolhido as dificuldades que os catequistas sentem na abordagem dos textos bíblicos nas catequese do 7º e 8º ano e se proporem algumas soluções, foi feito um trabalho prático com um texto bíblico concreto (relato da criação) desembocando numa celebração final.

(*) Catequeta. Director do Secretariado Diocesano da Catequese da diocese de Vila Real.

A pedagogia catequética utilizada pretende inspirar-se, como se refere nas orientações pedagógicas, “*numa pedagogia divina: do dom, da encarnação, do sinal*” Segundo esta pedagogia, que adiante desenvolvemos, “*parte-se dos acontecimentos para se entender o significado e o sentido da vida cristã, num percurso da realidade para o mistério, da experiência humana para a Palavra de Deus*”². Pretende-se assim que a fé e a vida formem um todo indissociável.

Propõem-se dois encontros: o primeiro, designado «Experiência humana»; o segundo, centrado na «Palavra de Deus», que desemboca na «Expressão de Fé».

Referimos aqui o conjunto dos elementos que compõem a catequese porque da sua unidade e interligação depende o sucesso da própria catequese.

Assim, o primeiro elemento é a Experiência humana que faz parte integrante da catequese. Como refere explicitamente o Directório Geral da Catequese, “*a relação da mensagem cristã com a experiência humana não é uma simples questão metodológica, mas brota da própria finalidade da catequese, que procura colocar a pessoa humana em comunhão com Jesus Cristo*”³. Deve ser devidamente valorizada sobretudo por ser espaço onde se manifesta e se realiza a salvação⁴.

A Palavra de Deus ilumina todo o encontro de catequese e liga todos os outros elementos⁵. A catequese faz ressoar a Palavra de Deus no coração dos catequizandos. A Sagrada Escritura ocupa um lugar proeminente em todo o ministério da Palavra. Isso mesmo se verifica nos anos que aqui analisamos: em cada uma das catequese é aprofundado um texto bíblico⁶ que remete, por vezes, para outros textos bíblicos.

² Cf. Projecto+ - Guia do Catequista. Lisboa: SNEC, 2007

³ DGC 116

⁴ DGC 152

⁵ Cf Manuel Montero Gutiérrez – *Acto catequético*. In *Nuevo Diccionario de Catequética*. Dir V.M. Pedrosa [et al], I, San Pablo, Madrid, 1999,

⁶ Os textos bíblicos utilizados como texto principal nas catequese do 7º ano incluem 2 textos do Antigo Testamento (relato da criação e Êxodo) e 11 textos do Novo Testamento (9 dos Evangelhos, com particular destaque para S. João e dois de S. Paulo); o 8º ano inclui 1 do Antigo Testamento (Livro da Sabedoria) e 13 do Novo Testamento (11 dos Evangelhos, sobretudo Mateus e Lucas, 2 dos actos dos Apóstolos e um de S. Paulo).

Para que os textos bíblicos sejam devidamente abordados em catequese, embora de modo muito sucinto, propomos aqui, em primeiro lugar, um esclarecimento sobre as características da pedagogia bíblica e, em seguida, um percurso possível de abordagem do texto bíblico dentro duma sessão de catequese.

1. CARACTERÍSTICAS DA PEDAGOGIA BÍBLICA⁷

Bendito seja Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que do alto do céu nos abençoou com todas as bênçãos espirituais em Cristo (...) deu-nos “a conhecer o mistério da sua vontade, segundo o beneplácito que n'Ele de antemão estabelecera, para se realizar na plenitude dos tempos: instaurar todas as coisas em Cristo (Ef 1, 3;9-10).

A partir deste hino de S. Paulo, podemos compreender a pedagogia bíblica: Deus revela-se como Aquele que se quer comunicar a si mesmo ao homem para o admitir à comunhão com Ele e torná-lo participante da sua natureza.

a) Trata-se, em primeiro lugar duma **pedagogia histórica**. A História da Salvação fala-nos de um Deus que se vai adaptando às situações do povo. Por sua vez, Israel descobre nos acontecimentos históricos a acção salvadora de Deus. É a condescendência de Deus que se *acomoda* e coloca à altura dos seus interlocutores.

O Povo de Israel descobre um Deus próximo e dialogante, daí que o apresente a falar com Abraão, Moisés, com os juízes, os reis e profetas.

Utilizando analogias, o profeta Oseias apresenta-nos uma determinada imagem de Deus (Os 11,1-9). O Evangelho de João vai retomar essa imagem e completá-la (Jo 1,14).

Consequentemente, a pedagogia catequética deverá assumir as situações históricas dos seus destinatários e ensinar a olhar a realidade, orientar até à profundidade dos acontecimentos, deixar-se interpelar por eles e procurar respostas à luz da Palavra.

⁷ Encarnación Perez Landáburu orientou o Encontro de Formação dos Secretariados da Catequese das Dioceses do Norte, realizado em Braga nos dias 2 e 3 de Março de 2007 e propôs um caminho de iniciação à fé a partir da Palavra de Deus. Seguimos de perto a sua exposição.

b) É uma **pedagogia do dom**, gratuita e surpreendente. A Bíblia narra-nos a presença activa de Deus na história: a sua força criadora oferece ao homem o dom da vida e um mundo belo (Gn 1-2); oferece-lhe o perdão, faz com Noé uma Aliança, oferece-lhe a sua promessa de Salvação (Gn 9, 12-17); promete a Abraão uma terra e uma descendência (Gn 15); propõe uma Aliança no Sinai (Ex 19); os Juizes, Reis e Profetas, são para Israel, verdadeiros dons de Deus. (Josué 1); os piores momentos no exílio, são considerados sinais pedagógicos de Yahvé para que o povo reconheça a falsidade dos “ídolos” (Ez 16).

A pedagogia catequética deverá potenciar as capacidades humanas que permitam a descoberta deste Deus, criando pontes, facilitando a linguagem; ensinar a escutar, a olhar, a reconhecer as diferentes manifestações de Deus.

c) É uma **pedagogia dos sinais**, dos símbolos. A história dos encontros entre Deus e a humanidade está “semeada” de sinais (mediações). São inumeráveis e vários: a água, o deserto, a luz, a sombra, os olhos, o coração, a festa ...

d) As funções do simbólico: revelam e ocultam, de forma análoga, a presença de Deus nas suas múltiplas facetas (agricultor, forte, protector, rocha, pão, esposo fiel, pai/mãe)

Da mesma maneira, Jesus educará os seus: passará 40 dias no deserto; escolhe 12 apóstolos, cura cegos, surdos, mudos, dá de comer com 5 pães e 2 peixes; “ao 3º dia” vai a uma festa de casamento.

A pedagogia catequética deverá educar a capacidade simbólica, não serão suficientes as linguagens doutrinárias e dogmáticas; assumir os métodos indutivos para passar do concreto ao invisível, ao mistério; ensinar a ler a realidade como “sinal” revelador de Deus e do seu projecto salvador.

2. OS TEXTOS BÍBLICOS NA CATEQUESE

A partir do Concílio Vaticano II, nomeadamente *Dei Verbum* e do documento da Comissão Pontifícia Bíblica “*A interpretação da Bíblia na Igreja*”⁸ (1993) perguntamos hoje, ao abordar os textos bíblicos na catequese:

⁸ Comissão Pontifícia Bíblica – *A interpretação da Bíblia na Igreja*. Ed Secretariado Geral do Episcopado. Lisboa: Rei dos Livros, 1994.

como pode a Palavra de Deus tocar a existência humana no seu sentido profundo para a iluminar, inspirar e julgar, à luz do Evangelho?

Avançamos uma proposta concreta que está de algum modo presente nas catequese do 7º e 8º ano mas exigirá aos catequistas uma atenção particular.

A abordagem do texto bíblico na catequese pode entender-se como um *círculo hermenêutico* que se desdobra em quatro passos:

a) Pré-compreensão

Para compreender o texto, cada um deve, antes de tudo, compreender-se a si mesmo. Existe inevitavelmente um confronto entre o texto e a pessoa humana, entre o que se escuta e o que se é. Para que se possa escutar verdadeiramente o texto, é necessário criar uma atitude interior de apreço pelo que se vai escutar, perceber que é algo de valioso para cada um; além disso, trata-se da comunicação de alguém que me quer bem, mão amiga para mim, para a minha situação; por outro lado, é necessário que eu tenha perguntas, interrogações de sentido para a minha vida.

b) Escuta (leitura) do texto

Agora cada um vai tornar-se contemporâneo do texto. Responde-se à pergunta: que sentido teve para eles? É o trabalho da exegese, muitas vezes feito com métodos diferentes e complementares, para ler o texto no seu contexto, para lhe encontrar a sinfonia. Este trabalho é difícil e exige o envolvimento das ciências humanas. O desenvolvimento das catequese inclui informações preciosas que facilitam o trabalho ao catequista. Além disso, existem bons comentários sobre os textos.

c) Actualização

Não basta que a Bíblia se diga a si mesma. É necessário que fale ao homem de hoje. Os textos foram elaborados em função de circunstâncias concretas no passado. Será necessário aplicar a mensagem às circunstâncias de hoje e expressá-lo em linguagem actual.

Importa também conhecer actualizações de outras épocas do passado pois estamos inseridos numa história de fé enriquecida ao longo de gerações. Dentro da própria Bíblia existem actualizações: os textos do Novo Testamento actualizam textos do Antigo Testamento; as comunidades de S. Paulo actualizam a história terrena de Jesus. Além disso, a Igreja actualizou os textos para cada época nestes dois mil anos no seu ensino, na sua vida e no seu culto (Cf DV 8). É a Tradição da Igreja sob a custódia do Magistério.

Trazer o texto para o presente gera a transculturação. Só existe verdadeira actualização quando a minha liberdade é interpelada por algum valor que outros assumiram, quando o texto bíblico se confronta com o meu modo de pensar, de sentir e de viver.

d) Actuação

A Palavra de Deus é para ser praticada. A actualização levou a interpretar a mensagem dentro das categorias de hoje, ao passo que a actuação é um apelo que a mensagem me dirige num encontro pessoal e único. O texto diz-me por onde não devo ir, se quero ser discípulo de Jesus. É necessário o discernimento que só se consegue no diálogo com Deus através da meditação, do silêncio da oração, no diálogo com os outros e com a comunidade cristã como referência.

Estes 4 passos levarão a evitar desvios na leitura dos textos bíblicos. Como se vê segue o que costumamos designar por proclamação, aprofundamento e conversão. É uma leitura orante dos textos.

Para concluir, tenhamos sempre presente que tanto na catequese, como na liturgia, os relatos bíblicos não estão lá simplesmente para serem explicados, mas para introduzir os crentes na história de salvação. **A palavra de Deus ressoa na Sagrada Escritura. Através do textos importa ouvir uma Pessoa que nos fala: Jesus Cristo.** É este o trabalho do Espírito Santo no coração dos crentes.

O catecumenado baptismal, fonte de inspiração da catequese

P. PAULO COSTA MALÍCIA (*)

A Igreja Portuguesa tem-se empenhado, ao longo dos últimos anos, na renovação da catequese, dum modo particular na iniciação cristã das crianças e adolescentes, aposta que apraz louvar e registar. Um dos frutos deste empenho pastoral foi a recente publicação de novos catecismos, os quais foram recebidos por todos os agentes catequéticos com alegria e como sinal de esperança e de renovamento da iniciação cristã. Os novos catecismos não só tiveram a capacidade de despertar nos catequistas um novo ardor na sua missão evangelizadora, como obrigaram a repensar os conteúdos e metodologia da iniciação cristã no actual contexto sócio-cultural. O tema está, pois, em aberto e na ordem do dia.

Todos sabemos que a iniciação cristã não se resolve com a publicação de novos subsídios pedagógicos. A complexidade da transmissão da fé no mundo hodierno obriga-nos a desbravar e a aprofundar o caminho já iniciado, conscientes da multiplicidade de factores a ter em conta num processo de iniciação cristã. O presente artigo pretende apenas evidenciar um desses factores, o qual, se afigura como absolutamente decisivo para a renovação da iniciação cristã: *o do catecumenado baptismal como fonte de inspiração da catequese*. Não se trata de desenvolver, aqui, de forma exaustiva o tema mas, apenas, contribuir, ainda que de forma modesta, para encontrar as respostas que os desafios da iniciação cristã em Portugal nos colocam.

(*) Director do Secretariado Diocesano da Catequese do Patriarcado de Lisboa. Biblista. O autor publicou nesta mesma revista um texto sobre uma abordagem bíblica da educação religiosa que é um complemento interessante deste artigo: «A Bíblia na prática educativa», *Pastoral Catequética*, n.º 8, Ano 3, Setembro de 2007, pp. 65-73 (N.E.).

A importância do catecumenado baptismal na catequese é sublinhada, de forma inequívoca, pelo Directório Geral da Catequese (DGDC):

“Sendo a missão ad gentes o paradigma de toda a missão evangelizadora da Igreja, o Catecumenado baptismal, que lhe é inerente, é o modelo inspirador da sua acção catequética. (...) A catequese pós-baptismal, sem reproduzir mimeticamente a configuração do Catecumenado baptismal, e reconhecendo aos catequizandos a sua realidade de baptizados, deverá inspirar-se nesta «escola preparatória da vida cristã», deixando-se fecundar pelos principais elementos que a caracterizam” (DGD 90-91).

De entre os vários elementos do catecumenado baptismal inspiradores da catequese (cf. DGC 91), escolhi três, tendo em conta o seu carácter, basilar e transversal, e a sua importância para a renovação da catequese de iniciação cristã.

Em primeiro lugar, a afirmação do catecumenado baptismal como uma caminhada de conversão que tem como objectivo levar as pessoas à comunhão com Cristo e à sua inserção na vida e missão da Igreja. Uma caminhada que, respeitando o ritmo de cada pessoa ou grupo, é um processo formativo gradual, com etapas definidas, marcado por ritos, símbolos e sinais, especialmente bíblicos e litúrgicos.

O catecumenado baptismal desafia-nos a não reduzir a catequese a um ensino doutrinal que prepara os catequizandos para receber os sacramentos em datas previamente definidas – em que estes últimos são, muitas vezes, encarados como um prémio de bom comportamento ou de assiduidade, e não como momentos de Graça, estruturantes dum itinerário de conversão. A catequese de iniciação é um caminho de conversão, personalização e compromisso de fé, que gera cristãos adultos, capazes de viver, celebrar e testemunhar o seu amor a Cristo, à Igreja e aos Homens.

Um processo formativo que tenha como único objectivo assegurar a recepção dos sacramentos pelo maior número, possível, de pessoas, e não o de formar cristãos comprometidos, não é iniciação cristã. Qualquer tentativa de uniformizar uma caminhada de enamoramento e conversão é pôr em causa um processo que implica a existência de ritmos e tempos diferentes. Na mesma comunidade paroquial ou grupo, nem todos caminham à mesma velocidade. Programar, previamente, os tempos e os momentos duma história absolutamente única, e irrepetível, de encontro amoroso com o Senhor, na

sua Igreja, como se todos fossem iguais e como se todos se comprometessem da mesma maneira ao longo da caminhada, é transformar um processo iniciático num programa de actividades. A iniciação cristã supõe um itinerário progressivo de personalização e de maturação da fé, um diálogo entre o evangelho e a vida que possibilite aos catequizandos assimilarem, de forma vital e comprometida, os princípios fundamentais da fé cristã.

O esforço feito, nos últimos anos, em âmbito catequético e pastoral, por uma pedagogia da fé personalizada, tem sido notável. Importa continuar este caminho, não esquecendo que, as grandes questões da vida e da cultura contemporânea que o catequizando traz dentro de si, devem estar presentes na catequese, para que esta possibilite aquele encontro entre o evangelho e a vida sem o qual não há conversão. Temos que ajudar os nossos catequizandos a confrontarem-se com o mundo que os circunda para poderem escolher caminhos de vida em abundância. No entanto, não devemos reduzir este esforço a uma catequese meramente existencial e antropocêntrica, correndo o risco de pôr o homem no centro do anúncio, e não Deus, que se revela na pessoa de Jesus Cristo. É em Cristo – Homem novo que as grandes questões da existência humana encontram resposta. Mas, este esforço não chega. É urgente repensarmos os tempos e os momentos do itinerário de iniciação cristã, os quais não devem estar previamente definidos, mas acontecer à medida que a pessoa for dando sinais de que chegou o momento de dar um passo em frente na sua caminhada cristã.

Paralelamente, as raízes bíblicas e litúrgicas do catecumenado baptismal recordam-nos a importância da catequese bíblica e litúrgica no processo de iniciação cristã. Urge recuperar a narrativa bíblica na catequese e voltar a colocar a Palavra de Deus no centro da acção catequética, que ainda se encontra demasiado dependente do método antropológico. Importa, também, recuperar a liturgia (especialmente a eucaristia) como a grande catequese da Igreja. Não nos podemos esquecer que a realidade para a qual tende toda a iniciação cristã é a Eucaristia. A catequese não pode confundir-se com um ensino de tipo escolar, uma mera transmissão de conteúdos, devendo proporcionar ao catequizando momentos celebrativos, de encontro e partilha da Palavra de Deus, capazes de o ajudarem a celebrar e a aprofundar a fé. Tal facto, obriga-nos não só a ter em conta, na programação da catequese, estes momentos, como também a repensar a forma como celebramos e qual o lugar e o papel da palavra de Deus na vida da Igreja.

Um segundo elemento do catecumenado baptismal, que é fonte de inspiração para a catequese, é o seu carácter comunitário. Com efeito, o catecumenado é responsabilidade de toda a comunidade cristã, a qual deve ser a origem e a meta de toda a catequese. A iniciação cristã não deve ser apenas obra dos catequistas e dos sacerdotes, mas de toda a comunidade. A catequese é uma acção educativa realizada a partir da responsabilidade de cada membro da comunidade, num contexto ou clima comunitário rico de relações, a fim de que os catequizandos se insiram activamente na vida da comunidade (cf. DGC 220).

Infelizmente, a catequese está ainda muito limitada à relação catequista-catequizando. Importa, assim, repensar não só as experiências comunitárias que oferecemos aos nossos catequizandos, mas também os agentes, os espaços e os tempos da catequese. Uma caminhada catequética de iniciação cristã não pode limitar-se a um encontro semanal de 60 minutos entre um grupo e um catequista. Ao longo do percurso, o catequizando tem de experimentar, sentir o que é uma comunidade cristã. Para tal, deve confrontar-se com o testemunho daqueles que ajudam a edificá-la – através dum contacto assíduo com pessoas de diferentes gerações e responsabilidades eclesiais, devendo, também, inserir-se progressivamente na vida da comunidade, participando activamente nos momentos que a estruturam. A catequese não pode ser uma ilha, um sector à parte do todo comunitário, mas um elemento transversal e decisivo desse mesmo todo. A catequese é uma experiência de fé e só no seio de uma comunidade a fé pode germinar. Assim se compreende a razão pela qual a catequese não pode estar isolada da vida comunitária e como a catequese tem de, concretamente, acontecer num verdadeiro espaço comunitário.

A programação da catequese não pode ser feita como se faz um horário escolar. Não basta garantir um catequista, uma sala e uma hora semanal para que a catequese funcione. É preciso programar espaços, momentos em que crianças, jovens e adultos se possam encontrar, partilhar, celebrar e experimentar a alegria de ser cristão. É a comunidade que acolhe, evangeliza e proporciona ao catequizando meios e formas para este se sentir progressivamente seu membro e construtor. Este dado, válido para todas as idades, é especialmente importante para os adolescentes e jovens, para quem a aprendizagem passa, essencialmente, pelo que se pode experimentar e testemunhar.

Mais uma vez, a celebração da fé assume, aqui, um papel primordial, dum modo particular a eucaristia, eixo unificador e gerador de toda a comunidade, através da qual se realiza e actualiza o objectivo de qualquer actividade catequética. Ao mesmo tempo que devemos ter o cuidado de garantir ao catequizando (de qualquer idade) momentos em que a fé seja celebrada, temos também o dever de lhe proporcionar celebrações em que se reveja e se sinta envolvido. Estamos, assim, perante um duplo desafio: uma catequese que eduque para a celebração, celebrando, e uma celebração que use uma linguagem perceptível para o catequizando.

Importa, ainda, recordar que a paróquia, enquanto comunidade de fé, sofre, hoje, o desafio de novas formas de organização a que o actual tecido social obriga. A ideia tradicional de paróquia como espaço territorial e humano, organizada em sectores pastorais tem vindo, aos poucos, a ser substituída por uma ideia de paróquia como comunidade de comunidades. Tal facto implica que a catequese, de um modo particular a dos jovens e adultos, deve estar ao serviço da pluralidade eclesial e não pode cair na tentação da uniformização. No mesmo espaço coexistem diferentes experiências de vivência eclesial que devem ser respeitadas e potenciadas.

Um terceiro elemento do catecumenado baptismal inspirador da catequese em geral, e da catequese de iniciação, em particular, é o seu modelo de catequista. O catequista de catecúmenos é, antes de mais, aquele que acompanha e guia um grupo de peregrinos em busca da água viva. É alguém que está presente em todas as horas, nos momentos de alegria, de tristeza, de dúvida, de certeza, que caracterizam um percurso de iniciação. É alguém que sabe esperar e ir à procura. Que não desiste, porque ama. É uma testemunha de fé que, mais do que uma doutrina, transmite uma experiência de encontro e comunhão com Cristo que ele próprio viveu. Só quem encontrou em Jesus Cristo a razão da sua vida pode ajudar alguém a encontrar-se com Ele.

É de enaltecer o número de catequistas existentes em Portugal. Muitos deles são verdadeiros exemplos de fé, disponibilidade e amor à Igreja. Todavia, todos sabemos que são, ainda, muitas as lacunas na formação dos nossos catequistas. Temos procurado colmatar estas lacunas insistindo na realização de cursos de aprofundamento bíblico e teológico de nível médio. Este esforço tem que continuar, mas não nos podemos esquecer que o grande problema é a existência de um considerável número de catequistas

com uma iniciação cristã incompleta. Há hoje uma geração de catequistas que, mais do que cursos bíblicos e teológicos, precisa de completar a sua iniciação cristã, pois corremos o risco de estar a confiar a transmissão da fé a quem não vive uma fé madura e comprometida. Daqui podemos tirar duas conclusões absolutamente decisivas para a renovação da catequese de iniciação. Em primeiro lugar, o cuidado a ter não só com o perfil mas, também, com a formação dos catequistas, a qual deve seguir o modelo e a pedagogia da catequese de adultos. Em segundo lugar, parece evidente que só com uma aposta forte na catequese de adultos teremos catequistas, comunidade e famílias capazes de garantirem, com o seu testemunho de fé, uma verdadeira iniciação cristã aos que lhes estão confiados. Sem cristãos e comunidades de fé adultas não há condições para se realizar uma iniciação cristã. Infelizmente, o investimento em meios humanos, subsídios e em formação na catequese da infância e adolescência é ainda desproporcional ao investimento feito na família e nos adultos, em geral, sinal de que o caminho a percorrer será longo e árduo.

Tentamos, de forma breve, evidenciar alguns aspectos que nos parecem essenciais para a renovação da catequese de iniciação cristã. Em jeito de conclusão, importa ainda sublinhar que, mais do que uma questão catequética, estamos perante um problema eclesial. Se quisermos proporcionar uma catequese que seja verdadeira iniciação cristã teremos que ter a coragem de provocar rupturas e de repensarmos o que somos e o que fazemos. A pergunta a que temos de responder é só uma: *que Igreja queremos ser?* O modelo de catequese que adoptarmos será fruto da resposta que tivermos a coragem de dar e de assumir.

Encontro Nacional de Catequese 2009

**A Catequese
da Infância e da
Adolescência:
tempo de Iniciação
Cristã**

Iniciar na Fé (Fazer discípulos) com a intervenção da família

D. MANUEL MADUREIRA DIAS (*)

Introdução

A descristianização dos nossos dias, é um facto tangível e inegável. Para sermos cristãos, hoje, deparamos com maiores dificuldades do que nos tempos, ditos de cristandade, nos quais o próprio ambiente convidava à própria prática da fé.

Sente-se, na nossa sociedade, uma certa «alergia» às coisas da Igreja, uma acentuada indiferença para com Deus e um conjunto de práticas de vida, vazias de conteúdos evangélicos.

Assistimos a uma imensa proliferação de propostas religiosas, e apalpa-se uma certa tendência para medir todas as religiões pela mesma bitola, de tal modo que a religião tradicional (a cristã, entre nós) é considerada mais uma, faltando, muitas vezes, aos cristãos, a capacidade suficiente para saberem dar as razões da sua fé.

Tudo isto é um desafio à Igreja para que ela se lance na aventura de uma séria evangelização, a fim de que os seus membros possam passar, sem grandes sobressaltos, de um «regime de cristandade» para uma era de autêntica «missão».

Este diagnóstico, ainda que superficial, encontra a sua confirmação na doutrina do Sínodo sobre a Europa, em cuja exortação apostólica, o Papa escreveu: *«Muitos baptizados vivem como se Cristo não existisse; para muita gente, as grandes certezas da fé foram substituídas por um sentimento*

(*) Bispo Emérito do Algarve.

Iniciar na Fé (fazer discípulos) com a intervenção da família

religioso, vazio e pouco empenhativo; difundem-se várias formas de agnosticismo e de ateísmo prático que concorrem para agravar a divergência entre a fé e a vida; os grandes valores, que inspiraram a cultura europeia, foram separados do Evangelho»¹.

Diante deste panorama, surge, desde já, uma primeira pergunta, como desafio: que fazer e como fazer?

E o mesmo Pontífice aponta-nos uma via, quando afirma: «*Este desafio consiste em levar os baptizados a converterem-se a Cristo e ao seu Evangelho*»². Impõe-se, por isso, uma Evangelização e uma Catequese capazes de levar o Evangelho aos que andam longe da fé cristã, ou que simplesmente nunca souberam as razões da sua fé e se afastaram de toda a prática de vida evangélica³.

1. O decréscimo da prática cristã

Há setenta ou sessenta anos atrás, neste Portugal de tradição cristã, respirava-se, quer nas famílias quer na sociedade, um ambiente de Cristianismo. Quase toda a gente era baptizada em criança. Os adultos confessavam-se ao menos uma vez cada ano e comungavam pela Páscoa.

Poderia não existir uma catequese paroquial organizada, mas a formação, para as circunstâncias do tempo, recebia-se, de modo suficiente, do ambiente familiar e da comunidade cristã que proporcionava, para isso, algumas oportunidades comunitárias: novenas, tríduos, missões populares. E, com isso, a fé mantinha-se, sem grandes sobressaltos, até porque não havia concorrência religiosa.

Na família, cultivavam-se valores inspirados no Evangelho: a honestidade, a honra, a verdade e a justiça, o respeito pelos outros e o sentido de ajuda fraterna entre todos.

Hoje, qual é o ambiente de fé que se respira na maior parte das famílias? Que valores se cultivam?

¹ João Paulo II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Europa*, 28 de Junho de 2002, n. 47.

² Id. *Ib.*

³ Cf. Id. *Ib.*

Que clima de fé se respira na sociedade em que vivemos?

As nossas crianças, adolescentes, jovens e famílias poderão resistir aos miasmas adversos provenientes de mentalidades e sentimentos, tão vazios de Evangelho, ou até opostos à mentalidade cristã?

Que fazer para contrariar esta tendência paganizante?

É «necessário promover a passagem de uma fé apoiada na tradição social, e que tem o seu valor, a uma fé mais pessoal e adulta, esclarecida e convicta»⁴.

É necessário «propor uma catequese adaptada aos diferentes itinerários espirituais dos fiéis, segundo as respectivas idades e estados de vida»⁵.

É necessário «cultivar o ministério da Catequese como educação e desenvolvimento da fé de cada pessoa, para que a semente, lançada pelo Espírito Santo e transmitida no Baptismo, cresça e chegue à maturação». Tal catequese há-de ser um instrumento essencial e primário de formação dos cristãos para uma fé adulta»⁶.

2. Uma resposta de tipo catecumenal

Estas necessidades apontadas por João Paulo II podem encontrar, na metodologia catecumenal, uma ajuda eficaz, quando bem aplicada. Já Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*⁷ o preconizava, ao afirmar: «as condições do mundo actual tornam cada vez mais urgente o ensino catequético, sob a forma de catecumenado, para numerosos jovens e adultos que, tocados pela graça, descubram pouco a pouco o rosto de Cristo e experimentem a necessidade de a Ele se entregar». Urge que se formem «grupos de cristãos, a nível familiar ou de ambientes, que se encontrem para a oração, a leitura da Sagrada Escritura, a catequese, a partilha de problemas humanos e eclesiais, em ordem a um compromisso comum»⁸.

⁴ Op.Cit., n.50.

⁵ Op.Cit. n. 51.

⁶ Id. *Ib.*

⁷ *Evangelii Nuntiandi*, Exortação Apostólica de Paulo VI, 8 de Dezembro de 1975, n. 44.

⁸ *Redemptoris Mater*, Carta encíclica do Papa João Paulo II, 25 de Março de 1987, n. 51.

Já o Vaticano II ensinara que, por meio do Catecumenado:

«Os catecúmenos são iniciados no mistério da salvação, na prática dos costumes evangélicos⁹ e introduzidos na vida de fé, na liturgia e na caridade do Povo de Deus»¹⁰; e ainda que «a iniciação cristã realizada no catecumenado é tarefa dos catequistas, sacerdotes e de toda a comunidade dos fiéis»¹¹.

Por isso, toda a formação catequética deverá ter sempre subjacente os objectivos do catecumenado da Igreja, tal como ele se realizava nos primeiros tempos do Cristianismo, adaptando sempre o método aos respectivos destinatários.

A catequese, em todos os graus etários, mas, principalmente, quando se trata de adultos, deveria ser assumida como uma das actividades principais da vida da Igreja, no exercício da sua missão profética. Tendo em conta que não é, exactamente, o mesmo, catequizar catecúmenos e catequizar baptizados, será bom que tenhamos presente a orientação recebida do Directório Geral de Catequese, que afirma: *«A Catequese dos adultos deve assumir cada vez mais uma importância prioritária. Trata-se de promover uma catequese pós-baptismal, através de uma proposta posterior, de certos conteúdos do Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos (RICA), destinados a promover uma maior compreensão e uma vivência das imensas e extraordinárias riquezas e da responsabilidade do baptismo já recebido»¹².*

Efectivamente, o Catecumenado de adultos é o grande modelo formativo que a Igreja cultivou, de modo especial, no meio do mundo romano paganizado. Este modelo, ainda hoje, segundo o pensamento da Igreja, está cheio de virtualidades e deve ser tido sempre como referência dos nossos processos de formação na fé. O já referido Directório Geral da Catequese não hesita em dizer que o modelo catecumenal deverá ser, também hoje, a fonte inspiradora de toda a acção catequética¹³.

⁹ «A progressiva mudança de mentalidade e costumes deve manifestar-se, com as suas consequências sociais, ao longo do catecumenado». (Ad.G.13).

¹⁰ *Ad gentes*, Decreto sobre a Actividade Missionária da Igreja, Papa Paulo VI, 7 de Dezembro de 1965, n.14.

¹¹ *Id. Ib.*

¹² Directório Geral da Catequese, 1997, n.58a.

¹³ DGC, n.90.

Há elementos, próprios da prática catecumenal, que convém ter muito presentes numa catequese de tipo catecumenal ministrada a adultos baptizados: que a formação seja intensa e integral; seja ministrada em ritmo crescente, de forma gradual, com etapas bem definidas; que exista uma clara vinculação entre as sessões de formação, os ritos e o uso dos símbolos e sinais, especialmente, os bíblicos e os litúrgicos; que se faça, de modo constante, um entrosamento com a comunidade cristã mais alargada (a paróquia)¹⁴.

Dentro da comunidade paroquial, deverão existir alguns pontos de referência, sólidos, aos quais se possa recorrer, a fim de ser possível confrontar os formandos com o testemunho e o exemplo de vida, de um certo núcleo comunitário constituído por cristãos maduros, bem iniciados na fé¹⁵.

A catequese, de tipo catecumenal, é ministrada em grupo. O grupo ajuda na socialização cristã dos formandos e permite o exercício prático da fraternidade; o grupo contribui para a formação da pessoa que é, essencialmente, um ser em relação; o grupo estimula o diálogo, a partilha e a co-responsabilidade; o grupo encarna, em certa medida, a realidade da natureza e missão da própria Igreja, como Corpo de Cristo, Povo de Deus e Comunhão fraterna.

3. Iniciação cristã e discipulado

3.1. Que é um discípulo

Segundo os Sinópticos, os «discípulos» distinguem-se da «massa» anónima do Povo que rodeia e procura Jesus, para O ouvir e ser curada dos seus males (Cf.Lc.6, 17-19). Formam um círculo aberto, entre a massa anónima e o grupo dos «Doze», e distinguem-se por uma chamada de Jesus (vocação) e pela aceitação de um tipo de vida, apelidado de «seguimento» do Mestre.

Por isso vemos que os discípulos acompanham Jesus (Mt.12, 1), são seus mensageiros (Mt.21, 1) e companheiros de mesa (Mt.9, 10 s), são servidores (Mt.14, 13; 15,32; 21,2.6; 26, 17).

¹⁴ Cfr. D.G.C., n.91.

¹⁵ D.G.C., n.258,c.

Iniciados por Jesus nos mistérios do reino (Mt.13, 11) é-lhes revelado o caminho do sofrimento (Mt.16, 21; 17, 23; 26, 1.20). A característica essencial dos discípulos é, pois, o seguimento do seu Mestre. E tal seguimento consiste em:

- Seguir Jesus decididamente (Mt.4, 20.22; 8,22);
- Deixar apegos ou prisões terrenas (Mt.9, 9; 10,37; 19,21.27);
- Aderir a Ele com fé (Mt.18, 6.10) por um caminho errante, desconhecido e arriscado ao sofrimento até à cruz (Mt.8, 19; 12, 22). As bem-aventuranças são, para eles, uma proposta de vida (Cf.Mt.5, 1-12).

Os discípulos seguem o Mestre e, em seu nome se congregam em comunidade de irmãos, não isentos de debilidades, mas assumidos e enviados pelo Mestre. E dentre eles que Jesus escolhe os «Doze».

Segundo o **Evangelista João**, a noção do discipulado não anda muito longe desta visão dos Sinópticos. João apresenta-nos a Igreja como: – **um grupo de pessoas que crêem em Cristo**, formada, essencialmente, pelos discípulos, cujo paradigma de fé e vida é a fé e a vida dos «Doze». Distinguem-se da «massa anónima» e da multidão dos não crentes; São escolhidos por Jesus, enquanto discípulos, e Cristo entregou-se por eles; **vivem da palavra de Jesus**, na qual descobrem a salvação, se submetem ao amor e às exigências do seu seguimento; mantêm-se discípulos, graças **à oração de Jesus ao Pai** para que os guarde. É de entre os discípulos que Jesus escolhe os «Doze» para andarem com Ele e os enviar em missão (Cfr.Mc3, 13-19).

À luz da Igreja verdadeira e real, nascida da cruz e da ressurreição de Jesus, quer os Sinópticos, quer São João, entendem e descrevem o grupo dos discípulos, retirado de entre todos os povos da terra, como um grupo aberto, ordenado e articulado, que se vai mostrando, no decurso dos séculos, como a Igreja, que o Espírito constrói e configura a cada época da História.

3.2. O discípulo é chamado a fazer discípulos

Sirva-nos de texto inspirador aquele que se encontra em Mateus: *«Ide, pois, fazei discípulos (matethúdate) de todos os povos, baptizando-os em*

nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos ensinei» (Mt28, 19-20). O discípulo (mathetés) é enviado pelo Mestre para O dar a conhecer, de modo que, de entre todos os povos, surjam novos discípulos, capazes de viver o mistério da sua Pessoa e da sua doutrina, pondo em prática o que o Senhor ensinou. Fazer discípulos significa levar outros ao conhecimento do Mestre e ao seu seguimento, por uma vida identificada com a dele. Para isso, é preciso que os destinatários possam e queiram ser discípulos, tenham a coragem de seguir o modelo de vida proposto pelo Mestre e vivam de harmonia com esse típico modo de viver.

A essência do discipulado está no percurso do caminho do Mestre. O discípulo evangélico não escolhe o Mestre mas é por Ele escolhido e é atraído pela sua Pessoa. Escreveu Bento XVI: «*Não podemos fazer discípulos por nós mesmos; é um acontecimento de eleição, uma decisão da vontade do Senhor, ancorada, por sua vez, na união de vontade com o Pai»* (Cfr. Mc3, 13-19)¹⁶.

Por isso, perante Ele, o discípulo dispõe-se a deixar tudo, e principalmente a si mesmo, se isso se tomar impedimento para O seguir. Experimenta, assim, que tudo quanto ele deixa é sempre uma insignificância perante a riqueza que lhe advém da vida em Cristo. O que ganha é de tal monta, que, aquilo que deixa, acaba por ser tido como nada.

O que está em jogo é a missão de fazer discípulos.

Não basta baptizar; não basta ensinar e aprender uma doutrina, não basta manter uma tradição mais ou menos fiel a uns quantos preceitos. Importa partilhar a experiência da fé professada pela Igreja em Cristo de uma forma viva e transformante; importa, afinal, fazer uma verdadeira iniciação na fé e na vida dos discípulos.

Uma verdadeira Iniciação cristã poderá fazer de nós autênticos discípulos e ajudar-nos-á a fazer novos discípulos, de entre as crianças os jovens e os adultos.

¹⁶ Joseph Ratzinger, *Jesus de Nazaré*, Esfera dos Livros, Lisboa, 2007, p. 223.

3.3. Características do «discípulo» de Cristo

O discípulo é um homem adulto na fé cristã, que a abraça como «dom gratuito de Deus». Uma tal fé revela-se como:

- Disponibilidade para acolher o dom que nos é feito gratuitamente;
- Correspondência, no quotidiano da vida humana, a um tal dom divino, no meio de todos os condicionalismos de vida, e não apenas no âmbito do religioso;
- Dom vivido em comunidade, com a aceitação dos irmãos na fé, com suas virtudes, defeitos e debilidades; e alimentado através de gestos, sinais e ritos comunitários que tomam presente o Senhor e Mestre (nos sacramentos);
- Dom vivido na cultura própria de cada povo, segundo as dimensões da história (tempo e espaço). O Evangelho que impregna todas as culturas, sem se identificar com nenhuma delas, insere-se em cada cultura e não fica ao seu lado nem acima¹⁷.

Impõe-se, portanto, uma verdadeira catequese de adultos, cujo objectivo é fazer discípulos, ou homens adultos na fé, a qual passa por um contacto, tão profundo quanto possível, com as fontes da Fé: a Bíblia, a Tradição da Igreja e a Liturgia. Tal contacto, porém, não pode limitar-se a uma simples visita. Ele deverá ser suficientemente profundo para informar a própria cultura. Além disso, deverá levar cada pessoa a uma mudança de vida ou conversão. Com efeito, para sermos adultos na fé, não basta estarmos informados ou instruídos; precisamos de ser transformados no Senhor, quer pessoalmente, quer socialmente (comunitariamente).

4. Urge fazer, na Igreja, uma verdadeira iniciação cristã

4.1. Verificamos que:

- 1) Há cada vez mais gente por baptizar;

¹⁷ Cfr. EN, n.20.

- 2) Temos cada vez menos crianças na Catequese e, entre estas, cresce o número dos que não receberam o Baptismo em bebés;
- 3) Muitos pais não se interessam com a formação dos seus filhos, na fé cristã, nem lhes dão testemunho de verdadeiros discípulos de Cristo.

Um significativo número de famílias vive alheio ou, pelo menos, distante, da chamada prática tradicional cristã: não frequenta a comunidade dominical; não pede o Baptismo para os seus filhos nos primeiros tempos das suas vidas; não ensina, no lar, as verdades e os princípios evangélicos; não se empenha na formação cristã familiar.

O mundo de hoje não favorece a busca das coisas espirituais; as muitas propostas religiosas, existentes, desorientam muita gente, sobretudo quando não há formação sólida na fé; os sacramentos da Igreja não são considerados como verdadeiros dons de Deus na maioria dos casos, não passam de actos sociais esvaziados da força transformadora do Espírito.

De tudo isto resulta que: existem muitas crianças e jovens sem Baptismo. Muitos deles frequentam as nossas catequese. Não há empenhamento dos pais no caminho de progressão de fé dos seus próprios filhos. São poucos os que buscam sinceramente que seus filhos se tomem verdadeiros discípulos de Cristo.

4.2. Alguns passos a dar

Diante deste panorama, duas coisas parecem dever ser tidas em conta na nossa acção pastoral: 1ª) A necessidade incontestável de uma séria evangelização; 2ª) O cuidado com uma catequese, verdadeiramente catecumenal, pela qual se formem autênticos discípulos de Cristo. Mas:

- Será que os nossos catecismos podem ser adaptados a grupos de crianças e adolescentes não baptizados?
- Temos subsídios para fazer um verdadeiro catecumenado de jovens e adultos? E catequistas preparados para este tipo de Catequese?
- Dado que muitos dos nossos jovens e crianças, já baptizados, vêm às nossas catequese quase no mesmo estado dos que estão por

baptizar, deverão as nossas catequese ser dadas a grupos mistos (baptizados e não baptizados), ou haverá que separá-los em grupos distintos?

Parece-me muito desejável: primeiro, que as nossas catequese, a todos os níveis etários, se aproximem o mais possível do modelo catecumenal; segundo, que todos os que estão por baptizar sejam submetidos a um verdadeiro catecumenado, segundo as idades de cada grupo; 3º que os pais dessas crianças e adolescentes, em catecumenado, refaçam ou façam uma caminhada de aprofundamento da própria fé, em simultâneo com a caminhada dos filhos, para que, desse modo possam ajudá-los na sua formação cristã.

As nossas comunidades paroquiais, não só têm a missão de cooperar com os pais na formação cristã dos seus filhos, empenhando-os nessa missão, mas também, muitas vezes, precisam de suprir o que estes não são capazes de lhes dar, por não poderem ou não quererem.

4.3. Face à ausência das famílias na formação da fé dos filhos

Os Pastores deverão estar atentos ao estado de prática, ou não prática, de vida cristã dos catequizandos que vêm frequentar as catequese da paróquia, bem como do seu agregado familiar.

As famílias sejam, cada vez mais, responsabilizadas pela formação da fé dos seus filhos. Elas constituem o «núcleo duro» da educação dos filhos, também em matéria de fé. Por isso, torna-se necessário educar na fé não só os filhos, mas também os pais.

Sabendo nós que nem todos os pais se encontram no mesmo patamar de fé. Tentemos agrupemo-los em três níveis, para podermos sugerir algumas coisas:

Uma primeira situação: a dos pais/educadores da fé dos seus filhos que assumiram a responsabilidade de os educar na fé, quando pediram o seu baptismo e continuam, em casa e na vida, a dar-lhes uma formação doméstica de harmonia com o compromisso então assumido. Há que estabelecer com eles os contactos considerados úteis, para um melhor encaminhamento na vida de fé dos filhos, um pouco de harmonia com as

orientações dos catecismos nacionais. Sempre que a ocasião se proporcione, haja contactos com os catequistas e alguns momentos de formação cristã, relacionados com a caminhada de fé que os filhos vão fazendo no percurso da própria catequese.

Uma segunda situação: pais que pediram o Baptismo para seus filhos e que desejam que eles façam a primeira comunhão, e, eventualmente, outros actos celebrativos próprios da caminhada cristã, mas que não participam habitualmente na vida da Igreja, nem na vida evangelizadora e sacramental da comunidade cristã, nem se ocupam muito com uma educação sólida da fé dos filhos. É desejável que haja um trabalho pastoral com eles. Tal trabalho terá de incidir sobre a responsabilidade que lhes cabe pelo facto de terem escolhido, para os seus filhos, uma vida cristã, manifesta no facto de os terem mandado baptizar e quererem que eles frequentem a catequese paroquial. Aplica-se-lhes tudo o que fica dito para o grupo anterior. Mas seria vivamente recomendável que se aproveitasse a circunstância da catequese dos filhos, para dar a esses pais uma verdadeira formação na fé, que pelo menos contemplasse três áreas: a área do testemunho de vida familiar; a área de um maior empenho na prática dos actos mais importantes da vida da comunidade cristã; e, se possível, a área do esclarecimento e aprofundamento da própria fé, através de um programa de catequese apropriada. A catequese dos filhos é uma boa oportunidade para criar um grupo de pais em caminhada catequética de tipo «catecumenal».

Uma terceira situação: Pais que querem que seus filhos andem na catequese, mas não estão interessados em nada do que nela se passa na nem na vida da comunidade cristã. Andam «afastados» e não estão interessados em «aproximar-se». Estamos diante de pessoas que, antes de precisarem de catequese, precisam de uma primeira evangelização ou de uma «re-evangelização». Aqui, a metodologia terá de ser, não a da catequese, mas a da evangelização.

Evangelizar não é fácil. Sabemos que a eficácia da evangelização vem, sobretudo, do Espírito que, mesmo sem nós e apesar de nós, realiza obras que nunca podemos imaginar. Ninguém pode impedir a acção do Espírito que actua, de modo sobrenatural, e não se sujeita às nossas regras de Pastoral. Todavia, nunca podemos dispensar-nos de investir na evangelização, com os recursos que temos.

Evangelizar é, essencialmente, **saber conduzir um «diálogo evangélico»**, que consiste em:

- «Acolher». Mas não basta esperar que venham para fazer o acolhimento. Evangelizar é muito mais o «ir» que «esperar» que venham.
- Evangelizar. Mas, evangelizar, mais do que ministrar o Evangelho, é «deixar-se» evangelizar.
- Evangelizar com criatividade e apresentação de novos caminhos. Mas, mais que isso, supõe que nos deixemos interrogar pelos evangelizados.
- Evangelizar é acreditar «com» os destinatários do Evangelho; mais, é também acreditar «como» eles.
- Evangelizar é indicar caminhos de Evangelho, e é deixar-se apanhar pelos caminhos os inéditos do Espírito com que deparamos, no terreno.
- Evangelizar é um serviço de ajuda fraterna, e é também a capacidade para pedir ajuda e acolhê-la.

Nada impede, porém, antes, seria muito bom que tais pessoas fossem convidadas a fazer uma experiência de neo-catecumenado. Numa primeira fase (a do pré-catecumenado) ocupar-se-á da criação das condições necessárias para que tais pais possam acatar e aceitar entrar num processo de evangelização, criando uma atitude de purificação das intenções que os levam a adoptar fazer esta experiência de vida. Depois, é imprescindível que todos e cada um queiram ser exigentes consigo mesmo, de modo plenamente livre e responsável. Finalmente, que despertem para as atitudes mais necessárias ao bom sucesso da experiência, ou seja, adquiram vontade de, em grupo, usar de sinceridade, abertura, interesse, seriedade e constância. Estes são alguns dos pressupostos para uma entrada num catecumenado propriamente dito. Depois disso, há que seguir as orientações da Igreja nesta matéria (RICA).

Mas o contacto da paróquia com as famílias das crianças e adolescentes das nossas catequese é fundamental e não pode limitar-se a alguns momentos de evangelização ou de outras actividades na linha da formação da fé. Há que criar oportunidades de interesse recreativo, de convívio entre pais e pais, ou mesmo entre pais e filhos; há que empenhar os pais (com os filhos) em acções de serviço sócio-caritativo que os despertem para a necessidade e a importância do serviço fraterno; promover encontros de reflexão bíblica, de oração e outras actividades (passeios, peregrinações...).

Tudo isto deverá, ser proposto, bem motivado, e nunca imposto.

O empenhamento dos pais na organização de algumas destas actividades pode ser uma pedagogia acertada. Há que responsabilizá-los, conforme as suas capacidades e aptidões, porque poderão ajudar-nos e ajudar-se a eles próprios. Alguns poderão organizar-se como «amigos da catequese» «padrinhos de um grupo de catequese» ou «mecenas» da obra da catequese paroquial. Será muito útil e eficaz criar uma pequena equipa responsável que organize, coordene e coopere nas actividades formativas a oferecer aos pais.

Os pais têm de fazer parte da catequese. Não chega que estejam ao lado dos catequistas. Terão de ser informados, atempadamente sobre o projecto de catequese dos respectivos filhos e sobre as actividades que irão ser levadas a cabo, para as quais se pede a sua presença e intervenção.

A pastoral da iniciação cristã – olhares sobre a realidade¹

D. JOSÉ FRANCISCO ALVES (*)

Introdução ao painel

Foi-me solicitado e eu aceitei com alegria e de boa vontade moderar um painel, sobre o tema em epígrafe, no decorrer do Encontro Nacional dos Secretariados de Catequese, realizado na cidade de Évora. Por sua vez, o Secretariado Nacional da Educação Cristã, na sequência do pedido formulado, concedeu-me algum tempo para uma breve introdução. Questionei-me e reflecti sobre o tipo de introdução a fazer. Considerei várias hipóteses e, depois de ter descartado algumas delas, decidi optar por uma introdução algo dissonante em relação ao tema do painel, que não abordarei directamente, deixando assim todo o espaço livre para as três intervenções previstas, em representação das dioceses de Évora, Lisboa e Aveiro, que certamente abordarão algumas experiências bem sucedidas, levadas a cabo nesta área da Iniciação Cristã.

Neste contexto, ao falarmos de Iniciação Cristã, surge, desde logo, uma primeira observação. Como é do conhecimento de todos, o actual projecto de catequese, embora se inspire no ritmo catecumenal, foi concebido para crianças já baptizadas. Mas, na catequese participam também crianças e adolescentes que não receberam o Baptismo e virão a ser baptizados na altura em que fazem a primeira comunhão. Na prática, não podemos falar propriamente de Iniciação Cristã nem tão pouco há garantia de que o modelo seja aplicado de forma generalizada. Como normalmente as situações são muito variadas e os recursos são limitados, cada um vai resolvendo estas

¹ Introdução ao Painel *Conjugar esforços em torno da pastoral da infância e da adolescência.*

(*) Arcebispo de Évora.

situações de acordo com o zelo apostólico, as possibilidades de tempo e de pessoal e a criatividade dos responsáveis. Eu também não entrarei nesse campo. Deixo-o para os oradores que se seguem.

Para introduzir este painel, vou fixar-me em quatro pontos de âmbito mais geral:

- Um olhar retrospectivo sobre a catequese em Portugal;
- Uma aproximação sumária entre catequese e iniciação cristã;
- Algumas propostas para a acção;
- Sugestão de duas prioridades.

1. Um olhar retrospectivo para a catequese em Portugal

Em 1962 foi feito, em Portugal, um inquérito sobre a catequese. Numa população com pouco mais de oito milhões de habitantes, havia quase um milhão de crianças, entre os seis e os onze anos, das quais 65% frequentavam a catequese. As catequistas eram perto de cinquenta mil, sendo quase todas (90%) solteiras e mais de metade (58%) com idade superior a dezoito anos. Quanto a habilitações literárias, 63% não ultrapassavam a quarta classe e 62% não tinham feito qualquer curso de formação. Era o tempo do Catecismo Nacional em quatro volumes.

O sínodo de 1977, dedicado à catequese, foi antecedido, em Portugal, de outro inquérito sobre a catequese. No documento enviado para Roma, referia-se a predominância de catequistas com formação rudimentar e a necessidade de que as comunidades paroquiais assumissem as suas responsabilidades catequéticas. Também se lamentava a falta de catequese para a adolescência e considerava-se urgente a elaboração de um projecto global de catequese.

Não há dúvida de que nalguns aspectos hoje estamos bem melhor. Temos um projecto de catequese bem definido para dez anos, que inclui a catequese para a adolescência. As habilitações literárias das catequistas estão muito acima da quarta classe. No entanto, diminuiu a vivência cristã da população em geral. O ambiente sócio-cultural está em processo de laicização e de degradação ética. As famílias exercem menos influência na educação dos filhos. A catequese é mais escolar e está mais dissociada da vida comunitária. Os catequistas têm menos vivência cristã e, porventura, menos formação doutrinal, embora tenham mais cultura geral.

Neste contexto, a catequese de Iniciação Cristã afigura-se como uma urgência. Parece ter chegado o tempo de corresponder às propostas do II Concílio do Vaticano que advogavam a renovação da catequese e o restauro do catecumenado. O catecumenado foi restaurado mas ainda não se tornou prática habitual. Entre nós tem havido esforços redobrados para renovar a catequese, embora nem sempre coroados de êxito, porque ainda há alguns sectores importantes que não foram atingidos pela desejada renovação. É caso para perguntar: então que nos falta? Tentarei apresentar alguns elementos de resposta a esta questão.

2. Catequese e Iniciação Cristã

De acordo com as orientações da Conferência Episcopal Portuguesa, o nosso plano de catequese aproximou-se do itinerário catecumenal e incide sobre os mesmos elementos fundamentais que constituem a estrutura orgânica da Iniciação Cristã. Esses elementos estão enunciados e bem desenvolvidos na introdução que é feita a cada uma das quatro fases. Assim, para a primeira fase propõe-se como objectivo fundamental a **inserção na comunidade**, para a segunda fase propõe-se **a vida na fé**, para a terceira fase propõe-se **a personalização da fé** e para a quarta fase propõe-se **o compromisso cristão**.

A nível de objectivos, eu diria que estamos bem porque há uma grande coincidência entre a nossa catequese e o itinerário do catecumenado. Restamos saber se os objectivos são alcançados e, caso o não sejam, temos que nos interrogar sobre as causas, tentando descobrir o que falha no longo itinerário de dez anos de catequese sistemática.

Sem querer ser pessimista, porque há frutos muito saborosos amadurecidos nos grupos de catequese, diria que a constatação mais generalizada é de que os dez anos de catequese, mesmo quando se concluem com a celebração do Crisma, não geram cristãos comprometidos com a fé que professam. A conclusão do ciclo catequético não nos dá garantia de inserção na comunidade, nem de vida na fé, nem de personalização da fé, nem de compromisso cristão. Todos temos a sensação de que algo nos escapa. Eu também tenho essa sensação em relação aos milhares de adolescentes e jovens que crismei. Os catequistas falam-me muitas vezes de debandada geral após o Crisma.

Nós chamamos-lhe catequese catecumenal e catequese de iniciação cristã. Talvez essa designação não traduza correctamente a realidade. A catequese que é ministrada às crianças e adolescentes consegue melhores resultados a nível de informação religiosa e de conhecimento, tipo escolar, do que de vivência cristã. E então que poderemos fazer para encontrar o rumo certo?

Permitam-me que faça uma comparação extraída do âmbito da psicologia clínica. Por vezes, os pais levam os filhos à consulta de psicologia, por dificuldades comportamentais. Quando o psicólogo diz aos pais que precisa de falar com eles, a reacção não se faz esperar: mas quem está doente é o meu filho não sou eu! É verdade. Mas as causas da disfunção comportamental encontram-se fora do filho. Nalguns casos os pais é que são a causa das dificuldades comportamentais do filho. Por isso, os pais é que precisam de ser tratados e não o filho.

Actualmente, entre nós, parece-me que na catequese se passa algo de semelhante, pelo menos em relação a três pontos sensíveis:

- A família não vive cristãmente (faltam os modelos);
- As catequistas não suprem a falta de modelos;
- A catequese é feita à margem da comunidade.

3. Algumas propostas para a acção

3.1. Se queremos adoptar o **modelo catecumenal** não o podemos adoptar apenas a nível teórico. Temos que o adoptar também a nível prático, privilegiando os elementos principais, a saber:

- Formação doutrinal;
- Inserção gradual na comunidade;
- Celebração litúrgica dos escrutínios;
- Intervenção dos «garantes» (pais, catequistas e padrinhos).

3.2. Apostar na **formação dos catequistas**. No Encontro Nacional de 1978, a formação dos catequistas foi considerada prioritária e digna de um notável investimento nacional. Trinta anos passados, ainda continuamos à espera de concretizar essa prioridade. É urgente definir um plano global de formação para catequistas, a nível nacional, diocesano e paroquial.

3.3. A participação na **vida da comunidade** e nas celebrações litúrgicas é um elemento fundamental da catequese. A presença dos pais, dos «garantes» e dos catequistas precisa de ser incentivada.

3.4. **Combate ao uniformismo.** A igualdade tão apregoada na nossa sociedade é um mito. Não há duas pessoas iguais. A caminhada na fé também não é igual para todos. Por facilitismo, não é justo que imponhamos o mesmo ritmo a todos, correndo o risco de definir a igualdade a partir dos mínimos. O ideal cristão aponta sempre para os máximos.

3.5. Por isso, as paróquias deveriam dispor de condições para que a caminhada da fé dos mais exigentes e com melhor preparação pudesse prosseguir, mesmo que os outros o não possam ou não queiram fazer. Os catequistas, as crianças, os pais e os «garantes» que desejam mais e melhor têm direito a ser ajudados no seu itinerário de fé. As paróquias deveriam garantir vida cristã de qualidade ao menos a um pequeno grupo que pudesse actuar como fermento no meio da massa.

4. Duas prioridades

O trabalho intenso, persistente e coordenado, orientado numa direcção, permitiu-nos avançar significativamente na definição do projecto global de catequese e na elaboração dos catecismos com o correspondente material de apoio. Importa que agora, continuando a acompanhar o projecto dos novos catecismos, nos voltemos, com o mesmo entusiasmo e persistência para outros dois objectivos essenciais da catequese:

- **A formação integral dos catequistas;**
- **A inserção dos catequizandos na comunidade cristã.**

Estudios

Fazer evoluir as representações sobre a catequese

Novas opções catequéticas de cinco países ocidentais

HENRI DERROITTE (*)

As coisas estão a mexer um pouco por todo o lado. O modo de fazer catequese ainda não evoluiu de uma maneira significativa no mundo ocidental, mas constatamos que esta questão se vai tornando central. Trata-se de propor outras entradas, de falar de uma forma diferente da transmissão. O recente texto sobre a orientação da catequese, em França, vem reunir um já longo número de documentos oficiais de outras Igrejas ocidentais sobre os novos desafios da transmissão religiosa.

Se todos esses textos são redigidos com a vontade de apoiar e de encorajar a prática de uma catequese aberta a todos os componentes da vida cristã, eles apresentam entre si diferenças de factos (no mínimo), de análise e de opções. Falta fazer um estudo mais exaustivo. No âmbito deste artigo de primeira investigação, limitar-nos-emos a um campo de análise restrito e a uma exploração breve.

Trabalharemos apenas alguns textos, escolhidos por serem procedentes de Igrejas ocidentais: as orientações nacionais para a catequese dadas recentemente nos EUA, na Alemanha, na Holanda, no Luxemburgo e na Bélgica. A escolha destes cinco países é muito empírica. No interior deste número da revista *Lumen Vitae*¹, as situações da França, da Espanha e do Quebec foram objecto de outras contribuições. Outros textos provenientes

(*) Henri DERROITTE é o actual director da revista e das edições *Lumen Vitae*. Recebeu em Outubro de 2006 um doutoramento *honoris causa* do Colégio universitário dominicano de Ottawa pelas suas investigações sobre a catequese e sobre a sua iniciação. É professor na Faculdade de teologia da Universidade católica de Lovaina, onde é o actual responsável da unidade de investigação em teologia pastoral.

¹ N.T. – Este artigo foi anteriormente publica na revista *Lumen Vitae*, a cujo número o autor se refere: *Lumen Vitae*, 2007, 62.

de outros países ocidentais poderiam igualmente ter sido examinados²; um trabalho análogo está a ser conduzido nas diferentes áreas culturais. Da mesma forma, nas escalas macro e micro, as investigações sobre fontes devem vir completar o estudo aqui iniciado. Na escala dos continentes (escala «macro»), é interessante examinar como o dossier catequético e missionário foi desenvolvido ao longo das recentes assembleias sinodais continentais. À escala de cada diocese (escala «micro»), é extremamente útil identificar e analisar os «projectos catequéticos diocesanos» redigidos depois das instruções dadas pelo *Directório Geral para a Catequese* de 1997, nº274.

Adoptaremos uma metodologia modesta e, seguramente, incompleta, para tratar dessas fontes. O que nos parece útil nesta revisão é dar as referências completas dos textos, fornecer um maior destaque à orientação de base e, essencialmente, contribuir com uma panorâmica sobre os aspectos destes textos que podem ter eco no recente *Texto nacional para a orientação da catequese em França*. Temos plena consciência do carácter subjectivo desta apresentação. Um trabalho mais longo, na base de grelhas de leitura mais construídas e aplicadas de forma sistemática daria resultados mais seguros.

Nos Estados Unidos da América

O *Directório nacional para a catequese (National Directory for Catechesis)*, promulgado pela Conferência episcopal dos EUA em Maio de 2005 depois da aprovação romana, é um documento de uma extensão considerável³.

Os bispos dos EUA tinham já produzido em Março de 1979 um primeiro directório nacional, intitulado *Sharing the Light of Faith. National Catechetical Directory for Catholics of the United States*⁴. Entre 1980 e os nossos dias, foram promulgados menos de uma dúzia de textos de finalidade catequética, dos quais o mais importante é, sem nenhuma dúvida, o longo (e brilhante)

² No quadro de uma investigação levada a cabo no seio da Unidade de teologia pastoral da Universidade Católica de Lovaina, um inventário detalhado dos documentos catequéticos nacionais, uma análise dos seus conteúdos, dos pontos de vista teológico, psico-pedagógico e pastoral é conduzida actualmente. Ver o site <http://www.uclouvain.be/past.html>.

³ UNITED STATES CONFERENCE OF CATHOLIC BISHOPS, *National Directory for Catechesis*, Washington, United States Conference of Catholic Bishops, 2005, 314 p.

⁴ O texto tinha sido, *a priori*, aprovado por Roma em Outubro de 1978.

documento sobre a catequese dos adultos, *Our Hearts were burning within us*⁵.

O novo Directório quer dar ao trabalho catequético um novo vigor, tendo em conta as evoluções (sócio-culturais), discernindo as prioridades, organizando a missão dos catequistas. Dividido em dez capítulos, ele pode ser resumido em três grandes partes: dar referências teológicas ao acto catequético, revelar as aplicações pastorais desses princípios para a renovação da catequese americana, examinar as diversas *mises en oeuvre* (actores, metodologias, publicações, etc.).

Nesse longo documento, podemos fixar as opções claramente apresentadas:

A instância sobre o conceito de inculturação da catequese. O texto consagra-lhe cinco páginas. Insiste sobre o pluralismo interno da sociedade americana contemporânea e mostra quanta urgência tem cada diocese para articular o melhor possível a fé e a vida. O texto detalha uma série de sete tarefas específicas nessa matéria⁶: vai da procura das sementes da Palavra, presentes na cultura, à atenção da linguagem e da cultura dos destinatários. A notar que esta secção insiste para que a inculturação não coloque em perigo (nem comprometimento, nem diminuição) a integralidade da mensagem cristã.

O texto insiste na utilização da memorização na catequese. Os elementos essenciais da fé cristã devem imperativamente ser aprendidos de cor: as orações de base, certos textos bíblicos, as partes da eucaristia, a lista de sacramentos, o ano litúrgico, a lista das principais festas, aí incluindo as festas marianas, os dez mandamentos...A lista é bastante longa. Esta insistência encontra vários tipos de justificação: uma memorização permite ter à sua disposição palavras para dizer a fé numa sociedade pluralista, dá um forte sentimento de pertença a uma mesma comunidade crente, situa o catequizado numa cadeia de crentes que, de ontem a hoje, professaram a sua fé e transmitiram-na fielmente.⁷

⁵ UNITED STATES CONFERENCE OF CATHOLIC BISHOPS, *Our Hearts Were Burning Within Us. A Pastoral Plan for Adult Faith Formation in the United States*, Washington, United States Conference of Catholic Bishops, 1999, 80 p.

⁶ *Directório Geral para a Catequese*, nº22, pp. 63-68.

⁷ *Ibid.*, nº 29, pp. 102-103.

O texto dá explicações muito explícitas sobre as condições a reunir para dar a primeira eucaristia das crianças. Ele lembra longamente que o sacramento da penitência deve preceder o da primeira eucaristia, que a catequese preparatória à penitência deve ser anterior e distinta daquela sobre a eucaristia. Estas insistências são a ocasião de pensar em diversas sinergias entre família, comunidade e responsáveis da catequese. Os pais devem ser integrados na preparação dos sacramentos de iniciação dos seus filhos, mas é o padre que determina se uma criança está preparada para receber pela primeira vez o Corpo de Cristo⁸.

Deve-se dar atenção à convocação e à formação dos catequistas. Sob um modo simultaneamente espiritual e pragmático, o documento americano dá conselhos para discernir quem convém chamar a tornar-se catequista⁹. O Directório dá, então, um verdadeiro plano de formação a esses catequistas: quer da sua formação inicial e da sua duração, quer da sua formação contínua. O texto elabora a lista das competências a adquirir e a manter ao nível «humano», «espiritual» e «intelectual». Este dossier, em particular, é objecto de uma atenção especial. Os bispos recomendam percursos de formação académica longa (eles lamentam que poucas faculdades de teologia tenham desenvolvido um departamento de catequética habilitado a emitir títulos suficientes).

Na Alemanha

O documento dos bispos alemães, *A catequese num mundo em mudança (Katechese in veränderter Zeit)* data de 22 de Junho de 2004¹⁰. Vem no seguimento de um texto sobre o dever missionário da Igreja alemã (*O tempo das sementeiras. Zeit zur Aussaat – Missionarisch Kirche sein*), que datava de Novembro de 2000¹¹.

⁸ *Ibid.*, nº 35, pp. 118-136.

⁹ *Ibid.*, nº 55, p. 236. O texto dá uma série de critérios de discernimento: que a pessoa pressentida seja conhecida do padre, que esteja em ligação com a comunidade, que tenha as qualidades morais necessárias, etc.

¹⁰ Disponível integralmente no site: <http://www.dbk.de/imperia/md/content/schriften/dbk1a.bischoefe/db75.pdf> (consultado a 22 de Março de 2007).

¹¹ Disponível integralmente no site: <http://www.verlautbarungen.weltanschauungsfragen.de/pdf/Zeit%20zur%20Aussaat%20-%20Missionarisch%20Kirche%20sein.pdf> (consultado a 22 de Março de 2007). Para um comentário desse texto, ver H. MÜLLER, "Apresentação do texto dos bispos alemães: «O tempo das sementeiras. Ser uma Igreja missionária»", em *Lumen Vitae*, 56, 2001, pp. 105-112.

O fio condutor deste texto é anunciado a partir da introdução, pelo cardeal Lehmann: «A catequese está intimamente ligada à vida da Igreja no seu conjunto. Uma reorientação fundamental sobre a dimensão missionária da Igreja não pode ficar sem consequências sobre a orientação da catequese».

Se a forma do «tornar-se – cristão» e do «ser – cristão» é, hoje, mais claramente que antes, fundada sobre um julgamento e uma decisão pessoais, isso conduz a um certo perfil catequético. O testemunho pessoal nas diferentes situações da vida deveria marcar cada vez mais a forma e a estrutura da catequese. Este texto quer contribuir para apresentar um esboço de uma catequese de orientação missionária bem como as suas perspectivas, e convidar a desenvolver uma prática correspondente.

Este documento da Conferência episcopal está estruturado de uma forma rigorosa. Segue uma metodologia clara: partindo da evocação do objecto da catequese, aplica-se em mostrar as evoluções sociais que aí redesenham a sua implementação. Mostra as deslocamentos necessárias, apoiando-se no modelo catecumenal. Dá, de seguida, orientações quanto às escolhas psico-pedagógicas, aos locais da catequese, aos actores, e termina com uma secção (nº7) intitulada: «a catequese como dimensão de toda a acção eclesial – mas todas as acções eclesiais não são da catequese».

Debrucemos a nossa atenção sobre os quatro pontos seguintes:

– O texto dos bispos alemães não é construído sobre a distinção clássica entre «primeiro anúncio» e «catequese». Situado numa perspectiva nova, missionária, ele toma como ponto de apoio a estrutura catecumenal, o «tornar-se cristão»: «A sucessão do primeiro anúncio e da catequese, que seria ideal, encontra no quotidiano da prática catequética dificuldades sensíveis. É sobretudo na catequese dos sacramentos que ele aparece claramente segundo esta ordem – do primeiro anúncio à catequese – o que corresponde pouco à realidade¹². O que se faz frequentemente na catequese, na primeira comunhão ou na confirmação, não corresponde quase nada à missão da catequese no sentido estrito, mas sim, antes, ao primeiro anúncio, na qualidade de primeiro grau de evangelização. A catequese não pode, então, ser submetida a um desenvolvimento intimamente esquemático. É bem mais um processo complexo de múltiplas facetas, *«uma formação*

¹² Nesse sentido também: João Paulo II, *Catechesi Tradendae*, nº19.

cristã global. (...) A fé quer ser conhecida, festejada, vivida a partir da sua dinâmica interna e ser assim traduzida em oração. A catequese deve assegurar cada uma das suas dimensões»¹³.

– O texto que analisamos estabelece uma ligação forte entre dimensão externa e interna. A capacidade de anunciar ao mundo está ligada à qualidade do testemunho vivido, a missão supõe o recolhimento: «Uma catequese de orientação missionária caracteriza-se, antes de mais, pelo facto de que concedemos uma maior importância ao seu aspecto pessoal. Se a fé não é mais transmitida pelos vectores de socialização da comunidade, o testemunho missionário de cristãos credíveis torna-se aí cada vez mais importante. E por isso, é preciso ter as competências adequadas: a capacidade de informação e a capacidade de expressão na fé. A orientação missionária da acção da Igreja para o exterior (missão) exige desde logo um movimento simultâneo para o interior (recolhimento). Se os cristãos se juntam, tornam-se seguros, em comum, da sua fé e desenvolvem, enquanto cristãos responsáveis, a sua capacidade de expressão e de informação, isso faz aumentar a força de testemunho da acção eclesial para o exterior. O recolhimento é necessário para que a missão possa ser vivida!»¹⁴.

– Nos dois textos de 2000 e de 2004, destaca-se a paróquia. Mas a articulação entre comunidade e catequese é conduzida de uma forma realista e concreta. Estes pastores julgam indispensável facilitar, para aquelas e aqueles que o desejam livremente, uma experiência concreta de Igreja. Eles pensam aqui nas comunidades que possam ser espaços de iniciação, de experimentação e de verificação dos caminhos da fé cristã. É de notar que os bispos alemães não identificam imediatamente essas comunidades às paróquias. Eles falam de «biótopos» de fé vivida, de «grupos mais criadores» que possam tecer os laços com as formas actuais de grupos que visam a solidariedade, a participação, a troca e a comunidade em rede. Quando abordam explicitamente a paróquia, começam por escrever: «A catequese – a experiência mostra-o – pode transmitir apenas o que é vivido concretamente»¹⁵. Do outro lado do Reno, os bispos querem voltar a colocar a catequese no centro da reflexão pastoral paroquial, mas sem fazer, no entanto, misturas: «Quase todos os domínios da pastoral paroquial estão

¹³ *A catequese num mundo em mudança*, nº 3.2.

¹⁴ *Ibid.*, nº 2.2.

¹⁵ *Ibid.*, nº 5.2.

abertos à acção catequética, mesmo se eles não se concebem como campo de acção da catequese no sentido estrito. Isso vale, por exemplo, para os conselhos paroquiais e outros órgãos, os círculos bíblicos, os círculos de pessoas que educam sozinhas os seus filhos e os celibatários, pessoas da terceira idade, comunidades religiosas, grupos de reformados, coros e diferentes formas de serviço voluntário». Juntemos ainda um ponto essencial. Da mesma forma que estes textos não identificam automaticamente a paróquia a uma comunidade, eles presumem que nem toda a catequese é feita na paróquia. É necessário ler os extractos sobre o ambiente local das paróquias, que evocam:

- *Os lugares impregnados de uma força de irradiação espiritual e cultural particular*, por exemplo, os mosteiros, as igrejas de peregrinação, as igrejas de penitência, as paróquias ou as igrejas que apresentam ofertas específicas de música religiosa, liturgia ou de comunicação.
- *As instituições supra-paroquiais*, como por exemplo, os locais de formação familiar ou as casas de formação que reúnem adultos – certas casas, mais especificamente de jovens adultos – e apresentam também numerosas oportunidades de troca catequética. Isso vale sobretudo, e cada vez mais, para a *formação teológica dos adultos* e para as *academias católicas*. Esses locais representam uma oferta aberta na qual organizam o diálogo entre a ciência da fé e os temas significativos para a sociedade e convidam a uma reflexão crítica num ambiente pluralista.
- *As formas específicas de experiência comunitária*, por exemplo, no domínio das instituições de formação, da pastoral, das escolas, dos deficientes e dos hospitais, apresentam também, do ponto de vista catequético, pontos de ancoragem para uma catequese orientada segundo grupos alvo e temas de vida¹⁶.

– O texto permite por fim associar, distinguindo, a catequese dos outros sinais evangelizadores da Igreja: «A acção catequética é indispensável à comunidade de fé da Igreja. A missão de transmitir a fé, que ela própria recebeu e da qual ela vive, reconstrói-se do próprio ser da Igreja. É necessário distinguir a catequese, como campo de acção próprio, dos outros domínios de acção eclesial. Ela é também o local de aprendizagem organizado da fé,

¹⁶ *Ibid.*, nº 5.5.

caracterizado pelos factores que condicionam os processos didácticos e metódicos da aprendizagem: professores e alunos, grupos de aprendizagem, conteúdos, métodos e objectivos, etapas estruturadas da aprendizagem, condições organizacionais de base, poderes organizadores responsáveis, acessórios e materiais de trabalho, etc. Enquanto “escola da fé”, a catequese está em relação imediata com o que provém da vida da fé nas suas diferentes realizações: ela tem uma função de introdução, de aprofundamento ou de consolidação. Outras realizações concretas da vida da Igreja têm, é verdade, uma dimensão católica própria, mas não é preciso juntá-las à catequese no sentido estrito. Assim, por exemplo, a oração é uma realização autónoma que exprime a relação com Deus. O orante faz a experiência para que a sua relação com Deus ganhe, na oração, em profundidade e em intensidade. Por outras palavras: na oração, ele “aprende” algo mais para a sua fé e, neste sentido, a oração tem uma dimensão catequética. Não obstante, contrariamente ao que se passa na catequese, o “efeito de aprendizagem” catequética resulta aqui do cumprimento da própria oração e não é o objectivo ambicionado»¹⁷.

Na Holanda

A conferência episcopal da Holanda produziu uma carta sobre a catequese intitulada «*O esplendor da Palavra de Deus*» («*De glans van Gods woord*») em Dezembro de 2004¹⁸. Trata-se de um texto preparatório para a redacção de um *Directório catequético nacional*, ele convida os cristãos a interrogar-se e a formular sugestões ao *Officium Catecheticum* (órgão criado depois do *Directório* de 1997) da conferência episcopal holandesa num prazo de 16 meses.

Este documento centra-se na catequese paroquial. Ele dirige-se a todos os actores da catequese e, num contexto mais extenso, a todos os cristãos, para que um movimento de discernimento eclesial se faça, ao serviço da renovação da transmissão religiosa. Este documento de trabalho intermediário contém, apesar de tudo, de agora em diante, pistas privilegiadas para o futuro da catequese holandesa. Ele insiste enormemente sobre o

¹⁷ *A catequese num mundo em mudança*, nº 7.

¹⁸ Texto disponível no site: http://www.katholiekederland.nl/rkkerk/catechese/documenten/detail_objectID561948.html (site consultado a 22 de Março de 2007).

lugar da comunidade. Dá uma série de qualificativos à catequese emergente: iniciática, catecumenal, missionária, sacramental, litúrgica e mistagógica.

Uma vez mais, examinemos alguns pontos do documento:

– A carta dos pastores de Holanda desenvolve uma longa secção sobre os fundamentos da vida cristã. «Tudo começa por um encontro» dizia P. Schillebeckx. Aqui, leremos: «A fé provém de um encontro que toca toda a nossa existência. Assim, a fé não é, antes de mais, um processo da nossa inteligência, um raciocínio. A tendência para a autenticidade e para a experiência na opinião actual sobre a religião recorda-nos que a fé é um assunto do coração, da alma, dos sentidos e da inteligência»¹⁹. Desta forma, a carta recusa considerar o justo posicionamento das reflexões sobre o futuro da catequese nos assuntos de estratégia, de métodos, de marketing. «A catequese não é, antes de mais, uma questão de método ou de técnica, mas uma procura do que a fé em Jesus Cristo significa para a nossa existência e a dos outros. É uma viagem que nos conduz para uma Realidade que nos ultrapassa. É uma viagem que nos proporciona descobertas maravilhosas e que nunca tem fim».²⁰

– Neste texto sobre a catequese paroquial, é essencial uma deslocação de representação, que comanda e precede todas as evoluções ulteriores: «Gostaríamos que a catequese se tornasse uma preocupação de todos»²¹. Certamente, outros textos de outros países dirão a mesma ideia, mas os bispos holandeses encontraram aqui palavras convincentes para explicar esse primeiro movimento: «é desejável que evoluamos para uma comunidade eclesial que considere a catequese como «a sua preocupação». A catequese não é uma tarefa exclusivamente dos catequistas. Ela é transportada por todos aqueles e todas aquelas que se sentem implicados na comunidade eclesial local. Isso implica particularmente que a catequese faça parte orgânica da pastoral e que a catequese se reenvie sempre à comunidade eclesial na sua totalidade. Aquelles e aquelas que recebem a catequese sentem-se acolhidos por toda a comunidade. E a comunidade na sua totalidade revive a sua própria fé graças aos seus laços com os catequizandos. Assim, aqueles e aquelas que dão a catequese sentem-se

¹⁹ *O esplendor da Palavra de Deus*, nº2.

²⁰ *Ibid.*

²¹ *Ibid.*, Introdução.

amparados por toda a comunidade. Essa penetração da catequese na vida eclesial inteira – tão diaconal como litúrgica – dá-lhe uma nova força e inspira a comunidade»²².

– A carta de Dezembro de 2004 propõe claramente romper com o sistema de idades prescritas. Não é porque se atinge tal idade que devemos estar preparados para tal sacramento. Inspirando-se na liberdade e na imprevisibilidade de itinerários de pessoas e indo, finalmente, para a questão do catecumenato baptismal, o texto holandês propõe o seguinte: «a diversidade do público visado pela catequese paroquial exige a passagem de uma catequese cronológica a uma catequese que seja multiforme, atraente e criativa e que acompanhe os diferentes momentos e desenvolvimentos na vida. Hoje em dia, entramos em contacto com a Igreja noutros momentos e locais para além daqueles que conhecíamos na nossa catequese tradicional, que era estabelecida em idades precisas. Há também um número crescente de homens e de mulheres que só descobrem a fé tardiamente nas suas vidas»²³.

– O texto centra-se no lugar da catequese no seio das comunidades. Procura demonstrar que a catequese é fonte de renovação para toda a vida cristã local. Uma das condições desse benefício é a passagem de uma catequese separada por secções de idade a uma catequese intergeracional: «Ela reúne os jovens e os mais velhos para que uns possam aprender dos outros, mutuamente. Os jovens podem experimentar como as pessoas mais velhas já percorreram todo um caminho. Os mais velhos podem aquecer-se com o calor e o entusiasmo dos jovens. Assim, quando os jovens recebem o sacramento da confirmação, isso pode ser, para toda a comunidade, uma ocasião para se recordarem da sua própria confirmação. (...) Já que, através da catequese, não são apenas aqueles que recebem a catequese, mas é toda a comunidade que acede a uma fé adulta»²⁴.

No Luxemburgo

A reflexão nacional sobre a catequese apoia-se actualmente numa carta pastoral do arcebispo do Luxemburgo, Monsenhor Fernand Franck, datada

²² *Ibid.*, nº 3.

²³ *Ibid.*, nº 3.

²⁴ *Ibid.*, nº 4.

de 2 de Fevereiro de 2004²⁵. Trata-se, na realidade, de uma longa carta de Quaresma intitulada: «*Partilhar a fé. A catequese, um desafio para a Igreja.*»

Este documento não tem a amplitude do texto dos vizinhos alemães. Ele é escrito para reconfortar, encorajar e orientar os actores da catequese. Ele mostra o quanto as evoluções da sociedade obrigam a Igreja luxemburguesa a ser «uma Igreja que, numa renovação permanente, está à procura da fé, que a partilha e a propõe»²⁶. O texto parte de uma evocação da definição da catequese; de seguida, faz uma análise das incertezas do mundo actual, lembra o objectivo da transmissão religiosa, aponta os locais e os actores particularmente ligados a esta missão e conclui com uma declaração sobre a responsabilidade comunitária da catequese.

Também aqui revelamos alguns pontos significativos:

– O pastor do Luxemburgo esforça-se por associar um projecto catequético global, oferecido a todas as idades, e as preocupações específicas das crianças, adolescentes, adultos, ou idosos. A propósito da delicada questão da formação cristã da juventude, ele mostra o crescimento da importância da pastoral dos movimentos da juventude, ao lado das estruturas paroquiais. «As ofertas da pastoral dos jovens permitem à fé exercer-se concretamente, a fé é aí celebrada e exprime-se nas acções. As organizações de juventude oferecem, para além disso, a possibilidade de praticar a fé cristã concretamente, no seio de uma comunidade, no compromisso pelo próximo. Um grande agradecimento, nesse contexto, aos guias e aos escuteiros, à juventude rural católica e aos acólitos da missa»²⁷.

– Monsenhor Franck desenvolve longamente a importância da catequese dos adultos. Mas – o que é mais original – ele dá-lhe também um quadro e uma pedagogia apropriada: «Os homens encontram-se comprometidos num processo de aprendizagem que durará toda a sua vida. Aprender significa mais do que adquirir um saber determinado; aprender significa antes de mais «aprender a aprender», ou seja, aprender a tornar-se capaz de enfrentar por si próprio a novidade e torná-la sua. Estas reflexões continuam a ser

²⁵ Texto disponível no site: <http://www.cathol.lu/spip.php?article267> (site consultado a 22 de Março de 2007).

²⁶ *Partilhar a fé. A catequese, um desafio para a Igreja*, nº5.

²⁷ *Ibid.*, nº 4.

válidas no domínio da catequese para adultos, que deverá fazer-se sob a forma de um diálogo entre essas pessoas, as suas possibilidades, as suas questões e o evangelho. O diálogo estabelece entre os homens, relações e mudanças – e cada um é simultaneamente aquele que dá e aquele que recebe. Esta via do diálogo deve, ainda, ser frequentemente procurada e descoberta, mas ela é, sem dúvida, a única que está susceptível de conduzir os adultos a uma fé mais profunda»²⁸.

– Outro ponto em destaque no texto, são as famílias. Certamente, o arcebispo sabe que a transmissão religiosa aí já não é automática. Mas esta constatação não pode, em nenhum caso, conduzir ao abandono da atenção prioritária a conceder às famílias: «contribuição das famílias neste domínio. Tudo o que as crianças descobrem na sua família, a protecção, o amor, os valores fundamentais que são a sinceridade, a verdade, o respeito pelos outros e pela criação ... são os fundamentos preciosos de uma educação religiosa, as fundações sobre as quais a catequese se pode construir. Encorajo, então, os pais, e mesmo os avós, a fazer o seu melhor, segundo os seus meios, e a aproveitar a ocasião para aprofundar a sua própria fé»²⁹.

Na Bélgica

A reflexão do episcopado belga tomou recentemente amplitude e dá as marcas tangíveis de renovação. Em Setembro de 2006, os bispos publicaram um longo documento, «*Tornar-se adulto na fé. A catequese na vida da Igreja*»³⁰. Em seguida, eles encarregaram o primaz da Bélgica a comentar este texto ao longo de «artigos» publicados cada mês nas revistas diocesanas³¹, fizeram da catequese a prioridade apostólica do ano pastoral 2006-2007 e dos seguintes; criaram uma nova estrutura nacional, a saber, uma «Comissão Interdiocesana de Catequese».

Se o texto dos pastores belgas é centrado na catequese dos adultos, ele desenha melhor os contornos de uma catequese renovada. A sua parte

²⁸ *Ibid.*, nº 3.

²⁹ *Ibid.*, nº 3.

³⁰ BISPOS DA BÉLGICA, *Tornar-se adulto na fé. A catequese na vida da Igreja*, col. *Declaração dos bispos da Bélgica*, nº34, Bruxelas, Ed. Licap. 2006, 80 p.

³¹ Os diversos textos do Cardeal Danneels estão acessíveis no site: <http://www.catho.be/single.aspx?id=2118&lng=fr> (site consultado a 22 de Março de 2007).

mais desenvolvida (secção 2, das pp. 22-59) apresenta longamente as orientações de uma pastoral catequética: lugar da Escritura, da comunidade, da liturgia, da oração, da vida moral, das questões de sentido, etc. O texto é concluído por uma série de dez recomendações práticas.

Centremos a nossa atenção em quatro traços significativos deste rico documento:

– O texto produz diversas aproximações ao conceito de catequese, mas ele concentra o essencial numa só definição, dada no nº 32. Não é, certamente, uma formulação leve e elegante, mas ela pode servir para articular numa só fórmula diversos elementos frequentemente dispersos: «Ela é verdadeiramente iniciação, conduz ao coração da vida cristã. Ela não é simples transmissão de conhecimentos, mesmo se aí se ensinam e se aprendem muitas coisas. Ela não é, então, idêntica a um trabalho de formação ou a uma escola de teologia. Dirige-se a toda a comunidade crente e quer introduzir-se na vida dessa comunidade. Missão permanente, ela nunca está terminada, mesmo se se torna mais intensa e mais festiva quando certos momentos ou etapas da fé e da vida são celebradas».

– Os bispos belgas dão continuidade à distinção entre «primeiro anúncio» e «catequese». Ao contrário dos seus homólogos alemães, eles observam que «o primeiro anúncio é claramente diferente da catequese»³² e apoiam-se nisso no *Directório* de 1997, nº61. A catequese segue um princípio e condu-lo a uma conclusão. Aquilo a que se chama frequentemente de catequese, não o é na realidade. Esta distinção reafirmada serve principalmente para se interrogar sobre os actores deste primeiro anúncio. Num dos seus comentários, o cardeal Danneels escreve o seguinte: «É um facto de que dispomos de numerosos catequistas capazes de explicar, mas de bem poucos verdadeiros “anunciadores”, aptos para tocar os corações. Abundantes são aqueles que explicam a fé, mas pouco numerosos são os evangelizadores que sabem penetrar no coração. Precisamos, então, de muitos mais evangelizadores. As seitas dispõem, cada vez mais, mais do que nós, e são eficazes»³³.

³² *Tornar-se adulto na fé. A catequese na vida da Igreja*, nº 22.

³³ Card. G. DANNELS, *Tornar-se adulto na fé. Três etapas sobre o caminho da fé*, Outubro de 2006, a ler no site: <http://www.catho.be/files> (site consultado a 22 de Março de 2007).

– Após esta distinção, o texto recusa chamar «catequese» a todos os passos preparatórios para a primeira comunhão, profissão de fé, confirmação (cf. nº34). Tal também serve para as preparações para o casamento sacramental: «O que frequentemente na nossa prática pastoral habitual chamamos de catequese deveria antes ser chamado primeiro anúncio»³⁴. Qual é a consequência desta resistência? Diz o texto: «a sobreposição automática entre catequese e instrução das crianças e dos adolescentes merece ser abandonada» (nº 35), «porque a socialização religiosa partindo de si limita-a, a tónica deve ser posta numa fé que seja o fruto de uma escolha pessoal e fundamenta» (nº 36).

– O texto convida a um «mergulho» numa comunidade de fé (nº 64 e ss.). Os bispos recusam limitar o acto catequético a uma transmissão de conhecimentos, «a catequese e a iniciação à fé pedem mais» (nº 64). Para provar a fé, é necessário aceitar estar mergulhado na vida de Igreja. Baseando-se nisto, e sobre diversos documentos da Igreja universal, os pastores belgas querem que a catequese caminhe juntamente com a vida de uma comunidade local e apontam sobre este aspecto três precisões: a liturgia, a vontade das pessoas e o acolhimento³⁵.

– Se a catequese não se limita a uma transmissão de conhecimentos, a importância dos conteúdos é, contudo, cada vez mais reafirmada. A declaração dos bispos da Bélgica convida diversas vezes à leitura do *Catecismo da Igreja católica*, ela pede para preservar a «expressão correcta» dos conteúdos (nº 110). Neste sentido, podemos citar de novo uma apreciação do primaz da Bélgica: «o que talvez faltou à catequese das últimas décadas, é o sentido de síntese. Por razões pedagógicas, devemos ensinar a religião de forma fragmentária. Mas alguma vez chegaremos a uma síntese? Ora, a fé só é credível se ela puder produzir uma interpretação definitiva do sentido da vida compreendida na sua globalidade»³⁶.

³⁴ *Tornar-se adulto na fé. A catequese na vida da Igreja*, nº24. Ver ainda o comentário do nº34: «Não se trata aí de uma catequese no verdadeiro sentido do termo».

³⁵ *Ibid.*, nº 65.

³⁶ Card. G. DANNELS, *Tornar-se adulto na fé. Tantas coisas mudaram*, Setembro de 2006, a ler no site: <http://www.catho.be/files> (site consultado a 22 de Março de 2007).

Como conclusão

Uma apresentação da evolução catequética não se mede com base em alguns documentos magisteriais. Temos consciência que o trabalho aqui brevemente começado deveria ser submetido a diversas outras balizagens. Em teologia pastoral, desconfiamos, com razão, de um trabalho que não se apoie numa observação concreta das práticas. A investigação catequética é também um trabalho de centros de estudos, de investigações pessoais ou em equipa de investigadores. A catequese ocidental deverá também contar com o resultado das investigações levadas a cabo por outras áreas culturais. Ela terá todas as razões para entrar em diálogo com as investigações das outras confissões cristãs, etc.

Como pequena ilustração da riqueza a esperar destas ampliações necessárias, poderíamos, por exemplo, apropriar-nos do documento final da Conferência Pan-asiática da Catequese que teve lugar em Singapura em Outubro de 1995: *Uma catequese renovada para a Ásia para o ano 2000 e mais além (A renewed Catechesis for Asia towards the year 2000 and beyond)*³⁷. Encontraremos o clássico e o original neste documento programático. O clássico: as fontes da catequese são as Santas Escrituras, a Tradição, o Magistério da Igreja, a Liturgia e o testemunho cristão. O texto acrescenta este toque: cada um desses elementos deverá ser «devidamente integrado e contextualizado». Mas nesta enumeração habitual, o documento de Singapura junta outros aspectos a ter também em consideração, como os valores presentes nas outras religiões e culturas asiáticas e também a leitura dos sinais dos tempos (e de citar explicitamente a promoção da justiça, o compromisso das mulheres, a defesa dos direitos do homem, o reconhecimento do papel dos laicos na Igreja).

³⁷ STATEMENT OF THE PAN ASIAN ON CATECHESIS, "A Renewed Catechesis for Asia Towards the Year 2000 and Beyond. Singapore, 23 October 1995", em Fr-J. EILERS (Ed.), *For all the Peoples of Asia. Federation of Asian Bishops. Conferences Documents from 1992 to 1996*, vol. 2, Quezon City, Claretian Publications, 1997, pp. 27-38.

